

Gabriela Dequech Machado

SEGURANÇA E VIOLÊNCIA NA UFSC:

Análise do discurso nos jornais *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia*

Monografia submetida ao curso de graduação
em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de bacharela em Jornalismo
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Tattiana Gonçalves Teixeira

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Machado, Gabriela Dequech
SEGURANÇA E VIOLÊNCIA NA UFSC: : Análise do discurso
nos jornais Diário Catarinense e Notícias do Dia / Gabriela
Dequech Machado ; orientadora, Tattiana Gonçalves Teixeira
Florianópolis, SC, 2017.
109 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão. Graduação em Jornalismo.

Inclui referências

1. Jornalismo. 2. Jornalismo; Jornalismo impresso. 3.
Segurança; Violência; Sociologia. 4. Universidade; Campus
Universitário; Segurança Universitária. 5. Análise do
discurso. I. Gonçalves Teixeira, Tattiana. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

Gabriela Dequech Machado

Segurança e violência na UFSC:

Análise do discurso nos jornais *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia*

Esta Monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de “Bacharela em Jornalismo”, e aprovada em sua forma final pelo Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 06 de fevereiro de 2017.

Prof.^a Rita de Cássia Paulino, Dr.^a.

Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Tattiana Gonçalves Teixeira, Dr.^a

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Daiane Bertasso Ribeiro, Dr.^a

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Maria José Baldessar, Dr.^a.

Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

O Trabalho de Conclusão de Curso, para mim, marca o fim de um período que teve início no ensino médio, quando comecei a sonhar com a graduação. Agradecer é, portanto, uma tarefa complexa, pois envolve todas e todos que, de alguma forma, contribuíram para o sucesso dessa jornada. Sou extremamente grata por ter encontrado tantas pessoas maravilhosas neste trajeto e jamais conseguiria colocar em palavras todos os agradecimentos que são necessários. Por isso, o que segue abaixo, é apenas uma singela homenagem a estes seres humanos iluminados com quem cruzei caminho.

A começar com os pais, avós, tios e tias, que sempre batalharam, insistiram e me apoiaram na busca por conhecimento.

Às professoras e professores, peças fundamentais deste enorme quebra-cabeças que chamamos de Educação.

Aos colegas de estudo e de trabalho, tão importantes para o crescimento e amadurecimento, tanto pessoal quanto profissional.

Às amigas e amigos, que tornaram incríveis os momentos de alegria e diversão - mas também se fizeram presentes nos dias de angústias e tristezas. Sou muito grata por ter vocês ao meu lado.

Ao Thiago, mesmo que nossas vidas tenham tomado rumos diferentes, enquanto trilhamos este mundo juntos, fizemos um ao outro mais fortes.

Ao meu psicólogo, que me ajuda a acreditar em mim mesma.

À minha irmã, Giovana, que me faz sorrir todos os dias.

E, principalmente, à minha orientadora Tattiana Teixeira, que exerceu papel fundamental para a execução deste trabalho e em diversos momentos cumpriu muito mais do que as funções previstas em seu contrato enquanto professora. Foi amiga, conselheira, chefe, mãe e inspiração. Foi também quem me mostrou como continuar, quando eu queria desistir. Ela tem mania de dizer que “a humanidade é um projeto que não deu certo”, mas tenho certeza que, se o mundo tivesse mais professoras/pessoas como ela, seria um lugar muito melhor. Obrigada.

RESUMO

Este trabalho monográfico de conclusão de curso analisa a cobertura relacionada à segurança na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) nos dois principais jornais impressos da Grande Florianópolis, o *Diário Catarinense* e o *Notícias do Dia*, no intervalo de maio de 2013 a maio de 2015. O período escolhido se refere aos dois anos centrais da gestão Roselane Neckel que foi marcada por uma ação da Polícia Federal (PF) dentro do *campus* da Trindade, em Florianópolis, no dia 25 de março de 2014 - fato que teve repercussão na imprensa local e nacional. Através da análise do discurso jornalístico impresso (SOUSA, 2004), esta pesquisa mostra como os jornais escolhidos contribuíram para o agendamento do tema (McCOMBS, 2009) e amplificação das discussões sobre violência e segurança. Para contextualizar o estudo, foi solicitado à Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina (SSP/SC) e à Secretaria de Segurança Institucional (SSI) da UFSC dados oficiais das ocorrências no mesmo período de análise da cobertura jornalística.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo impresso; Cobertura de segurança; Universidade; Análise do discurso.

ABSTRACT

This graduation monograph analyzes the security-related coverage of Federal University of Santa Catarina (UFSC) in the two main newspapers of Florianópolis, *Diário Catarinense* and *Notícias do Dia*, from May 2013 to May 2015. The chosen period refers to the two central years of Roselane Neckel's administration, which was marked by an operation performed by Brazilian Federal Police inside the Trindade *campus* located in Florianópolis, on March 25, 2014 - a fact that had repercussions in the national press. Through speech analysis of print journalism (SOUSA, 2004), this research shows how the chosen newspapers contributed to agenda-setting (McCOMBS, 2009) and amplification of violence and security discussions. In order to contextualize the study, official data of occurrences during the same period of analysis of journalistic coverage were requested to the Public Security Office of Santa Catarina and the Institutional Security Office of UFSC.

Keywords: Journalism; Newspapers; Security coverage; University; Speech analysis.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Capa do jornal *Notícias do Dia*, em 26 de março de 2014
- Figura 2:** Capa do jornal *Diário Catarinense*, em 26 de março de 2014
- Figura 3:** Reportagem “Mão ao alto, Florianópolis”, publicado pelo ND, em 3 de maio de 2013
- Figura 4:** Reportagem: “Dia de fúria em Florianópolis”, publicada pelo ND, em 16 de dezembro de 2013
- Figura 5:** Recorte da nota publicada na coluna Visor - Rafael Martini, pelo jornal *Diário Catarinense*, em 28 de dezembro de 2013
- Figura 6:** Reportagem sobre ocupação da comunidade Chico Mendes pela Polícia Militar, publicada pelo ND, em 2 de dezembro de 2014
- Figura 7:** Capa do jornal *Diário Catarinense*, publicada em 25 de fevereiro de 2015.
- Figura 8:** Recorte da nota publicada na coluna Visor - Rafael Martini, pelo jornal *Diário Catarinense*, em 28 de dezembro de 2013
- Figura 9:** Recorte da notícia publicada no jornal *Diário Catarinense*, em 9 de abril de 2014
- Figura 10:** Reportagem sobre a formação de policiais do Bope, publicada em página dupla no DC, em 5 de agosto de 2014
- Figura 11:** Recorte da nota publicada na coluna Visor - Rafael Martini, pelo jornal *Diário Catarinense*, em 28 de dezembro de 2013
- Figura 12:** Capa do ND, no dia 16 de julho de 2013, onde o projeto de iluminação da Capital não recebeu destaque.
- Figura 13:** Reportagem sobre o projeto de iluminação da cidade de Florianópolis, publicada pelo ND, no dia 16 de julho de 2013
- Figura 14:** Recorte da capa do jornal *Notícias do Dia* no dia 6 de setembro de 2013
- Figura 15:** Reportagem publicada pelo ND, no dia 6 de setembro de 2013
- Figura 16:** Capa do jornal DC, no dia 25 de julho de 2013
- Figura 17:** recorte da capa do DC, 25 de julho de 2013
- Figura 18:** Capa do DC no dia 15 de julho de 2013
- Figura 19:** Recorte da capa do DC, 15 de julho de 2013
- Figura 20:** Capa do DC no dia 6 de maio de 2014
- Figura 21:** Editorial publicado pelo *Notícias do Dia*, no dia 28 de março de 2014
- Figura 22:** Editorial publicado pelo *Notícias do Dia*, no dia 20 de agosto de 2013, tratando sobre a truculência policial em uma escola da Grande Florianópolis, onde um agente de Polícia utilizou uma arma de choque para conter um aluno adolescente
- Figura 23:** Editorial publicado pelo *Notícias do Dia*, no dia 2 de abril de 2014, tratando sobre o colapso do sistema carcerário catarinense
- Figura 24:** Editorial publicado pelo *Notícias do Dia*, na edição de 16 e 17 de maio de 2014, tratando sobre o aumento do número de mortes provocadas por armas de fogo em Santa Catarina

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD: Análise do Discurso
BO: Boletim de Ocorrência
BOPE: Batalhão de Operações Policiais Especiais
CFH: Centro de Filosofia e Ciências Humanas
DC: Diário Catarinense
ND: Notícias do Dia
PC: Polícia Civil
PF: Polícia Federal
PM: Polícia Militar
SC: Santa Catarina
SSI: Secretaria de Segurança Institucional
SSP: Secretaria de Segurança Pública
UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 Introdução	14
1.1. A produção de notícias e a opinião pública	16
1.2. Temática e método de pesquisa	19
1.3 O período de pesquisa e os jornais escolhidos.....	23
2 Cidade e Segurança Pública.....	31
2.1 Panorama da Segurança Pública na Grande Florianópolis.....	31
2.2 Retratando os agentes da Segurança	45
3 Diferentes enquadramentos	71
3.1 Iluminação	72
3.2 Portões no <i>campus</i>	74
3.3 Ação policial dentro da UFSC: 25 de março de 2014	79
4 (In)Segurança Universitária	84
4.1 Segurança institucional da UFSC	85
4.2 O entorno e a descontextualização	89
5 Conclusão	96
6 Referências Bibliográficas	103
7 Anexos	104
7.1. Ocorrências registradas na UFSC, nos anos 2013, 2014 e 2015	104
7.2. Dados solicitados à Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina...	105

1. Introdução

As decisões tomadas por editores e repórter nos bastidores da produção de notícias são menos acessíveis aos pesquisadores que o produto jornalístico que chega ao público. Também por isso que os veículos de comunicação podem ser classificados como excelentes fontes de pesquisa. Com o avanço da internet e digitalização dos acervos, jornais, revistas e programas de rádio ou televisão estão cada dia mais disponíveis aos pesquisadores. Para Shoemaker (1996), examinar o conteúdo produzido pela imprensa é fundamental para assimilar o impacto que os veículos de comunicação de massa podem ter em nossa sociedade.

O conteúdo de comunicação é interessante não só por ele mesmo, mas como um indicador da existência de diversas outras forças subjacentes. Estudar o conteúdo nos auxilia a inferir sobre fenômenos que estão menos abertos e visíveis: as pessoas e organizações que produzem conteúdo. Nós podemos perceber, por exemplo, quais demandas dos consumidores dão origem a determinados conteúdos, assim como quais configurações organizacionais e culturais contribuem para sua produção. (SHOEMAKER, 1996, p. 27, tradução nossa)¹

Historicamente, o ser humano sempre manifestou interesse e curiosidade em relação aos acontecimentos da atualidade. O trecho abaixo compõe um dos parágrafos da primeira tese sobre jornalismo: *De relationibus novellis*, de Tobias Peucer, defendida em 1690, na Universidade de Leipzig, na Alemanha. O autor já apontava que os jornais nasceram com o propósito de levar informação ao público, mas que, por trás desta atividade profissional, também existiam interesses financeiros.

Assim então, as causas da aparição dos periódicos impressos com tempestiva frequência hoje em dia, são em parte a curiosidade humana e em parte a busca de lucro, tanto da parte dos que confeccionam os periódicos, como da parte daqueles que os comerciam, vendem. (PEUCER, 2004, p. 17)

¹ Communications content is of interest not only in its own right, but also as an indicator of many other underlying forces. Studying content helps us infer things about phenomena that are less open and visible: the people and organizations that produce content. We can make inferences, for example, about the consumer demands that give rise to certain content, as well as about the organizational and cultural settings that contribute to its production (SHOEMAKER, 1996, p. 27)

Com o processo de globalização e a ascensão das relações capitalistas, o mundo tornou-se cada vez mais integrado e interdependente. As informações passaram a ser tantas e de lugares tão diversos que um único indivíduo já não conseguia obtê-las diretamente, gerando assim, uma necessidade de obter mais informações por outras fontes.

Para Adelmo Genro Filho, o desenvolvimento das formas, conteúdos e técnicas de produção das publicações periódicas está associado às mudanças na conjuntura econômico-social global e, principalmente, ao surgimento e consolidação da sociedade burguesa:

Que tais empresas sejam privadas e que as notícias sejam transformadas em mercadorias não é de se estranhar, pois, afinal, tratava-se precisamente do desenvolvimento do modo de produção capitalista. Logo, desde o seu nascimento, o jornalismo teria de estar perpassado pela ideologia burguesa e, do ponto de vista cultural, associado ao que foi chamado mais tarde de “cultura de massa” ou “indústria cultural” (GENRO FILHO, 2012, p. 31)

Ou seja, ao analisar o conteúdo da imprensa, não se pode perder de vista que os jornais são produtos a serem comercializados, portanto devem parecer atraentes e interessantes ao público. Apesar de a atividade jornalística ter como principal finalidade transmitir informação, os veículos de comunicação e seus produtos consistem em um híbrido entre informação, opinião e propaganda.

A seleção da informação a ser divulgada através dos veículos jornalísticos é o principal instrumento de que dispõe a instituição (empresa) para expressar sua opinião. **É através da seleção que se aplica na prática a linha editorial.** A seleção significa, portanto, a *ótica* através da qual a empresa jornalística vê o mundo. Essa visão decorre do que se decide publicar em cada edição privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e ainda omitindo diversos. (MELO, 1985, p. 59, grifos nossos)

Como explica Shoemaker (1996), ao considerar como conteúdo tudo aquilo que aparece na mídia acabamos com uma ampla variedade de fenômenos para analisar. Por isso, para conseguir encontrar sentidos nas pesquisas, é necessário criar algum tipo de ordem e utilizar metodologias específicas. Como “mídia” e “veículos de comunicação de massa” são termos muito abrangentes, a primeira delimitação deste Trabalho de

Conclusão de Curso (TCC) foi de que seriam analisados apenas conteúdos veiculados em *jornais impressos*.

Antes de apresentar as outras delimitações desta pesquisa ou de aprofundar o tema que foi estudado, escolhemos realizar uma breve apresentação deste complexo processo que é a produção de notícias. Acreditamos que, ao entender quais fatores estão relacionados à produção de conteúdo noticioso, teremos maior compreensão sobre *quais são* os principais acontecimentos abordados pelos jornais e *por quê são* estes os assuntos.

Vale ressaltar que o objetivo deste Trabalho não foi buscar informações sobre os bastidores da construção das notícias selecionadas para análise - para isso teríamos que entrevistar os jornalistas, editores e produtores dos veículos. Nesta monografia buscamos analisar o *discurso* dos jornais impressos. No entanto, para contextualizar melhor a pesquisa, escolhemos apresentar sucintamente as formas como os jornalistas costumam escolher e enquadrar as notícias, de acordo com autores e teóricos da área.

1.1. A produção de notícias e a opinião pública

A forma como as notícias são escolhidas e elaboradas consiste em um método que, muitas vezes, contribui para a repetição e intensificação da percepção sobre determinados temas. As notícias são o produto final de um processo complexo que se inicia na escolha e seleção sistemática de acontecimentos e temas de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas (HALL et. al., 1993).

Ou seja, o jornalismo tem sua própria maneira de perceber os fatos e também de reproduzi-los (GENRO FILHO, 2002). Quando as notícias passaram a ser consideradas artigos de consumo, foram elaborados critérios e técnicas para preservar as informações das crenças e perspectivas individuais de quem estava narrando os fatos. De acordo com Nilson Lage (1979), historicamente, nos meios de comunicação, as notícias são produzidas para tentar passar a impressão de serem impessoais e tendem a “produzir-se de modo que aparentemente eliminam-se as crenças e perspectivas” (LAGE, 1979, p.33).

Tendo em vista que a credibilidade é um fator crucial para que aconteça o processo jornalístico em sua integralidade - o que inclui produção, circulação e consumo (ALSINA, 1989) - os veículos de imprensa criaram métodos de seleção de informações e passaram a ordenar suas mensagens segundo categorias, de forma a garantir a qualidade de seu produto e preservar a confiabilidade do público. Desta forma, um dos primeiros passos se configura em selecionar quais acontecimentos serão cobertos pelos repórteres.

A teoria do *Gatekeeping*, que surgiu nos anos 50, nos Estados Unidos, descreve este processo: de escolher, entre um vasto universo de informações, quais serão apresentadas ao público. É um conceito jornalístico para explicar como é realizada a seleção e edição nos jornais e apresenta a ideia de que o fluxo de notícias tem que passar por diversos "gates" (portões, em inglês) até a sua publicação. Quem define o que será noticiado, de acordo com valor-notícia, linha editorial e outros critérios, são os "keepers" (guardiões, em inglês). *Gatekeepers* geralmente são editores e repórteres dos veículos de comunicação.

Talvez o aspecto mais importante do *gatekeeping* seja o fato de que assuntos e eventos não cobertos pela imprensa estejam ausentes na visão de mundo de grande parte do público. É fato que todos vemos o mundo de maneira diferente, todavia, as decisões tomadas pelos *gatekeepers* podem contribuir para a forma como uma pessoa enxerga sua realidade social. "As pessoas não tem como saber o que a mídia não lhes conta, a menos que experienciem diretamente" (SHOEMAKER; VOS, 2011, p 16).

Precisa ficar evidente, principalmente para quem estuda as notícias, que o processo de produção de conteúdo noticioso não é simples. O jornalista, profissional responsável por executar esta tarefa, constrói uma versão dos fatos que apurou, algo que Alsina (1989) denomina como "construção social da realidade":

A produção da notícia é um processo complexo que se inicia com um acontecimento. Não devemos entender o acontecimento como algo alheio à construção social da realidade do sujeito [...] Não existe leitura que seja descontextualizada e subjetivizada. É o sujeito observador que dá sentido ao acontecimento (ALSINA, 1989, p. 1, tradução nossa)²

Sendo assim, para que este processo de construção social da realidade seja o mais fiel possível aos acontecimentos e para conseguir definir, dentro de um imenso universo de informações, quais acontecimentos devem ou não ser publicados, foram elaborados, ao longo da história do jornalismo os *critérios de noticiabilidade* ou valores-notícia, estudados por diversos autores. Por exemplo, Peucer já apresentava uma ideia parecida em 1690:

² La producción de la noticia es un proceso complejo que se inicia con un acontecimiento. Pero no hay que entender el acontecimiento como algo ajeno a la construcción social de la realidad por parte del sujeto. [...] No hay lectura de la realidad que sea descontextualizada y subjetivizada. Es el sujeto observador el que da sentido al acontecimiento. (ALSINA, 1989, p.1)

Feitas estas observações, quanto ao autor, podemos nos ocupar agora da matéria dos periódicos. Esta (como a da história escrita), são as coisas singulares, fatos realizados ou por Deus através da natureza, ou pelos anjos, ou pelos homens na sociedade civil ou na Igreja. Pois bem, como estes fatos são quase infinitos, **cabe estabelecer uma seleção de modo que seja dado preferência aos axiomaticamente, ou seja, àqueles que merecem ser recordados ou conhecidos** (PEUCER, 2004, p. 20, grifos nossos)

Estas orientações auxiliam os jornalistas nas escolhas dos acontecimentos que devem ou não ser noticiados. Alguns destes critérios são apontados por Lage (1979): proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana.

Apesar de todos estes princípios, “o juízo vai inevitavelmente embutido na própria forma de apreensão, hierarquização e seleção dos fatos” (GENRO FILHO, 2002, p. 40). Ou seja, mesmo com todos estes procedimentos técnicos, é difícil para o profissional da imprensa deixar de fora do seu trabalho a sua própria visão de mundo, assim, este processo acaba por apresentar apenas aspectos de uma realidade, uma vez que é impossível apreendê-la em sua totalidade.

Shoemaker (1996) também propõe que, apesar de se basear nos acontecimentos do “mundo real”, o conteúdo produzido pela imprensa não descreve a realidade. A justificativa é que, ao aplicar sua própria lógica estrutural, os veículos de comunicação enaltecem determinados elementos e fatores, em detrimento de outros:

A realidade é necessariamente manipulada quando eventos e pessoas são realocadas para integrar notícias ou histórias de horário nobre. Existem diversas maneiras com que a mídia pode impôr sua própria lógica nos materiais coletados, inclusive enfatizando certos comportamentos, pessoas e estereótipos. [...] Uma das formas mais óbvias com qual o conteúdo da mídia estrutura um ambiente simbólico é simplesmente ao dar mais atenção (como mais duração, maior proeminência, e assim por diante) para certos eventos, pessoas, grupos ou lugares em detrimento de outros (SHOEMAKER, 1996, p. 37, tradução nossa)³

³ Reality is necessarily manipulated when events and people are relocated into news or prime-time stories. The media can impose their own logic on assembled materials in a number of ways, including emphasizing certain behaviours and people and stereotyping. [...] One of the most obvious ways in which media content structures a symbolic environment is simply by giving greater attention (in the form of more time, greater prominence, and so on) to certain events, people, groups and places than others (SHOEMAKER, 1996, p. 37)

Se o jornalista contribui para a construção de uma realidade social e para a forma como enxergamos o mundo, pode-se imaginar que sua atividade profissional tenha influência também na opinião pública. A ideia de que a opinião pública é formada, em grande parte, pelos veículos noticiosos foi apresentada por Walter Lippmann já em 1922, no livro *Public Opinion*, e resume, sem usar este termo, as principais características do que mais tarde seria conceituado como *agenda-setting*, ou agendamento.

A Teoria da Agenda, assim nomeada, nasceu no final dos anos 1960 quando dois professores, Don Shaw e Maxwell McCombs, com base em evidências empíricas, provaram que os jornais podem influenciar nas percepções do público sobre quais são os assuntos mais importantes no momento, criando assim uma agenda pública que é baseada na agenda da mídia (McCOMBS, 2009).

Ao estudar quais processos jornalísticos podem influenciar na opinião pública, podemos apresentar, além do agendamento, outro fenômeno relevante: o *framing*. O processo de agendamento se refere aos acontecimentos que, ao passarem pelos “portões” dos *gatekeepers*, acabam sendo considerados os mais importantes pelos leitores. Já o *framing* (enquadramento, em inglês), se refere à *forma* com que os acontecimentos são apresentados ao público. O enquadramento das notícias, ou como algo é apresentado ao público, interfere em como uma pessoa irá processar determinada informação.

Retornando ao processo de *gatekeeping*, percebemos que o efeito mais óbvio deste sistema é a capacidade de modelar a compreensão do público sobre o modo de funcionamento do mundo, criando os chamados “mapas cognitivos” (SHOEMAKER; VOS, 2011). Aparentemente, também devemos perceber que a utilização de determinadas palavras, ideias, expressões ou adjetivos modelam a forma como compreendemos os acontecimentos, destacando aspectos ou ocultando-os.

Ou seja, *gatekeeping* determina quais acontecimentos serão noticiados, *agenda-setting* contribui para determinar quais assuntos serão discutidos na sociedade e o *framing* sugere que a imprensa contribui para definir *como* ou *de que forma* compreendemos os temas agendados.

1.2. Temática e método de pesquisa

A escolha do tema e do método de pesquisa estão relacionados a vivências pessoais e profissionais. Enquanto aluna de graduação do curso de Jornalismo da UFSC, a análise qualitativa de reportagens fez parte da minha formação acadêmica. Logo no

início da graduação fui estagiária na Diretoria de Comunicação da UFSC, cumprindo minhas atividades dentro do Gabinete da Reitoria, durante a gestão das Professoras Roselane Neckel e Lúcia Pacheco. Uma de minhas tarefas era analisar qualitativamente a seleção diária de notícias veiculadas nos jornais sobre a UFSC. O *clipping* da Universidade é produzido diariamente pela Agência de Comunicação (Agecom). Pode-se dizer que foi a partir do desempenho desta função que surgiu a ideia deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Percebi, ao longo da graduação, que a discussão sobre insegurança no *campus* era frequente em conversas com colegas e na preocupação de familiares. Ao analisar diariamente o *clipping* passei a prestar atenção também no conteúdo das notícias relacionadas a crimes dentro do campus. Apesar de eu, particularmente, me sentir bastante segura dentro do campus, identifiquei que os assuntos violência e medo da criminalidade já eram tratados com bastante naturalidade pelos colegas acadêmicos. Por parte dos familiares, me habituei a escutar perguntas sobre como era estudar na Universidade “agora que está tão perigosa” ou pedindo para que eu “tomasse muito cuidado”, para “não andar sozinha à noite”. A partir destas experiências pessoais comecei vislumbrar esta temática como um bom objeto de pesquisa, posteriormente como monografia de conclusão de curso.

A escolha dos jornais a serem analisados não foi por acaso. Os impressos *Diário Catarinense (DC)* e *Notícias do Dia (ND)* são considerados os principais de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Embora possuam características diferentes quanto às definições de público-alvo e abrangência do território de cobertura, escolheu-se pesquisar neste dois jornais, entre outras motivações, pelo fato de pertencerem a grupos de comunicação diferentes. Com base na metodologia adotada, a ideia de pesquisar em mais de um jornal aparentou ser a mais rigorosa para auxiliar na compreensão do contexto por trás das notícias selecionadas.

A metodologia escolhida para a execução do Trabalho, a Análise do Discurso (AD), é um dos métodos científicos mais utilizados nas Letras, onde foi concebida, e também nas ciências sociais e humanas, em especial nas ciências da comunicação (SOUSA, 2004).

A principal proposta da AD é tentar entender e explicar os sentidos e o contexto que permeiam um discurso, ao invés de apenas analisá-lo linguisticamente (BRANDÃO, 2012). Em *Introdução à Análise do Discurso* (2012), Brandão explica que a AD nasce da necessidade de superar uma linguística que já não dava conta do texto em toda sua

complexidade. “A análise do discurso volta-se para o ‘exterior’ linguístico, procurando apreender como no linguístico inscrevem-se as condições sócio históricas de produção” (BRANDÃO, 2012, p. 103). Estas leituras críticas e reflexivas do discurso devem se basear não somente no olhar do pesquisador sobre a realidade, mas também no seu contexto.

Sendo assim, a metodologia auxilia na compreensão e análise das possíveis intenções presentes nos textos. De acordo com Sousa (2004), é por isso que a AD é muito empregada para analisar o conteúdo de jornais e revistas. A proposta adota a perspectiva de que a AD pode ter simultaneamente preocupações quantitativas e qualitativas. Desta forma, foi possível combinar a necessidade de processar uma grande quantidade de dados com a análise contextualizada destas informações, objetivos deste Trabalho.

Conforme sugerido por Sousa (2004), para realizar uma análise do discurso jornalístico impresso é importante levar em consideração alguns aspectos que contextualizam a narrativa como, por exemplo: “jornais e revistas que vão ser analisados, circunstâncias do fenômeno que está a ser estudado e conhecimento científico relevante para a interpretação dos dados recolhidos durante a pesquisa” (SOUSA, 2004, p. 11).

A introdução desta monografia apresenta informações consideradas relevantes para inserir o objeto de pesquisa em seu contexto. O processo de pesquisa e análise foi dividido em etapas, a saber:

- 1) Clipagem das notícias relacionadas à segurança/violência na UFSC e em Florianópolis, nos jornais impressos *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia*, no período compreendido entre maio de 2013 e maio de 2015;
- 2) Definição das categorias de análise;
- 3) Estabelecimento de um sistema de quantificação e categorização ou codificação do conteúdo;
- 4) Análise dos dados obtidos;
- 5) Interpretação dos resultados: esta é considerada a parte *qualitativa* da análise. Verificaram-se fatores que ajudam a compreender o discurso, como, por exemplo, objetivos do discurso e ações dos protagonistas; o tema, enquadramento e estrutura das narrativas; as estruturas textuais, vocabulário, estilo e significação; as fontes e citações; os procedimentos de objetividade, de intensificação, dramatização e de persuasão; o dito, o implícito e o não dito, o lembrado e o esquecido; o contexto gráfico e

associação a imagens, entre outros (SOUSA, 2004).

É importante esclarecer que o objetivo, ao analisar o discurso de grupos de comunicação diferentes, neste caso, não é de comparar um veículo com o outro ou deixá-los em situação de disputa, e, sim, buscar compreender quais informações alcançaram os leitores desses jornais sobre a situação da segurança e violência na UFSC e na cidade de Florianópolis. Conforme explica Soares (2008, p. 108), “a informação sobre a realidade precisa “chegar” ao indivíduo para que ele tenha medo e insegurança”.

A hipótese inicial deste projeto de pesquisa era de que a UFSC, principalmente o *campus* Trindade, estava sendo retratada como alvo de uma onda de violência e criminalidade. Ao pesquisar mais sobre esta temática, observou-se que as ditas “onda de violência” raramente evoluem quando repercutidas por apenas uma organização jornalística. De acordo com Fishman, é necessária a colaboração e interação entre meios e grupos de comunicação diferentes reportando um mesmo assunto para que ele seja considerado expressivo, “ondas de violência manifestam-se através da interação entre organizações jornalísticas” (FISHMAN, 1981, p. 376 - 377, tradução nossa)⁴.

Devido à bibliografia estudada anteriormente ao processo de documentação de dados, acreditávamos que encontraríamos na análise *quantitativa* as principais evidências sobre qual discurso jornalístico foi construído acerca do tema violência na UFSC. Contudo, escolhemos documentar também as notícias sobre a Grande Florianópolis, além das reportagens sobre a segurança na Universidade. Logo percebemos que o volume de informações sobre segurança no *campus* Trindade não configurava um dado tão relevante a ponto de justificar o embasamento da análise por inteiro. Conforme proposto por Sousa (2004), sabemos que a Análise do Discurso jornalístico impresso pode se amparar tanto na análise *quantitativa* quanto na *qualitativa*, ou em ambas ao mesmo tempo. Por isso, de modo geral, este Trabalho se baseou, principalmente, nos aspectos *qualitativos* dos materiais catalogados.

A proposta inicial de elaboração desta monografia tinha como objetivo geral analisar, nos jornais impressos *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia*, em período compreendido entre maio de 2013 e maio de 2015, o discurso e a agenda da mídia com relação à violência e segurança na UFSC em comparação aos dados oficiais de segurança pública e a cobertura da mesma temática na cidade de Florianópolis.

⁴ crime waves emerge out of an interaction among news organizations (FISHMAN, 1981, p. 376)

Enquanto os objetivos específicos foram definidos como:

- Caracterizar a cobertura dos jornais sobre a segurança e violência na UFSC e na cidade de Florianópolis no período em estudo;
- Verificar os índices de criminalidade oficiais identificados pela Secretaria de Segurança Pública da Grande Florianópolis e do Departamento de Segurança da UFSC (Deseg);
- Relacionar os dados oficiais com a cobertura jornalística em estudo;
- Refletir sobre o papel dos jornais no agendamento de discussões sobre violência/segurança junto à sociedade a partir da cobertura sobre a UFSC no período analisado.

1.3 O período de pesquisa e os jornais escolhidos

A UFSC, fundada em 1960, durante toda sua existência, exceto por um breve período de quatro anos, teve à frente da Reitoria apenas engenheiros, médicos e advogados - todos homens. Na delimitação do período a ser analisado nesta monografia, escolhemos estudar a gestão das professoras Roselane Neckel e Lúcia Pacheco.

Tal escolha justifica-se uma vez que esta gestão simbolizou uma figura de reitor(a) diferente da habitual na instituição: professora Roselane Neckel não era médica, nem engenheira ou advogada. A gestora eleita em 2011, que assumiu a Administração da UFSC em maio de 2012, é graduada em História e doutora em História do Brasil. Foi vice-diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da UFSC, de 2004 a 2008 e diretora deste mesmo Centro, no período de 2008 a 2012. Ao lado de sua vice, Lúcia Helena Martins Pacheco, que é engenheira e psicóloga, professora do Centro Tecnológico (CTC), entrou para a história da instituição como a primeira reitora desta universidade.

Sua vitória nas eleições de 2011⁵ teve mais um motivo para ser considerada histórica - enquanto os professores e técnicos-administrativos escolheram a oposição, foi o apoio de 67% dos estudantes que garantiu à Roselane e sua vice, Lúcia Helena Martins

⁵ **Nova reitora da UFSC, Roselane Neckel, é eleita com 6518 votos de alunos**

Com um índice de 0.5247, Roselane Neckel foi eleita a nova reitora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na noite desta quarta-feira. Paraná obteve 0.4753. (DC, publicado em 30 de novembro de 2011) <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2011/11/nova-reitora-da-ufsc-roselane-neckel-e-eleita-com-6518-votos-de-alunos-3580284.html>

Roselane Neckel é a primeira reitora da história da UFSC

A eleição e a apuração terminaram na noite desta quarta-feira, e a professora Roselane obteve 52,47% dos votos (Notícias do Dia, publicado em 30 de novembro de 2011)

<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/roselane-neckel-e-a-primeira-reitora-da-historia-da-ufsc>

Pacheco, o comando universitário no período de 2012-2016. Os números eleitorais mostram que o candidato adversário recebeu mais votos dos professores e técnicos-administrativos (1992 votos) do que a candidata eleita (que recebeu 1603 votos destas duas categorias). Entretanto, na categoria dos alunos, Roselane Neckel foi eleita com 6518 votos, enquanto o adversário recebeu menos da metade disso (3124 votos).

Outro fator que influenciou na escolha dos dois anos centrais desta gestão como período de pesquisa foi o acontecimento do dia 25 de março de 2014 – quando uma ação antidrogas da Polícia Federal (PF) no *campus* Trindade, em Florianópolis, culminou em um confronto violento entre as polícias federal, militar e integrantes da comunidade universitária. O fato alcançou repercussão nacional⁶ e ganhou amplo destaque nos veículos de comunicação locais, gerando capas, editoriais, reportagens e análises opinativas, conforme podemos observar nos exemplos abaixo:

⁶ **Prisão de aluno por porte de maconha na UFSC acaba em tumulto** - A confusão começou depois que a Polícia Federal solicitou o reforço da Polícia Militar para conter um grupo de estudantes (Jornal Nacional, TV Globo, edição do dia 25/03/2014) <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/03/prisao-de-aluno-por-porte-de-maconha-na-ufsc-acaba-em-tumulto.html>

Figura 1: Capa do jornal *Notícias do Dia*, em 26 de março de 2014



Figura 2: Capa do jornal *Diário Catarinense*, em 26 de março de 2014



O período escolhido para esta análise, portanto, compreende aproximadamente um ano anterior e um ano posterior a este episódio. O desejo inicial para a realização deste trabalho, enquanto pesquisadora, certamente era de analisar muitos anos de jornais, talvez os últimos dez anos, para assim conseguir construir uma narrativa ainda mais fundamentada sobre estes discursos e percepções sobre violência. Como o período para execução de uma monografia de conclusão de curso é relativamente curto - menos de um ano - foi necessário, infelizmente, diminuir ao máximo estas datas, base da pesquisa.

Vale ressaltar que o período pesquisado também precisou ser reduzido em função de questões operacionais. Jornais nacionais como *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* já possuem acervos digitais ou digitalizados, disponíveis para consulta, evitando ao pesquisador ter que se deslocar até o acervo físico do jornal ou à bibliotecas que possuam estas coleções, mas não é o caso do DC e do ND.

Tanto o *Notícias do Dia* quanto o *Diário Catarinense* possuem portais *online* e versão digital dos jornais impressos para assinantes, porém os jornais antigos digitais ou digitalizados não foram disponibilizados para consultas do público. Toda a pesquisa para este trabalho foi realizada manualmente, no setor de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC).

Sendo ambas publicações diárias e considerando que entre maio de 2013 e maio de 2015 somam-se 25 meses de jornais, o resultado é que foram analisadas aproximadamente 1400 edições. Todas as notícias, reportagens e artigos ou notas opinativas relacionadas aos temas “segurança”, “violência”, “UFSC” e “Grande Florianópolis”, foram catalogadas e digitalizadas pela pesquisadora através de fotografias, gerando cerca de 8 gigabytes de conteúdo digital. As notícias estaduais não foram selecionadas para análise neste Trabalho - que centrou suas atenções na UFSC e nas quatro maiores cidades da Grande Florianópolis (Florianópolis, São José, Biguaçu e Palhoça).

Entre os dois veículos, o *Diário Catarinense* (DC) é o mais antigo. Criado em 1986, em SC foi o primeiro jornal do Grupo RBS, que já atuava no Estado com a RBS TV. O objetivo era ser um jornal estadual, com uma linguagem e layout modernos, em formato tablóide (o primeiro de SC). Conforme divulgado diversas vezes pela empresa, orgulha-se de ter sido o primeiro jornal com redação informatizado da América Latina.

De acordo com o setor de comunicação institucional do veículo, como linha editorial o DC busca tratar os temas que são importantes para a comunidade⁷. Ao completar 30 anos, em 2016, o jornal divulgou que está buscando reafirmar seu posicionamento, “colocando-se como um articulador das forças regionais de Santa Catarina, abordando fatos de diferentes localidades do Estado e os temas de interesse dos públicos locais”.

O DC impresso é lido, majoritariamente, por pessoas com curso superior completo, consideradas pelo veículo como formadores de opinião. A tiragem média, de acordo com o site Meio&Mensagem⁸, em 2015, era de aproximadamente 35 mil jornais e sua audiência somando impresso e digital, é de cerca de 258 mil leitores/dia. Em 2016, o DC e as demais operações de televisões, rádios e jornais que atuavam sob a marca RBS em Santa Catarina passaram ao controle acionário do Grupo NC, porém durante o período em pesquisa (anos de 2013, 2014 e 2015) o jornal ainda pertencia ao Grupo RBS⁹.

O Grupo RBS é um dos maiores grupos empresariais multimídia do país. Suas emissoras de televisão e de rádio e seus jornais, presentes em todas as plataformas, são líderes de mercado no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Na época à qual se refere o corpus desta pesquisa, o grupo possuía como suas subsidiárias 18 emissoras de TV aberta afiliadas à Rede Globo (RBS TV), 24 emissoras de rádio e oito jornais impressos, além de atuar com empresas digitais e com negócios adjacentes.

O *Notícias do Dia* (ND), muito mais jovem do que o DC, foi criado em março de 2006 pelo Grupo RIC SC. De acordo com o setor de comunicação institucional do jornal, seu objetivo é “fazer um contraponto na informação praticada na cidade e atender os moradores da grande Florianópolis com informações de qualidade e regionalidade”¹⁰. O público-alvo são moradores da Grande Florianópolis, de classe média e média-alta e sua tiragem é de aproximadamente 6 mil exemplares.

O Jornal faz parte do grupo RIC SC, um grupo de comunicação composto por TV aberta, jornal, rádio e internet, que tem a matriz em Florianópolis, Santa Catarina. A Rede

⁷ Fonte: Romí de Liz, Comunicação Corporativa do Grupo RBS

⁸ **Meio & Mensagem - Portfólio de Mídia**

<http://portfoliodemidia.meioemensagem.com.br/portfolio/midia/DI%25C3%2581RIO+CATARINENSE/14382/home>

⁹ **RBS vende suas operações em Santa Catarina** - Anúncio do acordo foi comunicado na tarde desta segunda-feira (7). Novos proprietários garantem manutenção da independência editorial. (G1 SC, publicado em 07 de março de 2016) <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/03/rbs-vende-suas-operacoes-em-santa-catarina.html>

¹⁰ Fonte: Marina Rosa, Supervisora de Distribuição do Grupo RIC - Florianópolis/SC

Independência de Comunicação (RIC) é afiliada da Rede Record nos estados do Paraná e Santa Catarina.

A partir destes dados percebemos algumas diferenças que foram levadas em consideração no momento da análise do discurso:

a) os jornais se dispõem a cobrir, geograficamente, espaços diferentes. Enquanto o DC procura apresentar notícias de todo estado de Santa Catarina, o ND entrega ao público informações mais regionais, principalmente sobre a Grande Florianópolis. Percebeu-se, ao final da catalogação das notícias, que existia um volume maior de notícias sobre violência na cidade de Florianópolis veiculadas pelo ND, em comparação com o volume de notícias sobre este mesmo assunto no DC, o que, provavelmente, se justifica pelo fato de o *Diário Catarinense* se propor a realizar uma cobertura Estadual.

b) durante o período pesquisado, ambos jornais possuíam editorias fixas de *Segurança*, dentro das quais eram retratadas cotidianamente notícias sobre criminalidade e assuntos relacionados à segurança pública. Contudo, em 2015, o DC completou 30 anos e passou por ampla revisão na forma de produção e apresentação de seu conteúdo. Uma das principais modificações foi o layout do jornal impresso e sua nova divisão quanto às editorias. Todo o conteúdo *hardnews* de economia, política e polícia bem como os serviços sobre trânsito e previsão do tempo ficaram agrupados dentro da editoria *Notícias*. A seção de *Segurança* do DC deixou de existir, mas este processo não chegou a interferir na pesquisa para este Trabalho, pois foram analisados jornais apenas até maio de 2015, enquanto as mudanças no layout das editorias começaram a aparecer em outubro de 2015.

c) uma diferença marcante entre os dois jornais analisados é que o jornal impresso *Notícias do Dia*, além da editoria de *Segurança*, possui um colunista fixo que opina e apresenta informações sobre violência, criminalidade e segurança pública diariamente, o apresentador de televisão Hélio Costa. O fato de este apresentador, que também trata com intensidade esta temática em seu programa de televisão, possuir uma coluna no jornal impresso, pode contribuir como mais um fator para a grande quantidade de notícias sobre violência em Florianópolis apresentadas neste jornal, em comparação com o *Diário Catarinense*.

Levando em consideração estas características, podemos apresentar a estrutura desta monografia que se subdivide em três capítulos. No primeiro, será traçado um panorama geral de como os jornais DC e ND retratam a Segurança Pública da Grande Florianópolis e, por consequência, a situação da segurança no Estado de Santa Catarina.

O objetivo deste capítulo é situar a pesquisa historicamente, de forma a tornar a análise do discurso sobre objeto de estudo, a UFSC, mais clara e contextualizada. Também, a partir deste panorama, pretendemos apresentar a forma como estes jornais apresentam a segurança/violência, ou seja, quais são os principais enquadramentos quando o assunto é combate à criminalidade.

No segundo capítulo, apresentamos alguns exemplos de notícias que se destacaram durante o processo de pesquisa por apresentarem abordagens distintas entre Universidade e Cidade. Tratamos novamente de *framing*, ou enquadramento, mas desta vez analisando o discurso dos jornais diretamente sobre o objeto de pesquisa (a UFSC) em comparação com a Grande Florianópolis. Por exemplo, observamos, neste capítulo, que as reportagens sobre o *campus* Trindade e as pessoas que nele atuam, além de receber tratamentos diferentes quanto à linguagem utilizada pelos veículos noticiosos quando o tema é violência, foram apresentadas ao leitor com maior destaque gráfico e editorial do que problemas que dizem respeito ao Estado inteiro.

No terceiro e último capítulo, apresentamos um panorama da segurança institucional da UFSC, o contexto da segurança universitária no país e dados das ocorrências dentro do *campus* Trindade. Em outro tópico, abordamos a realidade no entorno deste espaço, de acordo com reportagens publicadas pelos jornais ND e DC, mostrando que, diversas vezes, as informações sobre crimes ocorridos na Universidade não apresentavam o contexto de violência que ocorre em toda a cidade. Finalizamos o capítulo analisando o discurso do DC, que enfatiza, em um editorial publicado pelo jornal, a necessidade de aprovar e incentivar a patrulha e atuação das polícias no *campus*.

2. Cidade e Segurança Pública

Em uma análise do discurso, metodologia proposta para este Trabalho, devemos contextualizar historicamente o discurso, para depois compreender suas características, o que está sendo dito e o não dito. Os discursos jornalísticos incidem sobre o real, para concretizar sua função informativa, mas também apresentam determinadas molduras ou enquadramentos para os temas (SOUSA, 2004). Neste capítulo vamos apresentar os principais temas abordados pelos jornais *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia*, com relação a Segurança Pública, e quais ângulos e enquadramentos foram percebidos.

2.1. Segurança Pública na Capital de Santa Catarina

Em 2015, o jornal *Diário Catarinense* completou 30 anos e traçou uma estratégia para reposicionar sua marca: abraçar uma causa catarinense. Pediu ao público para que escolhesse o mais relevante ou urgente entre três temas: duplicação de estradas, prevenção a desastres climáticos ou melhoria dos índices de segurança pública. Por 20 dias, quase 30 mil pessoas votaram nos meios físico e digital do jornal e escolheram a Segurança como tema prioritário.

Apesar de o público do DC ter escolhido, por meio de pesquisa do veículo, a segurança pública enquanto tema relevante apenas em 2015, durante a elaboração desta monografia, percebemos que a questão da segurança já recebia destaque no impresso, desde 2013, como mostra o editorial abaixo:

Questão de segurança

Houve tempo, e não faz tanto assim, que o Estado de Santa Catarina era apontado como um oásis de paz e tranquilidade em face da violência e da criminalidade em rápida ascensão em outras Unidades da Federação, com Rio de Janeiro e São Paulo na liderança das assustadoras estatísticas. Aliada aos seus belos cenários naturais e à qualidade de vida que aqui pode ser desfrutada, esta circunstância atraiu para cá milhares e milhares de migrantes oriundos de outras paragens do país.

[...]

Nos jornais, o editorial, em princípio, dá conta do posicionamento coletivo do veículo sobre determinado assunto. Neste exemplo específico, ao iniciar o texto de forma narrativa, como se fosse um conto ou crônica, o editorial dá pistas sobre qual enquadramento geralmente é utilizado no discurso à respeito da Segurança Pública. No

segundo parágrafo, ainda em tom de história infantil, aterroriza o leitor dizendo que SC possui altos índices de criminalidade:

[Continuação do editorial “Questão de segurança”]

Mas **tudo mudou** e hoje o Estado também enfrenta altos índices de criminalidade, com a agravante de não estar adequadamente equipado para reprimir à altura o malfeito e o malfeitor. **A sociedade, acossada e temerosa, que colocou a segurança pública no topo das suas reivindicações**, clama por ações e cobra a implementação do chamado Pacto pela Segurança, anunciado pela administração estadual.

O fato de que, até a última sexta-feira, existiam 11.662 mandados de prisão represados por falta de efetivos policiais para cumpri-los sintetiza essas carências com eloquência. Registre-se que, se porventura todos esses mandados fossem cumpridos, não haveria cadeia para todos os delinquentes devido à superlotação do decrépito sistema prisional do Estado. Ademais, foi do interior do sucateado complexo penitenciário que partiram as ordens de lideranças da facção criminosa autodenominada Primeiro Grupo Catarinense para as duas ondas de atentados, em novembro e fevereiro, que levaram o terror às ruas de diversas cidades de Santa Catarina.

Para começo de conversa, **o Estado precisa aumentar com urgência máxima o seu efetivo policial**, hoje composto por apenas 3.251 policiais civis (déficit de 3 mil) e 11,2 mil policiais militares (déficit de 4,3 mil). Mas não é só. É necessário também treinar efetivos para dar combate a modalidades de delitos emergentes. Entre estes, os chamados “crimes cibernéticos”. E ainda instalar delegacias especializadas para efetuar capturas, monitorar e dismantelar organizações criminosas, prevenir e reprimir o tráfico e o consumo de drogas, que é a praga do nosso tempo e condição, o veneno da nossa juventude. De justiça reconhecer que a administração está atenta a esta conjuntura e começa a dar os passos iniciais para corrigi-la. **Na raiz de tudo, a falta de maior efetivo policial**, como afirma o secretário estadual de Segurança Pública, César Grubba. Mas **mesmo com o efetivo ainda reduzido, ele anuncia a criação prioritária de três novas delegacias especializadas**: a de Combate ao Crime Organizado, a de Desaparecidos, em São José, e a Divisão de Investigação Criminal (DIC) em Florianópolis.

“A DIC – esclarece o titular da SSP – seria uma espécie de superdelegacia, abrangendo as atuais delegacias de Homicídios e Roubos, e sendo fortalecida pela delegacia de Entorpecentes, que combateria o tráfico varejista”. Este parece ser um bom começo. Em frente, pois. Para começo de conversa, o Estado precisa aumentar com urgência máxima o seu efetivo policial. (Opinião da RBS, DC, 6 de maio de 2013, grifos nossos)

Com este primeiro exemplo começamos a apresentar a estrutura narrativa utilizada pelos jornais DC e ND quando o assunto é segurança pública. Averiguou-se que, ao abordar este assunto, os jornais nos remetem às histórias em quadrinhos, de super-heróis que lutam contra vilões perversos. Ambos jornais transmitem ao leitor uma visão

maniqueísta de mundo, que vive uma dualidade entre bem e mal, entre pessoas boas ou ruins, entre *bandidos* ou *malfetores* e cidadãos de bem. Além disso, como se por hábito, o discurso destes veículos vitimiza a sociedade “**acossada e temerosa**”, que, impotente, aguarda as ações do Estado para resolver seus problemas: “clama por ações e cobra a implementação do chamado Pacto pela Segurança, anunciado pela administração estadual”.

Também em maio de 2013, foi publicada em página dupla, desta vez no jornal *Notícias do Dia*, a reportagem “Mãos ao alto, Florianópolis”, onde são narrados diversos acontecimentos violentos e apresentadas informações sobre criminalidade. A reportagem do ND mostra uma cidade insegura e transmite ao leitor a imagem de pessoas reféns da violência - foram entrevistadas vítimas de crimes e suas histórias foram narradas com recursos de dramatização. Novamente encontramos a imagem de cidadãos-vítimas que sofrem com as ações de bandidos. Neste caso, o poder público e a polícia também são apresentados como vítimas, que não possuem recursos suficientes para resolver as mazelas sociais.

O texto começa em tom ameno, mas gradativamente vai aumentando o fluxo de informações sobre violência cotidiana, em seguida somos apresentados à informação de que, em apenas cinco meses, foram registrados 500 assaltos na cidade de Florianópolis. Para quem já considera este número alto, se surpreende com uma informação ainda mais preocupante, de que o número de acontecimentos violentos é maior do que o registrado:

Mãos ao alto, Florianópolis

Insegurança. Ocorrências policiais crescem a cada dia e levam intranquilidade à população

Em toda Capital, há os crimes do cotidiano. Aqueles que só vão para as manchetes dos jornais quando acumulados em estatísticas. **Em Florianópolis, eles se resumem basicamente a roubos. Alguns precipitam a violência e acabam em morte, espancamentos ou violências sexuais.**

Desde que iniciou o ano a Polícia Civil já registrou 500 assaltos na cidade. Mas o número é bem maior. É sabido pelos delegados que um grande número de pessoas não registra BO (Boletim de Ocorrência). Entre estudantes o percentual não chega a 10% - mesmo com a facilidade do registro pelo sistema online: <http://sistemas.sc.gov.br/bocidadao/>.

[...]

Entre pesquisadores da área de criminologia e políticas públicas relacionadas à segurança (CARNEIRO; BORGES; CARDOSO et al.), é reconhecido que as estatísticas oficiais apresentam o problema da “cifra negra” ou “cifra obscura”, que é a subestimativa

do número real de ocorrências policiais. Não só no Brasil, como também em outros países, estima-se que a quantidade de crimes seja bem maior do que os números oficiais. Este fato acontece pois muitas vítimas não recorrem à polícia ou não registram as ocorrências por motivos diversos, desde falta de tempo para realizar o registro, incredulidade quanto à eficácia da ação ou medo da violência policial.¹¹

Na reportagem em análise, estes fatores foram explicados de forma superficial. Os leitores do ND que desconhecem a cifra negra, continuam sem conhecer este termo e sem saber que esta, infelizmente, é uma realidade do universo policial, não uma exceção que ocorre apenas na cidade de Florianópolis. Também continuam sem saber que existem outras formas de medir a violência, além dos registros policiais oficiais.

Por exemplo, no Brasil, não existe um sistema unificado de estatísticas policiais, por isso uma das alternativas para a falta de números confiáveis tem sido a utilização das estatísticas do sistema de saúde (CARNEIRO, 1999), entretanto estes dados permitem apenas análises específicas quanto aos homicídios e tipos específicos de lesões corporais.

Vale ressaltar que estas informações também não foram apresentadas ao leitor e que em seguida a reportagem continua apresentando informações pouco embasadas:

[continuação da reportagem “**Mãos ao alto, Florianópolis**”]

Fora do papel, **os números representam** aqueles que viram reféns dentro de casa, que têm seus comércios invadidos, pertences saqueados, que são agredidos em plena luz do dia e precisam recorrer ao socorro médico ou que temem os perigos iminentes à noite.

[...]

Mas como podem os números representar as vítimas se foi dito justamente o contrário? Os leitores não acabaram de ser informados que as autoridades supõem que os dados registrados são menores do que a realidade? É por isso que autores (BORGES; CARNEIRO) sugerem que devem ser realizadas cada vez mais pesquisas de *vitimização* junto à sociedade:

Pesquisas sobre vitimização fornecem uma valiosa fonte para formular políticas públicas e podem ser usadas para compreender o nível e a natureza da criminalidade, do local assim como as percepções das

¹¹ **Pesquisa mostra que 70% dos brasileiros têm medo de ser vítimas da violência policial**
<http://radioagencianacional.etc.com.br/geral/audio/2016-11/pesquisa-mostra-que-70-dos-brasileiros-tem-medo-de-ser-vitimas-da-violencia>

peças sobre a segurança na comunidade e da sua confiança nas instituições policiais (CARDOSO et al., 2013, p. 145)

Somente a partir destas pesquisas, autoridades e gestores públicos poderiam estimar números mais próximos da realidade criminal e, além disso, responder a outras perguntas como as características das pessoas afetadas pela violência, as relações entre vítima e agressor, quais razões levam as pessoas a registrar ou não as ocorrências, entre outros. Seguindo a leitura, verificamos que a violência, de acordo com a reportagem, está relacionada ao tráfico de drogas e maior atividade policial nos morros da capital:

[continuação da reportagem “**Mãos ao alto, Florianópolis**”]

Ano passado, a cada quatro dias houve um assalto, desde batidas de carteiras às invasões aos bancos. **A Polícia Militar catarinense relaciona o aumento dos roubos com o controle do poder nas bocas de tráfico.** Com as atividades vigiadas nos morros de Florianópolis, os criminosos buscam dinheiro nas ruas da Capital. É uma forma das “firmas” continuarem ativas.

A análise é reforçada pelas estatísticas da Secretaria de Segurança Pública. Após ondas de assaltos, de 2010 para 2012, os BOs por tráfico dobraram de 431 para 887 – comprovando acirramento do trabalho policial, estendido às prisões e apreensões de drogas.

O comandante do 4º Batalhão da Polícia Militar – responsável pela área central da Ilha - tenente- coronel Araújo Gomes explica “que **em curto prazo a ação da PM nos morros aumenta a violência na outra ponta**”. Mas crê que não haja outra saída: “Em longo prazo, desarticulamos a base dos crimes, que existe para dar suporte ao tráfico de drogas”.

[...]

(Cidade, ND, 3 de maio de 2013, grifos nossos)

Apresentada de forma superficial, esta informação não nos permite saber se houve um estudo ou pesquisa para provar as afirmações, aparentemente esta é uma análise realizada apenas pelo representante da PM, que cedeu entrevista. A reportagem continua em pequenos *boxes*, diagramados em página dupla, onde cada espaço narra um tipo diferente de acontecimento violento.

Figura 3: Reportagem “Mão ao alto, Florianópolis”, publicado pelo ND, em 3 de maio de 2013



Ou seja, a reportagem longa apresentou ao leitor muitas vítimas, casos de violência e crimes ocorridos na Capital, assim como um poder público e órgãos de segurança pouco eficazes. Enquanto isso, deixou de mostrar formas de prevenção ou possíveis soluções. Podemos dizer que, com este tipo de reportagem, o jornal pouco contribuiu para uma discussão propositiva acerca do tema insegurança na cidade.

Este mesmo discurso foi repetido pelo jornal na grande maioria das notícias e notas opinativas. Separamos como exemplo outra reportagem, publicada em dezembro do mesmo ano. Como podemos constatar abaixo, novamente a reportagem inicia com um título chamativo e alarmista:

Dia de fúria em Florianópolis
Assaltos. Caixa eletrônicos, posto de gasolina e supermercado foram os alvos
A semana começou marcada por um dia de fúria em Florianópolis e São José, com assaltos, perseguição policial por terra e ar, e prisões de suspeitos. A movimentação começou cedo, por volta das 4h30, quando dois vigilantes de um supermercado conseguiram se livrar de pedaços de cordas e fitas largas presas aos pés e mãos. Quatro

assaltantes armados de revólveres e pistolas ficaram duas horas no supermercado separando batedeiras, televisores e vários produtos elétricos das prateleiras, enquanto os seguranças permaneciam amarrados. Os bandidos fugiram no Gol da vítima levando o produto do roubo.

Mais tarde por volta das 7h, dois motoqueiros invadiram um posto de gasolina na SC-401 e renderam os frentistas, o gerente e a subgerente na loja de conveniência, obrigando-os a deitarem com os rostos virados para o chão. Eles roubaram R\$6 mil do cofre, a arrecadação do fim de semana.

“Foi serviço dado”, comentou uma funcionária que não quis se identificar com medo dos bandidos voltarem. O posto tem um sistema de radiocomunicação ligado diretamente com a Central Emergência 190 da PM que é acionado com o pé quando ocorre o assalto. “Ao acionar o alarme os microfones do posto ficam abertos e o som é ouvido na Polícia Militar”, disse. Cinco minutos depois, o segurança chegou para trabalhar. Mas aí já era tarde e os assaltantes estavam longe.

Quatro horas mais tarde, no outro lado da cidade, cinco bandidos empunhando fuzis, submetralhadora e pistola invadiram o térreo do prédio de um supermercado na Costeira, no qual funciona uma galeria de lojas e roubaram malotes do funcionário de uma empresa de segurança que abasteceria três caixas eletrônicos.

Um dos vigilantes que tentou reagir foi dominado com uma gravata aplicada pelo assaltante que o arrastou até a garagem com a pistola apontada para a cabeça. Os bandidos fugiram numa Verona prata, roubo abdo semana passada no Estreito. O carro foi abandonado perto dali com a escopeta e o revolver dos vigilantes.

Pânico e medo nas lojas

A funcionária de uma loja localizada na entrada do prédio em que a quadrilha entrou na Costeira, anunciando o assalto, **acompanhou toda a movimentação e o desespero de colegas** de outros estabelecimentos comerciais que se jogaram no chão. “Os assaltantes estavam de preto. Até pareciam do Bope. Quando eles passaram em frente à loja me joguei no chão e pelo celular avisei uma colega que estava em casa para ligar para a polícia”, contou Deise.

O vendedor de água de coco, quase ao lado dos três caixas eletrônicos, **Victor Luiz, 34, falou que sentiu a morte de perto, quando um dos assaltantes ficou à sua frente empunhando o fuzil**, enquanto os comparsas roubavam o dinheiro. “joguei-me no chão e pensei comigo: ‘não fiz nada de errado, então não vai acontecer nada comigo’. A ação durou uns dois minutos mas parecia uma eternidade.”

O posto de atendimento da Caixa Econômica ao lado estava cheio de clientes, “ De repente alguém alertou que havia uma quadrilha no prédio. **Foi uma correria geral e pânico**”, relatou Jhonatan, que trabalha em uma loja de informática.

A balconista da loja de semijoias que viu os assaltantes entrando, observou eles saindo com um vigia refém. “A funcionária de um restaurante que tentava fazer um depósito na Caixa também foi ameaçada.”

PM relaciona ação criminosa às apreensões de droga

Na opinião do comandante da 1ª Região da Polícia Militar, responsável pela distribuição do policiamento nos bairros onde ocorreram os assaltos, coronel João Henrique da Silva, **os roubos seriam uma maneira de os traficantes fazerem dinheiro para pagar os**

fornecedores, em consequência das apreensões de drogas feitas pela polícia. Ele sabe que a tendência é aumentar a violência durante a temporada.

Por isso, todos os anos acontece a Operação Verão, com reforço de policiais do interior. Para esta temporada o coronel está enfrentando dificuldades em trazer reforço do interior, porque a diária de R\$110 é baixa para alojamento e refeições.

A segunda opção, os novos soldados que estão na Academia, é inviável. “Minha única alternativa são os sargentos que se formam no fim do ano. São 120, mas eles também poderão ser redirecionados para Balneário Camboriú. Vou aguardar.”

João Henrique informou que **a PM se esforça ao máximo** para garantir a segurança da população e ressaltou que as buscas aos assaltantes não pararam.

No meio da tarde, policiais do 23º BPM receberam informações de que dois dos três suspeitos de assaltarem o supermercado em São José haviam sido presos no bairro Bela Vista, em Biguaçu. Ildemar Sabino, 49, estava com mandado de prisão ativo. O outro, Gustavo de Souza Alceno, 18, não tinha passagens policiais. Com eles foi recuperados parte do roubo: televisões, dinheiro, bateadeira e outros produtos. (Segurança, ND, 16 de dezembro de 2013, grifos nossos)

Figura 4: Reportagem: “Dia de fúria em Florianópolis”, publicada pelo ND, em 16 de dezembro de 2013.



Esta característica, de apresentar informações sobre criminalidade de forma quase literária, com personagens-vítimas e dramatizações não é exclusividade do *Notícias do Dia*, o *Diário Catarinense* não foge à regra.

Em janeiro de 2014, publicou reportagem sobre um suposto relatório emitido pela Secretaria de Segurança Pública (SSP), onde, de acordo com o subtítulo da notícia, o Estado teria reduzido seus índices de criminalidade no ano anterior (em 2013). Todavia, a informação, supostamente positiva, recebeu um *enquadramento negativo*. Já no título, o fato destacado foi “Aumenta roubo a casas e pessoas”.

Assim como nas reportagens analisadas anteriormente, o leitor foi apresentado, logo no primeiro parágrafo, a uma grande quantidade de informações sobre a insegurança que ronda seu dia-a-dia. Também é possível analisar que, de acordo com o texto, a criminalidade está cada vez mais próxima do leitor, invadindo suas residências e as ruas dos seus bairros.

A informação apresentada no subtítulo (“Dados de 2013 mostram que Santa Catarina conseguiu reduzir índices de criminalidade”) recebe pouca ênfase ao longo da notícia e apenas no penúltimo parágrafo é apresentada (“Em Florianópolis houve queda em todos os índices entre 2012 e 2013”), mas não é explicada. Quais são “todos os índices” citados pelo jornal?.

Especialistas são chamados para apresentar ao público o fato de que, mesmo com ampla ação da Polícia contra o tráfico de drogas, o cidadão continua desprotegido, conforme podemos averiguar abaixo:

Aumenta roubo a casas e pessoas

Dados de 2013 mostram que Santa Catarina conseguiu reduzir índices de criminalidade, mas bandidos mudaram foco dos alvos

Assaltos nas ruas e em residências aumentaram em Santa Catarina em 2013. É o que mostra um relatório emitido pela Secretaria de Segurança Pública (SSP) na última semana, com dados sobre roubos e furtos no Estado desde 2011. A tabela demonstra que estes crimes têm se intensificado desde 2013, mas **especialistas acreditam que isso seja um reflexo da repressão ao narcotráfico em SC.**

Só no ano passado foram quase mil roubos a mais nas ruas de SC do que em 2012. O índice nas residências também aumentou 25% em 2013 se comparado a 2012. Os assaltos a pessoas aumentaram 21% no mesmo período.

Advogado e professor da Univali, Alceu de Oliveira Pinto Júnior acredita que a transformação no cenário da segurança do Estado é decorrente de um fenômeno conhecido como “migração da criminalidade”: **com a redução dos ganhos com o tráfico, aumenta-se o número de assaltos, roubos a caixas eletrônicos ou furtos em residências.**

— Questões sociais como desemprego e políticas públicas alteram esses dados, mas a longo prazo. Os atentados no ano retrasado acenderam um forte combate às drogas em SC. Talvez essa seja a razão do aumento de crimes — explica.

PM intensificou o combate ao narcotráfico

Para ele, **o combate ao narcotráfico provoca o aumento imediato de outras ações criminosas como forma de compensar as perdas decorrentes da repressão da polícia.**

A tenente Claudete Lehmkühl, chefe de Comunicação da Polícia Militar de Santa Catarina, afirma que **esta também é uma percepção dos policiais, ainda que seja uma hipótese.**

Segundo Claudete, as estatísticas não mostram uma relação clara entre os fatores, mas os dados mensais sobre roubos e ocorrências em geral orientam o trabalho da polícia:

— Se um município tem registrado números cada vez mais altos de um determinado crime, o comando da PM poderá questionar a equipe local e até mesmo intervir – afirma.

Em Florianópolis **houve queda em todos os índices entre 2012 e 2013** – com exceção de assaltos nas ruas, que saltaram de 803 para 924. Para o tenente-coronel Araújo Gomes, comandante do 4o Batalhão de Polícia Militar, as estatísticas refletem as ações da polícia:

— Ao apertar a repressão ao tráfico, outros tipos de delito aumentam. Uma estratégia contra o narcotráfico tem que, necessariamente, ser acompanhada de uma força-tarefa contra roubos — afirma Gomes. (Geral, DC, 11 de janeiro de 2014, grifos nossos)

Nesta última reportagem analisada, podemos inferir que a Polícia foi apresentada como uma instituição eficiente, que está combatendo efetivamente o narcotráfico, apesar de suas ações provocarem o aumento de outro tipo de delito. Ao longo do processo de análise, percebemos que as instituições policiais e seus agentes costumam ser retratadas pelo DC e ND como uma espécie de herói sem recursos.

Verificamos que os jornais constroem, através das notícias e notas opinativas, um discurso que retrata os agentes de segurança como personagens, que fazem de tudo para assegurar a tranquilidade da sociedade. Enquanto isso, quando estes personagens fracassam em sua tarefa ou são “derrotados”, os jornais apontam como principal culpado o Estado, o poder público. Um bom exemplo segue abaixo:

Maioria de detidos pela PM está na rua

A alarmante estatística de que seis em cada dez pessoas presas no primeiro semestre de 2013 pela Polícia Militar ganhou a liberdade preocupa os agentes de segurança e também o Poder Judiciário

Se você foi assaltado em Florianópolis não estranhe caso volte a encontrar o criminoso livre pela rua. As chances de isso acontecer são grandes, afinal 63% dos presos por furtos e roubos pela Polícia Militar este ano ganharam a liberdade, **numa realidade comum que deixa policiais militares desestimulados e cidadãos preocupados.**

A realidade que inquieta quartéis e delegacias está diagnosticada em um levantamento feito em conjunto pelo Estado Maior da PM e o 4º Batalhão da PM a partir da situação penal de cada uma das 519 pessoas presas no primeiro semestre de 2013 na Capital.

[...]

(Páginas 4 e 5, DC, 26 de agosto de 2013, grifos nossos)

Podemos usar este trecho da reportagem para apresentar o problema dos presídios em SC. No período em análise, ocorreram diversos atentados a ônibus, prédios públicos e agentes de segurança no Estado. De acordo com investigações, todas estas ações foram

orquestradas pelo Primeiro Grupo Catarinense (PGC), uma facção criminosa nascida no sistema carcerário no início dos anos 2000 que estruturou suas forças seguindo o modelo do paulista PCC (Primeiro Comando da Capital).

Classificado pelos jornais em estudo como “ondas de ataques” ou “Atentados em Santa Catarina”, os crimes, que aparentemente foram motivados pelos abusos, violências e situação desumana vivida pelos detentos do sistema prisional catarinense, ocorreram em momentos específicos dos anos 2012, 2013 e 2014.

Portanto, durante o período em pesquisa, muitas notícias sobre a área de segurança apresentaram os desdobramentos dos mais de 50 ataques incendiários contra ônibus e forças de segurança, que ocorreram em dezesseis cidades de Santa Catarina, à comando do PGC. A situação precária do sistema prisional de SC foi um tema predominante neste processo de pesquisa, pois foi considerado pelas autoridades como o motivador desta forma de violência, que geralmente apareciam para o leitor classificadas com o selo “Atentados SC”.

Com base neste contexto, documentamos diversas reportagens que apresentavam a precária infraestrutura dos presídios catarinenses, as condições insalubres dos detentos, as agressões e violações de direitos humanos praticadas dentro das celas e as constantes greves dos agentes de segurança, que pediam ao poder público aumentos salariais e melhores condições de trabalho. Constatamos que, quando as notícias sobre segurança não faziam parte desta classificação, elaborada pelos jornais, onde dava-se continuidade aos desdobramentos de algo que foi noticiado anteriormente, raramente apresentavam ao leitor este contexto de precariedade da Segurança Pública.

Retornando à reportagem em análise, vemos que o leitor recebe uma informação alarmante: de que 63% dos presos por furtos e roubos pela Polícia Militar no primeiro semestre de 2013 foram soltos. De acordo com o jornal uma “realidade comum que deixa policiais militares desestimulados e cidadãos preocupados”. A reportagem, de certa forma, culpabiliza a legislação e o fato de que adolescentes, quando autores de crimes, raramente permanecerem presos.

Percebemos como algo marcante, o fato de que em momento algum esta reportagem publicada pelo DC, em agosto de 2013, relaciona estas informações com a situação precária dos presídios ou mesmo com aspectos da realidade social que contribuem para o ingresso de crianças e adolescentes na criminalidade:

[continuação da reportagem “**Majoria de detidos pela PM está na rua**”]

Considerando que outros 17% dos autores são adolescentes e, que quando apreendidos pelo ato infracional raramente permanecem internados, a fatia de soltos é ainda mais expressiva: 80%.

— São informações que necessitam de discussão maior da sociedade para chegarmos a razão de tantos estarem soltos. Não é à toa que estamos prendendo tanta gente e geralmente são as mesmas pessoas, pois a reincidência é também alta — afirma o comandante do 4º Batalhão da Polícia Militar, tenente-coronel Araújo Gomes.

Essa situação, na avaliação dele, é muito provável que envolva o(s) autor(es) dos furtos dos bustos de quatro personalidades históricas na Praça XV, descobertos na quinta-feira passada. Ou seja, alguém que tenha sido capturado recentemente e amargou pouco tempo atrás das grades.

A mesma condição, acrescenta Araújo Gomes, aconteceu em relação aos adolescentes apreendidos pelo assalto a uma joalheria no Floripa Shopping, na manhã do dia 21.

Depois de rápida ação policial, os PMs capturaram a dupla numa moto e constataram que um deles havia sido apreendido por outros crimes na região da Trindade. Num deles, havia atirado contra um policial rodoviário federal.

O mapeamento da PM mostra ainda que 19% dos presos continuam trancafiados. O percentual é considerado baixo por policiais que estão no dia a dia do policiamento à caça de assaltantes e ladrões.

Quem acusa e busca a responsabilização penal dos envolvidos também vê com preocupação a quantidade de pessoas que cometeram atos de violência e continua nas ruas.

— Manter alguém preso é muito difícil. A flexibilização, os critérios que envolvem a periculosidade são muito grandes. A tendência é a soltura — lamenta o promotor Onofre Agostini, coordenador do Centro de Apoio Operacional Criminal do Ministério Público.

Para Onofre, a culpa é da legislação que possibilita a liberdade condicional, da falta de políticas públicas e investimentos no sistema prisional e também de gestão em segurança pública ao longo dos anos, cujos projetos esbarram em conselhos gestores.

O DC enviou perguntas ao Tribunal de Justiça de Santa Catarina na sexta-feira sobre o levantamento da PM. Os questionamentos foram repassados pela assessoria do TJ à Cepevid (Coordenadoria de Execução Penal e Violência Doméstica contra a Mulher), mas não houve resposta até o fechamento desta edição.

Um problema nacional, diz César Grubba

A impunidade que impulsiona o criminoso a voltar a delinquir e **desestimula policiais** constitui-se num panorama que vai além de Florianópolis e das cidades catarinenses, avalia o secretário da Segurança Pública (SSP) em Santa Catarina, César Grubba.

À frente da SSP há dois anos e oito meses, Grubba, que é promotor de Justiça, diz que a situação gera reclamação de todos os secretários nacionais da área. O assunto figurou na reunião do Colégio Nacional de Secretários da Segurança Pública (CONSESP), no Rio de Janeiro, na semana passada.

— Há dois anos se inverteu o processo penal. Agora, o juiz precisa justificar a razão pela qual mantém a pessoa presa. Antes, justificava a razão da liberdade provisória. **Do jeito que está é como dizer: 'Ó criminoso, continua no crime porque dificilmente você vai ficar preso' — lamenta o secretário sobre a legislação penal mais frouxa desde 2011.**

Nas ruas, na população e nas estatísticas, os autores de crimes violentos como assaltos e assassinatos estão por trás de círculo vicioso de reincidência. Dos autores dos homicídios registrados em 2013 no Estado, a SSP afirma que 73,4% deles apresentam antecedentes criminais.

Os dados mostram que até mesmo as vítimas desse tipo de crime estão inseridas no meio criminoso: 62,9% delas tinham algum tipo de antecedência criminal quando foram mortas.

Para Grubba, embora o contexto das pessoas seja por clamar contra à liberdade de autores de delitos, **a solução não está só em mantê-los na cadeia e passa também por questões como reinserção social e de melhorias na educação.** (Páginas 4 e 5, DC, 26 de agosto de 2013, grifos nossos)

Somente em dois breves momentos, ao final da reportagem, vislumbramos a ideia de que, talvez, os problemas de criminalidade urbana e a ineficiência do sistema carcerário estejam relacionados à “falta de políticas públicas e investimentos no sistema prisional e também de gestão em segurança pública ao longo dos anos”. Ao final do texto temos a afirmação do Secretário de Segurança Pública, lembrando que “a solução não está só em mantê-los [os presos] na cadeia e passa também por questões como reinserção social e de melhorias na educação”.

Estas informações, de grande relevância social, constavam na notícia de forma superficial, sem aprofundamento ou destaque. Podemos afirmar que as informações sobre possíveis soluções para a Segurança estão presentes no discurso dos jornais, sim, mas seu aparecimento se dá em casos específicos e se configura como exceção.

Conforme explica Orlandi (1995), o silêncio não necessariamente significa ocultar o que o interlocutor tem a dizer, porém, constitui uma forma de desvalorizar ou tirar o foco de algo relevante:

O silêncio não é a ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncios (ORLANDI, 1995, p.105)

No geral, a Segurança Pública é retratada pelos jornais *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia* de forma pouco construtiva, salientando fatos que contribuem para amplificar a sensação de medo e insegurança.

A fome, a pobreza e o desemprego são no máximo admitidos como fatores que contribuem para a violência, mas nunca são tratados como os grandes problemas - embora seja unânime, na opinião da imprensa e dos políticos, de que “algo deve ser feito”. Ao contrário de lidar com a questão de segurança de dentro para fora, trata-se de impor espaços de segregação a fim de alimentar a utopia de um oásis de segurança - dentro de um bairro, de uma rua, ou da própria casa - diante do caos urbano generalizado (FLORES;GREGORI, 2012, p.6)

No jornalismo, em específico, esta forma de silêncio - quando se deixa de destacar propostas e soluções, dando preferência à conteúdos alarmistas - significa que estamos deixando de cumprir com nossa *função social* enquanto profissionais desta área.

2.2. Retratando os agentes da Segurança

Sabemos que diversos fatores influenciam em quais serão e como serão os conteúdos publicados nos jornais. No Código de Ética do Jornalista Brasileiro, temos caracterizado que “o acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade”. Para preservar a informação que chega ao cidadão e garantir seu direito, conforme já foi explicado anteriormente, diversos critérios foram instituídos dentro da profissão, sempre buscando a impessoalidade e a isenção, como vemos nos artigos abaixo:

Art. 2º – A divulgação da informação, precisa e correta, é dever dos meios de divulgação pública, independente da natureza de sua propriedade.

Art. 3º – A informação divulgada pelos meios de comunicação pública se pautará pela real ocorrência dos fatos e terá por finalidade o interesse social e coletivo.

[...]

Art. 7º – O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação. (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ), 2007)

Apesar de existir este direcionamento, por mais fiéis que sejam à narrativa dos fatos e por mais que apresentem ao leitor diversos pontos de vista, jornalistas entregam ao público apenas uma breve construção da realidade, como já explicamos anteriormente.

É por isso que a produção de conteúdo noticioso não pode ser percebida como o resultado de um processo simples e as notícias não podem ser vislumbradas como um mero espelho, que refletem imparcialmente os acontecimentos. Como profissionais desta área, devemos estar sempre atentos a quais fatores estão influenciando a produção de conteúdo (SHOEMAKER, 1996).

O conteúdo da mídia de massas - tanto notícias quanto entretenimento - é moldado, esmagado, delimitado e encorajado por uma multiplicidade de forças. Algumas vezes a realidade apresentada pela mídia corresponde ao mundo como você o conhece, e outras vezes é bem diferente. Algumas vezes dois veículos de comunicação apresentam versões semelhantes do mesmo evento, e outras vezes os resultados são bem diferentes¹² (SHOEMAKER, 1996, Prefácio - p.IX, tradução nossa)

Ao estudar notícias sobre violência e criminalidade, deve-se prestar muita atenção a estes fatores. Em primeiro lugar, é preciso levar em consideração que este tipo de acontecimento - a violência - é altamente “noticiável”. Considerando as características do fazer jornalístico - que tende a realçar os elementos extraordinários, dramáticos e trágicos - o crime, por refletir uma realidade problemática é, quase por definição, notícia (HALL *et. al.*, 1993).

Notícias sobre crime são onipresentes na sociedade moderna e, não só nos ajudam a entender a relação entre jornalistas, editores e público, como podem nos dizer muito sobre a conjuntura cultural e ideológica do momento (JEWKES, 2010). Além disso, constituem uma oportunidade para explorar e vender temas que tradicionalmente já são populares. Porém, mesmo representando um tópico de grande *interesse do público*, a constante veiculação de criminalidade aparentemente não tem auxiliado em questões de *interesse público*.

No livro “Cultura do Medo”, Barry Glassner (2003) sugere que a visibilidade dada pela mídia aos episódios de violência são uma forma de “fugir dos verdadeiros problemas enfrentados pela sociedade”. Ele também reitera que toda análise da cultura do medo deve examinar a ação da imprensa, pois esta é uma das principais culpadas por criar e sustentar o pânico.

¹² Mass media content - both news and entertainment - is shaped, pounded, constrained, encouraged by a multitude of forces. Sometimes the reality presented by the media matches the world as you know it, and sometimes it is very different. Sometimes two media present similar versions of the same event, and sometimes the result is very different. (SHOEMAKER, 1996, Prefácio - p.IX)

Vale ressaltar que a violência tem sido explorada pelos veículos de comunicação de massa tanto de forma informativa, com notícias e reportagens, quanto em forma de entretenimento:

Há poucas dúvidas de que os meios de comunicação se tornaram centrais na produção e filtragem de ideias de crime. A natureza seletiva das notícias sobre crime, por exemplo, com sua ênfase na violência e no sensacionalismo - essencialmente o crime como um produto, jogando com os medos, tanto imaginados como reais, de espectadores e leitores - produziu uma imagem distorcida do mundo do crime e da criminalidade¹³ (DOWLER; FLEMING, 2006, p. 839, tradução nossa).

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros indica que o “exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social e de finalidade pública”, porém, uma das principais críticas percebidas ao estudar sobre notícias de violência nos jornais, é de que a imprensa, apesar de conhecer sua responsabilidade social enquanto possível promotora de mudanças positivas na sociedade, ao invés disso, ajuda a disseminar diariamente medo, pânico e sensação de insegurança.

A sensação de insegurança é muito alta no Brasil, o suficiente para ser considerada uma questão de saúde mental pública. Desenvolver políticas públicas para reduzi-la é uma tarefa relevante. Mas, antes, precisamos conhecer melhor o fenômeno e seus determinantes (SOARES, 2008, p.108)

Soares (2008) aponta que reduzir a sensação de insegurança na sociedade brasileira é uma tarefa importante, mas, para que isso aconteça, é necessário desenvolver políticas públicas adequadas. Por sua vez, o desenvolvimento de políticas públicas de segurança precisa se basear em indicadores e estudos, que possibilitem maior compreensão do fenômeno em questão.

Ou seja, o jornalismo parece ter contribuído para a apresentação de uma imagem distorcida da realidade criminal, por isso, estudar o comportamento da imprensa frente aos problemas da segurança pública é tão importante. Aparentemente, o que vem acontecendo é que “algo se torna um ‘grave tipo de crime’ com base no que está

¹³ There is little doubt that the media have become central in the production and filtering of crime ideas. The selective nature of crime news, for example, with its emphasis on violence and sensationalism - essentially crime as a product, playing to the fears, both imagined and real, of viewers and reader - has produced a distorted picture of the world of crime and criminality. (DOWLER; FLEMING, 2006, p. 839).

acontecendo dentro das redações de jornais, e não fora delas¹⁴” (FISHMAN, 1981, p. 376 - 377, tradução nossa), por isso a propagação de notícias sobre violência necessita de mais cautela.

Assim retornamos à ideia de Glassner (2013) de que, enquanto a imprensa cobre acontecimentos violentos e a violência cotidiana de forma superficial, evidenciando a criminalidade, problemas sociais graves são ignorados.

Já sabemos que a realidade institucional da Segurança Pública catarinense está longe de ser perfeita, ou ao menos satisfatória. Percebemos também que o discurso dos jornais *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia* pouco contribui para uma visão menos estereotipada da segurança e não acrescenta fatos relevantes à discussão da prevenção e diminuição de criminalidade.

Ao longo da análise do nosso corpus de pesquisa, ficou evidente que uma das principais questões levantadas pelos jornais, como possível solução para a criminalidade, seria o aumento de efetivo policial nas ruas, o que podemos observar nos exemplos a seguir:

Segurança zero no centro da Capital

A insegurança pública no centro de Florianópolis está virando caso de polícia. **Melhor dizendo, o que falta é polícia**, patrulhamento, marcação cerrada sobre as concentrações de consumidores de crack, traficantes, ambulantes ilegais, flanelinhas e moradores de rua. Para se ter ideia, o restaurante de um amigo foi arrombado nove vezes em menos de um mês, sem falar nos ataques a lojas e escritórios. Na quinta-feira passada, zumbis do crack escalararam a parede lateral do ARS – pela rua Deodoro – e, acredite, leitor, desmontaram e carregaram aparelhos de ar-condicionado. Isso à luz do dia e com câmeras de monitoramento de alta potência, capazes de detectar qualquer anormalidade entre as ruas Felipe Schmidt e as imediações do Centro Sul. Pequenos negócios da região estão reforçando a segurança com arame farpado, cercas elétricas, grades, alarmes e outros acessórios, para evitar mais prejuízos para os proprietários. E, como relatei na coluna do fim de semana, todo o entorno do Largo da Alfândega virou um antro de marginais, com prostituição, consumo e tráfico de drogas e roubos a qualquer hora do dia ou da noite. **Polícia? De vez em quando, sem qualquer efeito para os criminosos:** eles se escondem quando a patrulha passa e voltam a agir na sequência. Sim, e o videomonitoramento, como todos estamos carecas de saber, é só para inglês ver. Não inibe os criminosos porque eles sabem que, mesmo flagrados, não vai acontecer nada. (Carlos Damião, ND, 3 de fevereiro de 2014, grifos nossos)

Tudo elétrico

¹⁴ “something becomes a “serious type of crime” on the basis of what is going on inside newsrooms, not outside them.” (FISHMAN, 1981, p. 376 - 377)

Quem anda pelo Centro Histórico de Florianópolis pode observar um cenário que desmente a eficiência das câmeras de monitoramento da Polícia Militar. Na rua Conselheiro Mafra, por exemplo, não há um sobrado que não esteja protegido por cercas elétricas. Ainda assim, os ladrões invadem os imóveis. **Câmera, sem polícia patrulhando e monitorando, não serve para nada. Só para o fabricante faturar.** (Ponto final, ND, 21 de fevereiro de 2014, grifos nossos)

Insegurança

Multiplicam-se os assaltos a residências e lojas de pequeno comércio no norte da Ilha de Santa Catarina. **Falta policiamento ostensivo** e faltam condições para a Polícia.

Na área do 8º distrito Policial há apenas duas viaturas e um investigador. Com esse “aparato” os bandidos chegam a debochar da polícia. (Moacir Pereira, DC, 2 de abril de 2014, grifo do autor)

PAPO RÁPIDO

Artur Nitz, Delegado-geral da Polícia Civil

É notório que a falta de efetivo tem prejudicado o trabalho da polícia. O que está sendo feito?

Nas duas últimas décadas tivemos um ingresso de agentes e delegados abaixo da necessidade. Por consequência, **hoje estamos com déficit de pessoal.** O ideal seria 5.994 homens na corporação e hoje temos 3.338 ativos, mas com um percentual prestes a se aposentar. A boa notícia é que este governo está trabalhando forte para reverter este quadro. Em equipamentos como armamento e condições de trabalho, já tivemos vários avanços. Agora devem ingressar 340 novos agentes na academia para treinamento e mais 66 delegados. E estamos negociando abertura de novas vagas em breve. **Efetivo é prioridade e temos percebido o empenho da SSP neste sentido**

E o combate ao crime organizado?

Nosso setor de inteligência está ativo, monitorando os movimentos de facções. Não podemos falar muito sobre o tema porque sempre pode gerar alguma reação, mas uma coisa posso garantir: **se os criminosos estão reagindo como nos atentados, é porque os policiais, tanto Civil quanto Militar, estão trabalhando forte nas ruas.** (Rafael Martini -Visor, DC, 22 de fevereiro de 2015, grifos nossos)

No Brasil, existem poucas políticas públicas que contribuam para o estabelecimento de programas e projetos de prevenção à violência e ao crime. As justificativas para isso se encontram, principalmente, na “precariedade dos sistemas de informação, a falta de experiência na implantação de programas em segurança pública, o reduzido número de especialistas em crime” (BONAMIGO; CHAVES, 2014, p. 464).

Além disso, a complexidade do problema da violência no país não se restringe ao que está acontecendo atualmente, é resultado de uma construção histórica onde a política da segurança pública foi mantida como um campo de menor prioridade, tratada em uma

ótica militarista, com o uso predominante da violência como forma de dominação (BONAMIGO; CHAVES, 2014).

Na busca pelo reconhecimento da segurança coletiva como direito do cidadão e um dever do Estado, surgiu também a percepção de que são necessárias reformas nas polícias que operam no campo. Porém, mesmo com a introdução de conteúdos de direitos humanos e formação humana nas academias militares estaduais e civis, mantém-se a lógica tradicional de uso da violência institucional. Por isso, podemos dizer que o reforço ao discurso do policiamento, que é construído pelos jornais da capital catarinense, é problemático:

Percebemos a presença de um ciclo vicioso: práticas violentas – alicerçadas nas vivências concretas e na espetacularização das violências na mídia – produzem medo e insegurança e levam as pessoas a suspeitarem dos estranhos – corporificados nos pobres, nos negros, nos bandidos – que representam o perigo. Essa suspeição induz a lidar com o medo pelo viés da polícia, o que abre brechas para a policialização da segurança pública e a afirmação do autoritarismo institucional como mediador da relação entre as agências policiais prestadoras de serviço público no campo da segurança e a sociedade em geral. Um dos efeitos é a população, além de sentir-se encurralada pelo medo da criminalidade, sentir-se também insegura em relação ao que poderá acontecer quando recorre ao serviço dos agentes públicos encarregados pela manutenção da ordem. (BONAMIGO; CHAVES, 2014, p. 467).

O ideal de policiamento ostensivo realizado pelas polícias militares, com base na Constituição de 1988, forma a lógica da guerra do bem contra o mal para a área da segurança pública, pois transfere sua ideologia - os valores e crenças da doutrina militar - para a sociedade. Daí vem a concepção maniqueísta – os ‘bons’ contra os ‘perigosos’ da sociedade -, tão bem retratada pelos jornais em estudo, pois “está centrada na ideia de guerra, quando se tem um inimigo comum declarado ou potencial a ser destruído com a força ou neutralizado com a inteligência militar” (SILVA, 1996. p. 51).

Percebemos que os jornais DC e ND contribuem para esta visão maniqueísta de mundo. Uma das principais formas de elucidar esta “guerra do ‘bem’ contra o ‘mal’” se configura quando enaltecem o trabalho das polícias na Grande Florianópolis, principalmente nas colunas opinativas, como podemos constatar nos exemplos abaixo:

Segurança

No tocante à tranquilidade das festas de rua durante o Carnaval em Florianópolis, **a Polícia Militar está de parabéns pela atuação e presença** em todos os eventos. O que muito deve ter ajudado nos

baixíssimos boletins de ocorrência durante os quatro dias de folia. (Ricardinho Machado, ND, 5 de março de 2014, grifos nossos)

Polícia é na rua

Homem assaltou ontem o Angeloni da Esteves Júnior em Florianópolis, fugiu a pé e foi preso a duas quadras. Tenente-coronel Araújo Gomes diz que os autores da prisão foram dois policiais, um sargento da área administrativa e um soldado da banda.

A dupla recentemente foi disponibilizada para reforçar o policiamento do Centro em medida do novo comandante da PM, coronel Valdemir Cabral. (Visor - Rafael Martini, DC, 17 de maio de 2014)

A Polícia Militar nas ruas

Apesar de contar com um efetivo reduzido, a Polícia Militar de Santa Catarina vem executando uma nova política de segurança ostensiva nas ruas de Florianópolis e de outros municípios do Estado onde há graves problemas de criminalidade. A operação desencadeada na comunidade de Chico Mendes, na área continental da Capital, revelou que nessas áreas encontra-se a origem e a raiz do tráfico de drogas, a causa principal dos roubos, assaltos e assassinatos na Grande Florianópolis. Outras **áreas igualmente infestadas de traficantes já foram vasculhadas e sofreram uma limpeza da Polícia Militar.**

Importante nessa nova gestão comandada pelo coronel Valdemir Cabral é que essa presença mais ostensiva acontece no centro e ruas principais dos mais populosos bairros da cidade. São blitzes inesperadas, circulação mais frequente de policiais com viaturas, a cavalo ou de motocicletas. Tudo isto dá aos cidadãos uma nova sensação de segurança. **Que pode não ser real e efetiva mas contribui para alertar a bandidagem.**

Duas são as questões levantadas agora com essa forte presença da PM nas ruas: 1. Por que esta intervenção não acontecia antes? 2. Por que os últimos governos não planejaram o aumento do efetivo da corporação?

De acordo com as estatísticas, o efetivo atual da Polícia Militar é inferior aquele que operava há 30 anos. A população aumentou, a criminalidade se aprimorou e o sistema policial estagnou. (Moacir Pereira, DC, 23 de julho de 2014)

Polícia nas ruas

A sensação de segurança melhorou muito nos últimos três meses nas principais cidades catarinenses. Já virou rotina ver duplas de policiais militares caminhando por bairros como o Itacorubi, em Florianópolis.

A ordem do coronel Cabral, comandante-geral da Polícia Militar, é que os veículos da corporação fiquem em pontos fixos e os PMs façam o policiamento a pé. A população agradece. (Visor, DC, 22 de agosto de 2014, grifos nossos)

Policiais saem dos gabinetes

Segurança. Em sistema de rodízio, todo dia dez PMs são convocados para irem às ruas

Policiais militares em serviços burocráticos na Capital estão deixando os gabinetes para trabalhar no policiamento de rua. Segundo o comandante do BCSv (Batalhão de Comando de Serviços),

tenente-coronel Francisco de Assis Aguiar Demétrio, 48 anos, dez PMs estão sendo convocados por dia, para ficarem à disposição da 1ª Região de Polícia Militar, que distribui o pessoal. **A novidade agradou os comerciantes do Centro.** Aguiar sempre buscou aproveitar o policial de gabinete nas ruas para atender a população, mas disse que nunca recebeu tanto apoio quanto ao do atual comandante-geral da Polícia Militar de Santa Catarina, coronel Valdemir Cabral, 51, que assumiu o comando no dia 5 de maio.

O BCSv tem 532 policiais militares, entre praças e oficiais, fora de função. Somente no TJ (Tribunal de Justiça) estão empregados 49 policiais. O efetivo do TJ é maior do que em Tijucas, onde 32 PMs fazem segurança para 34 mil habitantes. **“A PM foi criada para proteger o cidadão. Fomos treinados, em primeiro lugar, para o policiamento de rua,** mas também disponibilizamos o efetivo para serviços burocráticos”, disse Demétrio.

Conforme o comandante do BCSv, o rodízio para reforçar o efetivo nas ruas é feito em todos os órgãos públicos onde estão policiais militares, menos na Casa Militar e no Hospital da Polícia Militar Laura Ribas, que foram desagregados do BCSv. “Depois de um plantão na rua, o PM retorna, no dia seguinte, para o lugar de origem”, explicou.

Demétrio ressaltou que a escala e os locais a serem policiados é determinado pelo coronel João Henrique Silva, comandante da 1ª Região Militar, que abrange Ilha e Continente. “Antes da convocação, os chefes de setores de cada departamento são informados com antecedência. São eles que indicam quem vai revezar”, disse.

Ontem, a planilha de planejamento direcionava o policiamento às praças e passeios públicos do Centro. Ele ressaltou que o reforço é feito a pé e com rondas motorizadas. No final de cada plantão, o PM faz um relatório informando as ocorrências atendidas e sugestões para melhorar policiamento.

Comerciantes elogiam iniciativa

Apesar de ainda ser muito cedo para avaliar a questão, a coordenadora do Núcleo de Lojistas da rua Vidal Ramos, Rosi Macedo Coelho, disse que **o aproveitamento de PMs em cargos burocráticos é bem-vindo porque tranquiliza mais o comerciante,** principalmente os da rua Vidal Ramos, onde as lojas são padronizadas com vitrines. “Nestes últimos dias tenho percebido mais policiais nas ruas. Mas o PM não aborda quem está parado olhando vitrines na Vidal Ramos, de madrugada, por exemplo”, afirmou.

A relações públicas da PM, tenente-coronel Claudete Lemhkul, observa que muita gente ainda compartilha a concepção antiga de que a polícia poderia prender qualquer desocupado sem motivos aparentes. “Atualmente, a PM só prende quem está cometendo alguma contravenção penal, praticando crime ou mediante mandado de prisão”, explicou.

CDL reforça parceria com a PM

Para a presidente da CDL Florianópolis (Câmara dos Dirigentes Lojistas), Sara Toscan Camargo, **a iniciativa de tirar o PM dos gabinetes e levá-lo para as ruas é excelente, porque vai agregar mais segurança.** Sara espera que este reforço seja permanente. Ela ressaltou que a CDL tem uma parceria forte com a PM, por meio do Conseg (Conselho de Segurança Comunitário). “Fazemos reuniões frequentes com a PM e distribuimos cartilhas de prevenção para os comerciantes”, disse. (Cidade, ND, 15 de maio de 2014, grifos nossos)

Presença

Sejamos justos com a Polícia Militar: as ações dos principais batalhões da Grande Florianópolis têm sido cada vez mais ostensivas. Na madrugada de quinta (15), por exemplo, a corporação promoveu uma blitz no Aterro da Baía Sul, proximidades da Ponte Colombo Salles. **Não pegou muita coisa, mas a presença é tudo para mostrar que a cidade tem autoridade.** (Carlos Damião, ND, 16 de maio de 2014, grifos nossos)

Mais polícia

“Parabéns para quem teve atitude de encher a cidade de policiais! Lugar de polícia é na rua mesmo e quem ganha é a população!”. Gustavo Neves, no Twitter (@gustavosneves), sobre **a impressionante quantidade de PMs patrulhando a Capital.** (Carlos Damião, ND, 24 de julho de 2014, grifos nossos)

Grubba promete mais PMs

Tijucas. Secretário de Segurança diz que mandará reforço policial para o município

O secretário de Estado da segurança Pública de Santa Catarina, César Augusto Grubba, prometeu aumentar o policiamento em Tijucas, **cidade que sofre** com o aumento da criminalidade e, inclusive, registra loteamento controlado por traficantes. **A garantia foi dada** ontem a uma comitiva composta por autoridades e representantes de entidades do município.

No encontro, o prefeito Valério Tomazi relatou a atual condição de insegurança do município destacando as localidades onde há maior índice de criminalidade e as consequências de se manter na cidade um presídio regional. “Tijucas e os demais municípios do Vale clamam por uma solução. **Não podemos mais conviver com esta realidade de violência e impunidade**”, disse.

Para o delegado da comarca, Pedro Henrique Mendes, “o maior problema de Tijucas, atualmente, está no Jardim Progresso. Não há dúvida de que lá está a cúpula da criminalidade que atua na região”, afirmou.

Ao final da reunião, o secretário disse que Tijucas terá retorno para suas reivindicações. “Podem ter certeza de que a comunidade de Tijucas sentirá o reflexo de nossas ações daqui para frente. **Não podemos permitir que esta situação se mantenha, muito menos que se agrave.** Por isso, vamos solicitar à Polícia Civil e ao comando geral da Polícia Militar que estabeleçam planos de ações emergenciais para a região”, garantiu. Além de operações especiais, **o comando da PM se comprometeu a reforçar o efetivo enviando novos policiais**, logo após a conclusão do curso de formação que está em andamento.

(ND, Região, 16 de abril de 2014, grifos nossos)

ENTREVISTA: Valdemir Cabral, novo comandante da PM “Quero uma PM mais ostensiva”

Cobrar dos comandos regionais **maior presença dos policiais na ruas**, prevendo inclusive mudanças na escala de trabalho, é uma das metas do novo chefe da corporação no Estado, que tomou posse ontem.

Diário Catarinense - Qual será a sua primeira medida?

Valdemir Cabral - Conversar com todos os comandantes e tentar modificar posturas. **Vou pedir maior ostensividade**, que as pessoas consigam visualizar viaturas e policiamento a pé, com motos, bicicletas. A gente sente um pouco essa carência. **A maior necessidade da população é a sensação de segurança.**

DC - O senhor vem do Bope. Vai tornar a PM mais operacional?

Cabral - **A PM já é operacional. Eu quero torná-la mais ostensiva, isso sim.** Nós temos problema de efetivo, temos, mas temos que achar soluções, horários, modificações de escalas, estatísticas de horários de maior incidência de crimes. Vai ter que tirar de repente algumas pessoas da zona de conforto.

DC - O senhor vê a curto prazo possibilidade de melhoria no efetivo?

Cabral - Nesses três anos e quatro meses o governo do Estado já proporcionou o ingresso de 2,5 mil novos policiais. Só do governo atual. Os anteriores não tiveram essa mesma política. Por isso que **estamos hoje com o mesmo efetivo de 30 anos atrás, 11 mil homens**, enquanto a população cresceu.

DC - Até o final do ano, quantos policiais serão incorporados?

Cabral - Em julho, mil se formam e temos concurso aberto de mais 500. Ano que vem faremos concurso para mais 1,5 mil.

DC - As estatísticas mostram queda no número de homicídios, mas aumento no total de roubos em SC. Como o senhor vê isso?

Cabral - A gente está todo o dia nas ruas e sente que está havendo. Os marginais já não dão atenção, não tem a preocupação de ficar presos. Alguns com ficha bastante considerável. Pegamos hoje e no outro dia pegamos o mesmo. Tem que haver mudança na legislação. É o prende e solta. **Não é culpa da PM, da Civil, do MP ou do Judiciário. São as leis, é lá em Brasília.** Temos que ver quem estamos colocando como nossos representantes.

DC - Com relação ao tráfico de drogas, há quem fale na criação das UPPs (Unidade de Polícia pacificadora) em Florianópolis. Qual sua opinião a respeito?

Cabral - Não há necessidade de criação de UPPs. Diria que as pessoas poderiam fazer campanha para a criação de colégios de 12 horas, creches, escolas profissionalizantes. Isso sim vai tirar os traficantes das ruas; Há uma inversão muito grande no Brasil. **Se acha que a segurança é dever da polícia. A polícia deve mantê-la, mas faltam políticas sociais.**

DC - A situação financeira da PM não estaria boa. procede isso?

Cabral - Não, ela está bem. Temos um corte no orçamento, mas isso já foi encaminhado para o governo do Estado e vai ser resolvido. São R\$12 milhões que faltam para fechar o caixa até o final do ano.

DC - Isso afetará a segurança nas ruas com algum tipo de corte em serviços?

Cabral - Não afeta. Nenhum tipo de corte afetará a população.

(DC, Geral, 6 de maio de 2014, grifos nossos)

Além do enaltecimento do policiamento nas ruas, podemos apontar também que existe um discurso que, de certa forma, incentiva o uso de armas, tanto pela população quanto pelos agentes de Segurança:

ANIVERSÁRIO

Polícia Militar apresenta suas armas, mas sem violência

Corrida rústica e exposição de viaturas, equipamentos, armamentos e apreensões do Bope, Choque e Polícia Militar Ambiental, marcaram as comemorações do **aniversário de 178 anos da Polícia Militar de Santa Catarina**, na manhã de ontem, na Beira-mar Norte, na Capital. O evento, promovido para que cada guarnição mostrasse à comunidade sua rotina de trabalho, também ofereceu orientações de trânsito, na escolinha do batalhão de Polícia Militar Rodoviária Estadual.

Cerca de 400 corredores de todas as idades abriram as atividades na rústica da PM. Depois da corrida, os competidores e expectadores puderam conhecer um pouco do trabalho prestado pela Polícia Militar e os **equipamentos usados para manter a segurança dos catarinenses**.

O armamento pesado foi o destaque na tenda do Bope e Choque. Armas letais e não letais, granadas, bombas de efeito moral, balas de borracha e as polêmicas pistolas Taser, emissoras de descargas elétricas, estavam entre os equipamentos de segurança que permaneceram ao alcance dos olhos e das mãos dos mais curiosos. “Nosso objetivo é fazer uma abordagem diferenciada e mostrar à sociedade os materiais utilizados pela polícia para garantir a sua segurança e a segurança dos próprios policiais”, reiterou o Sargento Duarte, da tropa de Choque da Capital.

Na tenda verde montada na avenida, peles de animais silvestres, gaiolas, armadilhas de caça e até um pinguim empalhado atraíram a atenção dos visitantes. (ND, **Segurança**, 4 de maio de 2013, grifos nossos)

Armas

Para o deputado Maurício Eskudlark (PSD), que é delegado de polícia, **o fato de os catarinenses estarem se armando cada vez mais, não potencializa a violência**. Ele explicou na Assembléia que Santa Catarina é um Estado que tem tradição em competições de tiro esportivas e esse fato “contribui para colocar o Estado entre os que mais compram armas no País”. Armas, esportivas ou não, são armas. (Ponto final, ND, 28 de maio de 2013, grifos nossos)

Insegurança armada

Tem outdoors espalhados pelo Estado expondo o que está sendo aplicado em segurança pública pelo Pacto por Santa Catarina. Ou seja, praticamente, R\$ 300 milhões para o Pacto da Segurança. Importante, fundamental, obrigatório, mas pelo visto ainda distante de produzir uma sensação de proteção e tranquilidade que a população perdeu. E o aumento na venda de armas nos primeiros cinco meses do ano a patamares semelhantes aos de antes do Estatuto do Desarmamento revela muito bem o sentimento de medo. **A população está se sentindo refém da criminalidade, cada vez mais violenta e embrutecida. Não é a arma que vai resolver, de repente até piorar, mas não vamos ser hipócritas, melhor com ela do que sem ela, diante do quadro de incertezas e ameaças que a sociedade vive ou presencia**. Essa reação

na busca de armas de fogo, apesar de todas as restrições atuais, revela que os segmentos da segurança pública estão perdendo para o crime, embora não seja exatamente isso, mas lamentavelmente é essa a impressão, por isso, a reação pessoal para se defender. Não é bom. (A vida segue - Paulo Alceu, ND, 10 de junho de 2013, grifos nossos)

Bala na agulha

O Secretário de Estado César Augusto Grubba, da Segurança Pública, **inaugurou nova linha de produção** para recarga de munição calibres .40 e 38 da PM, **um dos mais avançados do país.** (Visor - Rafael Martini, DC, 24 de maio de 2013, grifos nossos)

Subiu o tom

O delegado-geral da Polícia Civil, Aldo Pinheiro d'Ávila, **fez um discurso contundente** na formatura de 28 policiais civis realizada quinta-feira no auditório da Acadepol, em Canasvieiras. Ele lembrou que, no passado, os policiais se formavam na academia e saíam sem nenhum benefício. Hoje é diferente, lembrou o chefe da Polícia Civil

- Quem poderia imaginar. Hoje os policiais iniciam o curso de formação já nomeados pelo governo e com direito a salário. Recebem ao final pistola, coletes balísticos e outros equipamentos. Eu sei que isso é obrigação mas muitos ignoravam isso. **Nós estamos fazendo a diferença. E eu tenho moral para falar isso - declarou o chefe da Polícia Civil.**

Aliás

A Polícia Civil de Santa Catarina vai importar 100 fuzis carabina 5,56mm, da marca ArmaLite Inc. Este será o primeiro pregão presencial internacional da instituição, procedimento que abre a possibilidade de importação de outros equipamentos. **Os fuzis trazidos dos Estados Unidos serão distribuídos entre as equipes especializada, como Deic, Cope e DIC.** (Rafael Martini - Visor, DC, 17 de agosto de 2013, grifos nossos)

Uma década do Estatuto do Desarmamento

Tony Eduardo, Empresário e diretor do Clube e Escola de Tiro ,36. Morador de São José

No dia 23 de dezembro, através da lei 10826, lembramos os **dez anos do Estatuto do Desarmamento** com quase nada a comemorar. A lei que teve como propósito reduzir a violência **parece ainda não ter alcançado nenhum sucesso.**

A ação **promoveu o desarmamento de pessoas honestas, que entregaram suas armas** confiando na segurança pública e na competência dos nosso governantes. No entanto, **o que assistimos foi um crescimento desenfreado da violência no país, onde o número de assaltos e homicídios aumentou consideravelmente.**

Diante deste triste contexto, é preciso que sejam debatidas e criada políticas mais rígidas para o desarmamento de bandidos e a redução da criminalidade. Somente assim, os números da violência oriundos do uso de armas de fogo diminuirão. E como consequência, o cidadão comum só comprará armas para a prática de esporte e lazer. Não podemos deixar de ressaltar que o estatuto apresenta alguns aspectos positivos, mas infelizmente sozinho não é suficiente para reduzir a violência: é apenas condição necessária. A lei tornou mais rígido o controle sobre o comércio de armamento, mas o Brasil ainda é o sétimo

país com maior circulação de armas de fogo entre os 12 países mais populosos .

Cabem às autoridades e governantes promover o desarmamento dos bandidos e promover o sentimento de segurança para a sociedade brasileira. Não bastam leis que desarmem cidadãos comuns e os coloquem à mercê de bandidos armados, enquanto políticos e milionários passeiam de carros blindados e seguranças. É preciso uma mudança profunda não só nas leis mas na mente e nas ações dos governantes. (Artigos, DC, 20 de dezembro de 2013, grifos nossos)

Na mira

O pessoal da Coordenadoria de Operações Policiais Especiais (Cope) da Polícia Civil de SC fez um intercâmbio operacional com sua irmã carioca, a Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) da PC do Rio. Uma das atividades de integração envolveu o *sniper*, **atirador de elite**. (Visor - Rafael Martini, DC, 28 de dezembro de 2013)

Figura 5: Recorte da nota publicada na coluna Visor - Rafael Martini, pelo jornal *Diário Catarinense*, em 28 de dezembro de 2013.



Ação contra o tráfico

Chico Mendes. PM ocupa comunidade para controlar guerra de gangues

A Polícia Militar de Santa Catarina começou a ocupar a comunidade Chico Mendes, no bairro Monte Cristo, região continental de Florianópolis. A ocupação do bairro na divisa da Capital com São José foi motivada pela crescente hostilidade entre gangues rivais, que, desde a última semana, disputam o controle de um ponto de tráfico de drogas. Até o momento, as trocas de tiros entre os criminosos culminaram com a morte de três pessoas e deixaram os moradores atemorizados.

A operação teve início ontem e contou com o reforço de todas as unidades operacionais, **com mais de 50 agentes da PM, Bope, Choque, da Cavalaria e do Batalhão Aéreo.**

“Essa grande operação tem o objetivo de restabelecer a ordem e promover a segurança. Buscamos cumprir os mandatos de prisão e apreender armas e drogas”, declarou o coronel Paulo Henrique Hemm, sub-comandante da PM. Desde o início de novembro, foram recolhidos na região oito pistolas, três revólveres e dois coletes à prova de balas, além de munição e pequenas quantidades de droga. No último final de semana, os agentes também conseguiram prender um integrante de uma das gangues.

Em frente a uma creche, a cúpula policial discutia a operação poucas horas após seu início, quando dois agentes retornaram da ronda com alguns pacotes de maconha, cocaína e crack, além de R\$ 170, deixados para trás por um dos fugitivos. Na avaliação do comandante da operação, soma-se às dificuldades de se enfrentar um grupo criminoso a demora na emissão de mandatos de prisão. “Muitas vezes, quando o mandato sai o suspeito já não mora mais no local”, disse Hemm.

Ainda sem data definida para o término da operação, a expectativa dos agentes do Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais) que estão no local é de permanecer por cerca de uma semana. Já o coronel Hemm prefere não estabelecer prazo e diz que **a PM seguirá ocupando a região até que a situação seja normalizada.** “Ficaremos até o momento em que avaliarmos que a ordem se restabeleceu”, disse Hemm. “Depois, nos manteremos no local, mas com um efetivo reduzido”, completou.

Reféns da violência, moradores silenciam

Toda essa situação assusta os moradores, que evitam falar com os policiais e com a imprensa para não sofrerem retaliações dos criminosos. **Há um toque de recolher velado na comunidade e são poucos os que se arriscam a sair de casa à noite.** O comércio na região também foi prejudicado e até as escolas fecharam as portas.

A creche Chico Mendes, por exemplo, cancelou as aulas na quinta e na sexta-feira passadas, tentou reabrir nesta segunda-feira, mas decidiu voltar atrás e manter as atividades suspensas até que a situação se resolva. O mesmo aconteceu com a escola estadual América Dutra Machado e com o projeto social Herdeiros do Futuro, que têm apoio da prefeitura.

“Estamos nos fazendo mais presentes no local, para que os pais possam acreditar no nosso trabalho”, disse o coronel Hemm. Apesar do grande número de agentes da polícia e da promessa de restabelecimento da ordem, o clima segue tenso no Monte Cristo e os moradores permanecem recolhidos em suas casas. (ND, Segurança, 02 de dezembro de 2014, grifos nossos)

Figura 6: reportagem sobre ocupação da comunidade Chico Mendes pela Polícia Militar, publicada pelo ND, em 2 de dezembro de 2014.



Vigilância. Policiais controlam acesso à comunidade desde a tarde de ontem

Ação contra o tráfico

Chico Mendes. PM ocupa comunidade para controlar guerra de gangues

RAYAEL THOMÉ
 rdama@noticiasodia.com.br
 @ND_online

A Polícia Militar de Santa Catarina começou a ocupar a comunidade Chico Mendes, no bairro Monte Cristo, região continental de Florianópolis. A ocupação do bairro na divisa da Capital com São José foi motivada pela crescente hostilidade entre gangues rivais, que, desde a última semana, disputam o controle de um ponto de tráfico de drogas. Até o momento, as trocas de tiros entre os criminosos culminaram em a morte de três pessoas e deixaram os moradores atemorizados.

A operação teve início ontem e contou com o reforço de todas as unidades operacionais, com mais de 50 agentes da PM, Bope, Choque, da Cavalaria e do Batalhão Aéreo.

"Essa grande operação tem o objetivo de restabelecer a ordem e promover a segurança. Buscamos cumprir os mandatos de prisão e apreender armas e drogas", declarou o coronel Paulo Henrique Hemm, sub-comandante da PM. Desde o início de novembro, foram recolhidos na região oito pistolas, três revólveres e dois coletes à prova de balas, além de munição e pequenas quantidades de droga. No último final de semana, os agentes também conseguiram prender um integrante de uma das gangues.

Em frente a uma creche, a cúpula policial discutia a operação poucas horas após seu início, quando dois agentes retornaram da ronda com alguns pacotes de maconha, cocaína e crack, além de R\$ 170, deixados para trás por um dos furtivos. Na avaliação do comandante da operação, soma-se às dificuldades de se enfrentar um grupo criminoso a demora na emissão de mandatos de prisão. "Muitas vezes, quando o mandato sai o suspeito já não mora mais no local", disse Hemm.

Ainda sem data definida para o término da operação, a expectativa dos agentes do Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais) que estão no local é de permanecer por cerca de uma semana. Já o coronel Hemm prefere não estabelecer prazo e diz que a PM seguirá ocupando a região até que a situação seja normalizada. "Faremos até o momento em que avaliarmos que a ordem se restabeleceu", disse Hemm. "Depois, nos manteremos no local, mas com um efetivo reduzido", completou.



Segurança. Operação levou mais de 50 policiais ao Monte Cristo

Reféns da violência, moradores silenciam

Toda esta situação assusta os moradores, que evitam falar com os policiais e com a imprensa para não sofrerem retaliações dos criminosos. Há um toque de recolher velado na comunidade e são poucos os que se arriscam a sair de casa à noite. O comércio na região também foi prejudicado e até as escolas fecharam as portas.

A creche Chico Mendes, por exemplo, cancelou as aulas na quinta e na sexta-feira passadas, tentou reabrir nesta segunda-feira, mas decidiu voltar atrás e manter as atividades suspensas até que a situação se resolva. O mesmo aconteceu com a escola estadual América Dutra Machado e com o projeto social Herdeiros do Futuro, que têm apoio da prefeitura.

"Estamos nos fazendo mais presentes no local, para que os pais possam acreditar no nosso trabalho", disse o coronel Hemm. Apesar do grande número de agentes da polícia e da promessa de restabelecimento da ordem, o clima segue tenso no Monte Cristo e os moradores permanecem recolhidos em suas casas.

“Esta operação tem como objetivo restabelecer a ordem.”

CEL. PAULO HENRIQUE HEMM, SUB-COMANDANTE DA PM

CAMINHO LIVRE À FORÇA

Tropa de choque da Polícia Rodoviária Federal desbloqueia barreira na SC480 em Xanxerê e ameaça repetir a estratégia contra outros 22 pontos em estradas federais do Estado
(DC, Capa, 25 de fevereiro de 2015)

Figura 7: Capa do jornal Diário Catarinense, publicada em 25 de fevereiro de 2015.



Mais segurança no Centro

Abordagem. Ação conjunta retira moradores de rua e usuários de drogas dos espaços públicos

Intervenções no Centro de Florianópolis realizadas pela Polícia Militar, em parceria com a Comcap (Companhia Melhoramentos da Capital) e o Serviço de Abordagem de Rua da prefeitura, vêm **retirando moradores de rua e usuários de drogas de marquises e de portas de**

lojas e de casas. Essas ações refletem na diminuição de roubos a pedestres e de furtos no comércio.

Conforme estatísticas da 1ª DP da Capital, em janeiro foram contabilizados 51 assaltos contra pessoas e 33 furtos em estabelecimentos comerciais. No mês seguinte, ocorreram 56 roubos contra pessoas e 31 furtos no comércio. E nos primeiros 20 dias de março, os assaltos reduziram para 33 casos e os furtos em comércio caíram para apenas 13 ocorrências.

De acordo com o comandante do 4º BPM (Batalhão da Polícia Militar), tenente-coronel Araújo Gomes, o trabalho de abordagem de rua começou há 45 dias. Esta intervenção em conjunto, segundo Gomes, é executada de segunda a sexta-feira. **“Nosso objetivo é limpar os espaços públicos e devolvê-los à sociedade”, diz.**

Neste contexto, a missão da PM é dar segurança aos funcionários da Comcap, que recolhem todo o lixo dos moradores de rua e aos funcionários do Serviço de Abordagem, enquanto fazem entrevistas com moradores de rua e usuários de drogas. A blitz começa às 8h30 no Largo da Alfândega e se estende para a avenida Hercílio Luz, praça 15 e arredores, marquises de lojas, viaduto de acesso à ponte Colombo Salles e nas cabeceiras das duas travessias (Colombo Salles e Pedro Ivo), locais de concentração dos moradores de rua.

Encaminhamento ao Centro Pop

Em cada blitz o motorista da Comcap, Fabrício Vasco, enche uma caçamba de entulho. “Recolhemos papelão, roupas, cadeiras, cobertor e até panelas. Tudo os que os moradores de rua usaram durante a noite”, conta. Conforme assessoria da Secretaria de Assistência Social de Florianópolis, depois das entrevistas os moradores de rua são encaminhados para o Centro Pop, na passarela Nego Quirido, onde tomam café e banho e fazem outras refeições.

Os moradores de rua também podem ser encaminhados para casas de apoio com serviço médico e de assistência social. Em alguns casos, recebem passagens para retornar às cidades de origens.

Após a intervenção em parceria com órgãos públicos, a Polícia Militar atua em outra frente, visando traficantes, ladrões e veículos adulterados. Nesta segunda etapa, a ostensividade ocorre entre o camelódromo e o Tribunal de Justiça. “Na sexta-feira, apreendemos 12 motocicletas que estavam com documentação irregular”, diz Araújo Gomes.

(ND, Cidade, 21 de março de 2015, grifos nossos)

Outra característica destes dois jornais é a exaltação de personalidades ligadas às instituições de Segurança Pública, principalmente nas colunas opinativas. Aqui retornamos à ideia literária, onde os jornais apresentam a segurança pública e seus personagens como heróis e vilões:

Tropa de Elite

Policiais civis da Coordenadoria de Operações Policiais Especiais (Cope) estiveram na última semana no Vale do Itajaí participando de um **treinamento para operações em ambiente rural**. Os instrutores eram militares do 23º Batalhão de Infantaria, qualificados

no Centro de Instrução de Guerra na Selva (Cigs) da Amazônia, considerada a melhor unidade de combate na selva do mundo. **Durante os cinco dias de atividades, tiveram apenas 10 horas para descanso, distribuídas ao longo da semana. Ou seja, duas horas de sono a cada 24 horas.** (Visor - Rafael Martini, DC, 3 de setembro de 2013, grifos nossos)

Segurança

O governador Raimundo Colombo **ficou feliz com as boas notícias** apresentadas pelo secretário de Segurança Pública, César Grubba, em audiência na manhã de sexta-feira, no Centro Administrativo. Grubba **confirmou o ingresso de mil novos policiais militares** em todas as regiões do Estado ainda em setembro. Todos já realizaram o curso de formação da PM.

Nos próximos dias serão anunciadas a instalação de mais mil câmeras de vigilância em 100 municípios catarinenses. Assim, Santa Catarina terá 2,45 mil câmeras. (Cacau Menezes, DC, 15 de setembro de 2013, grifos nossos)

Perfil do soldado

Comandante-geral da Polícia Militar, coronel Nazareno Marceneiro, que hoje comemora mil dias no cargo, **traçou o perfil dos mil novos soldados da PM** incorporados ontem em solenidade em Florianópolis: 78% são casados; 71% são de Santa Catarina; 29% de outros Estados, principalmente do Rio Grande do Sul e Paraná; a idade média dos novos policiais é de 26 anos; **todos têm curso superior** com graduação em direito, principalmente, administração, educação física e tem até gestor de política ambiental. **E cada gata!** (Cacau Menezes, DC, 1 de outubro de 2013, grifos nossos)

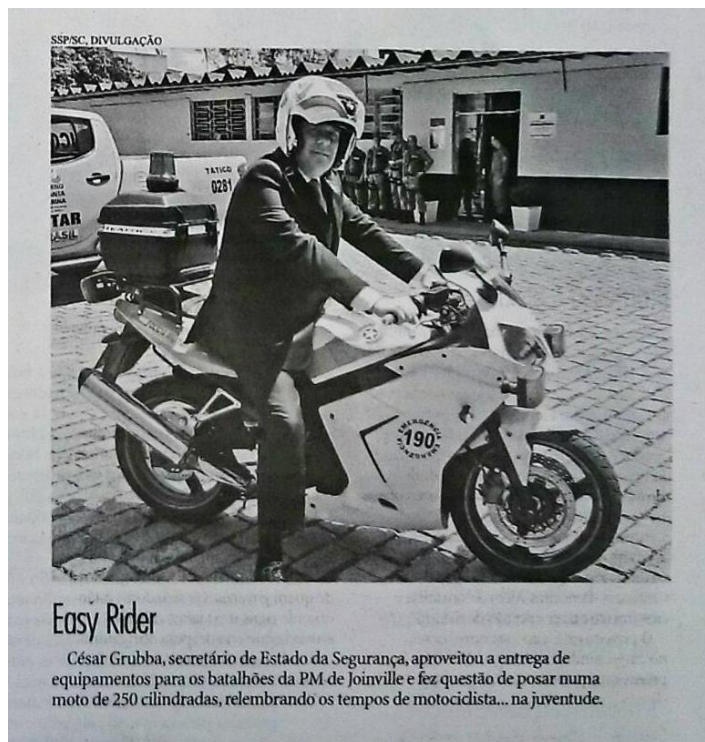
Mil dias

O coronel Nazareno Marceneiro está completando mil dias no comando da Polícia Militar de Santa Catarina. É um feito inédito. Nestes quase três anos, pôs em prática o Plano de Comando para a Corporação e criou a Sala de Situação, de onde é possível monitorar as principais cidades do Estado em tempo real. Coisas que só a alta tecnologia permite. Marceneiro também enfrentou momentos difíceis, principalmente as duas ondas de atentados liderados pela bandidagem. **Enfrentou, viu e venceu.** E continua homem de confiança do governador. (Cacau Menezes, DC, 7 de outubro de 2013, grifos nossos)

Easy Rider

César Grubba, secretário de Estado da Segurança, aproveitou a entrega de equipamento para os batalhões da PM de Joinville e **fez questão de posar numa moto de 250 cilindradas**, lembrando os tempos de motociclista... na juventude. (Visor - Rafael Martini, DC, 11 de outubro de 2013, grifos nossos)

Figura 8: Recorte da nota publicada na coluna Visor - Rafael Martini, pelo jornal *Diário Catarinense*, em 28 de dezembro de 2013.



POR AR, MAR E TERRA

PM forma policiais multimissão

Em curso de 735 horas, 21 selecionados passaram por testes físicos e táticos para atuar em operações sob condições extremas

Atenção, rapidez, agilidade e serenidade trabalham junto nas operações de resgate a vítimas em alto-mar. O mar agitado, o vento forte, as condições climáticas adversas não interferem na concentração de 21 policiais militares em treinamento na praia do Campeche, no Sul da Ilha de Santa Catarina.

O trabalho realizado nesta terça-feira foi uma avaliação de procedimentos operacionais que integram o curso Tripulante Operacional Multimissão da Polícia Militar de Santa Catarina. A sexta turma vai se formar nesta sexta-feira, no centro de ensino da Polícia Militar, em Florianópolis.

Há quatro meses, os policiais recebem treinamento tático e adquirem conhecimentos específicos como tráfego aéreo, resgate veicular, salvamento em altura e aquático, técnicas de operações especiais e tiro embarcado.

No treinamento de resgate em alto-mar, piloto e copiloto do helicóptero AW119 Koala acompanham a ação do socorrista, que pula na água para resgatar a vítima, coloca-a no cesto com capacidade para até três pessoas (puçá), depois eles são levados pela aeronave até a praia.

Observando, até parece um procedimento fácil. Mas a habilidade vem com treinamento intenso e dedicação de todos os envolvidos,

conforme afirma o capitão da Polícia Militar, Igor Gonçalves de Castro, que é copiloto do helicóptero Águia 2 da PM.

— Para que o trabalho ocorra de forma normal, temos que ter bastante treinamento e sintonia. Cada um tem que fazer sua parte e bem-feita — explica.

E para chegar ao fim do curso Multimissão, a turma precisou suar muito na seleção e em testes físicos forçados, como natação em alto-mar, rapel e apneia. Os policiais formados serão direcionados às bases de Criciúma e Lages. O grupamento aéreo da PM existe desde 1986.

(DC, Geral, 9 de abril de 2014, grifos nossos)

Figura 9: Recorte da notícia publicada no jornal *Diário Catarinense*, em 9 de abril de 2014.

DIÁRIO CATARINENSE, QUARTA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 2014 Geral 23

POR AR, MAR E TERRA PM forma policiais multimissão

Em curso de 735 horas, 21 selecionados passaram por testes físicos e táticos para atuar em operações sob condições extremas

Atenção, rapidez, agilidade e serenidade trabalham junto nas operações de resgate a vítimas em alto mar. O mar agitado, o vento forte, as condições climáticas adversas não interferem na concentração de 21 policiais militares em treinamento na praia do Campeche, no Sul da Ilha de Santa Catarina.

O trabalho realizado ontem foi uma avaliação de procedimentos operacionais que integram o curso Tripulante Operacional Multimissão da Polícia Militar de Santa Catarina. A sexta turma vai se formar nesta sexta-feira, no centro de ensino da Polícia Militar, em Florianópolis. Há quatro meses, os policiais recebem treinamento tático e adquirem conhecimentos específicos como tráfego aéreo, resgate veicular, salvamento em altura e aquático, técnicas de operações especiais e tiro embarcado.

No treinamento de resgate em alto mar, piloto e co-piloto do helicóptero AW119 Koala acompanham a ação do socorrista, que pula na água para resgatar a vítima, coloca-a no cesto com capacidade para até três pessoas (puça), depois eles são levados pela aeronave até a praia.

Observando, até parece um procedimento fácil. Mas a habilidade vem com treinamento intenso e dedicação de todos os envolvidos, conforme afirma o capitão da Polícia Militar, Igor Gonçalves de Castro, que é co-piloto do helicóptero Águia 2 da PM.

— Para que o trabalho ocorra de forma normal, temos que ter bastante treinamento e sintonia. Cada um tem que fazer sua parte e bem-feita — explica.

E para chegar ao fim do curso Multimissão, a turma precisou suar muito na seleção e em testes físicos forçados, como natação em alto mar, rapel e apneia. Os policiais formados serão direcionados às bases de Criciúma e Lages. O grupamento aéreo da PM existe desde 1986.

Etapas do curso

- O sexto curso de Tripulante Operacional Multimissão teve início com fase de seleção, que começou em agosto de 2013. Nesta oportunidade os alunos realizaram um teste de capacidade intelectual.
- Para os aprovados, a próxima fase foi a inspeção de saúde, depois, o teste de aptidão física e o de aptidão específica. A avaliação envolveu: natação em mar aberto, natação em piscina, flutuação, apneia, tiro prático e manobras de rapel.
- Em 735 horas-aula, os policiais tiveram instruções de salvamento aquático, salvamento em altura, atendimento pré-hospitalar, tiro policial, resgate veicular, educação física, sobrevivência no mar e na selva, combate a incêndio, além de instruções de aviação: navegação, meteorologia, conhecimentos básicos de aeronaves, segurança de voo e procedimentos operacionais com helicóptero.
- A turma iniciou em novembro de 2013, com 21 alunos. São seis da 1ª Cia. da PM, em Florianópolis, sete da 5ª Cia., em Lages, sete da 6ª Cia., em Criciúma, e um do Paraná.
- Após a formatura, os conhecimentos em tripulação de voo serão aperfeiçoados por mais 150 horas, no atendimento a ocorrências junto com outros tripulantes experientes.

Prática de salvamento em alto mar foi o último exercício antes da formatura marcada para sexta-feira

guto.kuerten@diario.com.br

MISSÃO CAVEIRA

Como se formam os superpoliciais

Após 5 anos sem abrir uma nova turma, a Polícia Militar de Santa Catarina retomou a preparação de homens para integrar o Batalhão de Operações Especiais da corporação em um treinamento de guerra que totaliza três meses. Dos 36 que foram selecionados para participar do curso, apenas 21 ainda resistem.

Quatro dias foram suficientes para 15 dos 36 policiais aptos fisicamente cravarem uma cruz no cemitério e desistirem de ir adiante no **mais rigoroso e exigente teste da Polícia Militar de Santa Catarina: o curso para a entrada no Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope)**. O último curso para entrada no Bope foi em 2009. O clima interno nos últimos anos sempre foi de expectativa pela abertura das inscrições, envolvendo desde praças a oficiais do Estado.

Agora, os 21 obstinados restantes **ainda vão precisar de muita resistência e força psicológica para completar os três meses de treinamento**, a grande parte em local rústico e em meio à mata, incomunicáveis e distantes de contato com familiares, para se tornar um caveira, o símbolo do pelotão de elite da corporação.

O Diário Catarinense acompanhou algumas horas do árduo caminho que os policiais militares interessados em atuar no Bope – no total mais de 120 se inscreveram – estão percorrendo desde 29 de julho, num dos raros momentos de abertura da área de estágio a quem não é aluno ou instrutor.

Era o quarto dia de atividades num sítio que fica entre Palhoça e Paulo Lopes, na Grande Florianópolis. O silêncio da paisagem verde contrastava com a entonação dos cânticos durante a movimentação da tropa, enfileirada, empunhando uma carabina calibre 12 e com mochila de 20 quilos nas costas.

O semblante de cansaço era visível, assim como o caminhar torto diante das prováveis bolhas nos pés nos poucos comandos de descansar. Os instrutores afirmam que é algo comum nos primeiros dias de pouco sono e intensos exercícios. Afinal, **todos os que estão ali são verdadeiros atletas, com grande vigor físico**.

O cenário de treinamento lembra o clássico filme policial Tropa de Elite, de 2007: um quadrado enlameado, homens posicionados sem esboçar qualquer sorriso, o capitão falando ao pé do ouvido, rosto sem mexer nem um músculo sequer. No máximo ouve-se os dizeres “não senhor, sim senhor”.

A bronca foi geral aos alunos quando, ao colocarem a arma no chão, um barulho se fez, num suposto desleixo de largá-la abruptamente. Mas houve também instantes de brincadeira dos comandantes e outros de surpresa:

– “33, pode tirar as pedras da mochila! Ouviu, 33?” – Esbravejava um instrutor.

UM SIMBÓLICO FIM AO SONHO

Cada aluno carrega uma cruz e a lápide. Ninguém é obrigado a ficar no curso, lembram os instrutores à reportagem. Se optar pela desistência, o ato de enterrar a cruz marca a despedida antecipada e o fim do sonho de integrar a elite. O cemitério fica bem visível ao lado do campo.

Superar o frio da madrugada e o sono são os desafios nos primeiros dias. O despertar começa cedo, às 6h, e as missões e

orientações costumam ir até a madrugada do dia seguinte. Nas poucas horas de descanso e sono – todos ficam numa mesma barraca – ainda é preciso fazer a barba, limpar os objetos pessoais e a arma.

O banho é no rio. Não há banheiro. Ambientes assim são impostos para deixar o aluno próximo da realidade. Em SC, por exemplo, não são raros os casos de caçadas a quadrilhas que se embrenham dias na mata em fuga.

Prova de força mental

A formação tem três fortes vertentes: foco no homem, no armamento e treinamento constante. Segundo os instrutores e capitães do Bope Jorge Echude e Lucius Carvalho, o curso trabalha a capacidade de resistência, senso de inteligência, liderança, o lado emocional e a capacidade de raciocinar sob pressão. E o psicológico é o mais difícil. **Eles têm que sair dali com a certeza de que serão mais fortes do que o criminoso.**

São abordadas, por exemplo, técnicas de sobrevivência, de patrulha e de abordagens. Algo também enfatizado é o voluntariado e o espírito de equipe, assim como as condutas éticas do policial.

O curso é eliminatório e classificatório. Os alunos não são policiais apenas de Santa Catarina, também vêm de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Piauí, graças a um intercâmbio. Têm em média 26 anos. Ao final, estima-se que o índice de desistência alcance 70%.

As principais missões do Bope são intervenções e operações de resgate de reféns em áreas urbanas ou rurais, combater o tráfico de drogas e o crime organizado estadual, patrulhamento em locais de alto risco, captura de criminosos em áreas de difícil acesso, ocupação, manutenção e retomada de pontos sensíveis.

BOPE FORMOU ATUAL COMANDANTE

O curso é desenvolvido justamente quando um ex-comandante do Bope está à frente da PM em Santa Catarina, o coronel Valdemir Cabral, que fundou o batalhão e o liderou por três anos.

– É a nossa Swat (grupo tático de elite das polícias americanas), um grupo de qualidade, bem treinado, com preparo psicológico e físico diferenciado para operações de altíssimo risco – compara.

O grupo atua com equipamento, armas e técnicas diferenciadas. Ali estão, por exemplo, o *sniper* (atirador de elite), o especialista em explosivos e o negociador em ocorrências com refém, cuja média é de dois casos por mês.

As demandas principais no Estado para emprego dos policiais têm sido as que envolvem a utilização de explosivos por quadrilhas que assaltam caixas eletrônicos. Também as ações de captura desses criminosos.

O comandante diz que o longo período sem o curso se deu em razão do déficit no efetivo geral, o que acabaria ampliando o desfalque. Se tornou possível agora diante da reposição de cerca de 3 mil policiais nos últimos anos. Além disso, Cabral ressalta a necessidade de renovação da tropa, pois há policiais no batalhão com mais de 20 anos de serviço.

O comandante do Bope, tenente-coronel Marcelo Cardoso, lembra que a tropa tem atuado em operações em cidades que enfrentaram aumento repentino da criminalidade, como Chapecó e Navegantes, além das ocupações do Morro da Caixa e da comunidade Chico Mendes, em Florianópolis.

Figura 10: Reportagem sobre a formação de policiais do Bope, publicada em página dupla no DC, em 5 de agosto de 2014.



Percebemos que o tipo de discurso perpetuado pelos jornais é o que incentiva uma cultura violenta e machista. Vale ressaltar também que a maioria das informações são apresentadas sem dados oficiais, não se submetendo à critérios jornalísticos:

Figura 11: Recorte da nota publicada na coluna Visor - Rafael Martini, pelo jornal Diário Catarinense, em 28 de dezembro de 2013.



Perfume de mulher

O governador Raimundo Colombo autorizou oficialmente o ingresso no curso de formação de policiais militares de 211 mulheres que haviam ficado de fora da primeira chamada. Loiras, morenas, ruivas, **elas vêm para dar perfume às fardas. Logo elas estarão nas ruas, desfilando na passarela, mas fazendo cumprir a lei. Lei cheirosa.** (Cacau Menezes, DC, 9 de novembro de 2013)

Ao longo da documentação e classificação, o discurso dos jornais *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia* ganhou consistência principalmente na repetição de fatores como enquadramento, estruturas textuais, vocabulário, procedimentos de intensificação, dramatização e de persuasão; o contexto gráfico e associação a imagens (SOUSA, 2004).

Ou seja, a *forma*, a *apresentação* e a *discussão sugerida* acerca destes temas, independente de quantas vezes foram veiculados, prevaleceram e embasaram a análise *qualitativa* deste conteúdo.

Novamente, vale citar Orlandi (2006, p. 264) quando afirma que “são várias as estratégias para não dizer, mas nesse trabalho interessam-me aquelas que para silenciar se diz algo diferente, ou se diz o contrário”. A intensidade e a repetição, quando diz respeito ao policiamento ostensivo das ruas, o incentivo ao uso de armas e a exaltação de personalidades do setor securitário acabam tirando o foco ou silenciando, de certa forma, os graves problemas enfrentados pela Segurança Pública.

Entre eles, a falta de contingente policial efetivo para patrulhamento das ruas, os baixos salários, as constantes greves (principalmente dos agentes da polícia civil e dos penitenciários), a falta de estrutura física adequada para os agentes da segurança, a recente integração das mulheres às polícias e o machismo que as cerca, a má-formação dos policiais e a necessidade de desmilitarização da Polícia, entre outros.

3. Diferentes enquadramentos

Conforme apresentamos anteriormente, o assunto “insegurança no *campus*” é frequentemente abordado pela comunidade acadêmica da UFSC em conversas, assembleias, reuniões, redes sociais e notícias. Para além disso, verificamos que esta temática também resultou em trabalhos acadêmicos.

O aluno do curso de Ciências Sociais, Denis Berté Sálvia, realizou, em 2015, uma pesquisa sobre a vitimização e sensação de segurança com os alunos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da UFSC. Para tanto, foi elaborado um questionário que buscava uma possível relação entre ter sido vítima de um crime e a sensação de segurança ou insegurança decorrente deste.

Através das respostas obtidas, o estudante concluiu que na UFSC “à noite, os inseguros somam 48%, os pouco seguros 35,4 e os seguros 16,7%” (SÁLVIA, 2015, p. 62). Ou seja, para os alunos que responderam à pesquisa, a sensação de insegurança dentro do campus da Trindade, no período noturno, é de 83,3%.

O questionário ainda possibilitou levantar uma série de crimes que ocorreram com alunos ou seus conhecidos, em diferentes locais, e verificar possíveis diferenças na distribuição desses ocorridos segundo diferentes características individuais.

Os crimes mais verificados foram assalto, roubo, estupros, homicídios, furtos, ameaças e sequestros. Essa constatação traz à tona algumas hipóteses: serão as universidades locais mais violentas, ou as cidades são violentas e isso tem relação com as universidades? **Será a mídia que, através da banalização da violência, produz sensação de insegurança?** A questão da insegurança tem relação com o público que frequenta as universidades? O quanto podem ser úteis a vigilância e cuidados ambientais, como o controle do acesso através de portões, na garantia da segurança? (SÁLVIA, 2015, p.49, grifos nossos)

A partir dos questionamentos apontados acima, podemos perceber que existem diversas maneiras de estudar e analisar nossa sensação de segurança ou medo da violência. Já percebemos que a forma como os veículos apresentam os problemas relacionados à segurança podem contribuir para os resultados de pesquisas, como a que foi elaborada por Sálvia. É por isso que, dentro do campo de estudo do jornalismo, escolhemos analisar o discurso dos jornais.

Durante a documentação e catalogação do corpus desta pesquisa, verificamos que os jornais *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia*, em diversas vezes, concederam maior

espaço gráfico e textual para temas da UFSC, em comparação com a Cidade de Florianópolis, ou até do Estado.

De acordo com os objetivos desta pesquisa e também por questões metodológicas, financeiras e temporais não foram realizadas entrevistas com os jornalistas e editores do período em análise. Portanto não podemos afirmar quais foram as intenções ou razões para que se concedesse maior destaque à Universidade.

Separamos, para este capítulo, três episódios em que a decisão deliberada de destacar temas de segurança na UFSC, sem contextualizar a situação da cidade como um todo, pode ter contribuído para os resultados da pesquisa de vitimização realizada por Sálvia (2015).

3.1. Iluminação

Em julho de 2013, o jornal Notícias do Dia publicou reportagem sobre a operação “Florianópolis mais segura”, um projeto de revitalização da iluminação, elaborado pela prefeitura da capital, que pretendia investir R\$1,7 milhão na substituição de lâmpadas. A notícia ocupou uma página inteira dentro do impresso. Apesar de o projeto contemplar mais de 900 pontos de iluminação e sete bairros da cidade, não foi manchete ou recebeu chamada na capa.

Mesmo se tratando de um projeto que visava diminuir a violência, a reportagem foi categorizada dentro da editoria de *Cidade*, não de *Segurança*. Além disso, enquanto a leitura do texto deixava claro que o projeto de iluminação ainda seria executado, a foto escolhida para ocupar aproximadamente um terço da página mostrava uma rua, à noite, com iluminação funcionando. Se não existisse a legenda, onde lia-se: “Local inseguro. Postes com lâmpada queimadas na rua Jornalista Assis Chateaubriand, no Centro”, dificilmente seria percebido que alguns postes estavam com as lâmpadas queimadas. Também é válido apontar que, embora não tenha sido informado uma data ou prazo para a execução do projeto, o título da notícia já afirmava que “Capital terá nova iluminação” e que as “lâmpadas de maior potência deixarão cidade mais clara, humana e segura”:

Capital terá nova iluminação

Segurança. Lâmpadas de maior potência deixarão cidade mais clara humana e segura

A prefeitura da Capital **vai revitalizar** a iluminação pública da cidade, substituindo as lâmpadas queimadas ou de baixa luminosidade por novas e mais potentes. **Além de deixar a cidade mais clara**, o

prefeito Cesar Souza Júnior (PSD) quer uma Florianópolis mais humana, com mais qualidade de vida e menos violência.

Cesar pediu à Polícia Militar um levantamento dos locais mais críticos da Capital, onde a inexistência ou a baixa luminosidade constituem como um dos fatores que contribuem para a ocorrência de crimes, para iniciar a primeira etapa da operação “Florianópolis mais segura”. **Serão investidos R\$1,7 milhão.**

Hoje, será inaugurada nova iluminação das pontes Colombo Salles e Pedro Ivo Campos com lâmpadas LED. São 106 pontos na Pedro Ivo e 104 na Colombo Salles.

Num primeiro momento da operação “Florianópolis mais segura”, vão ser revistos 949 pontos. Em alguns locais, os braços dos postes de iluminação pública serão trocados por outros mais longos, além da substituição das lâmpadas. De acordo com o prefeito, na primeira etapa **serão beneficiados** o Centro e os bairros Trindade, vila União, Rio Tavares, Lagoa da Conceição, Abraão e Bom Abrigo.

O projeto foi apresentado na manhã de ontem, na sala do Conselho Estratégico do Comando-geral da Polícia Militar. O comando da 1ª Região da Polícia Militar não apresentou os números de ocorrência em locais (servidão, ruas ou avenidas) que necessitam ser mais iluminados.

Pelo mapa da violência elaborado pela Secretaria de segurança Pública, o Centro é o local onde ocorrem mais roubos contra pedestres, apesar da monitoração por câmeras da PM. As ruas Conselheiro Mafra, Francisco Tolentino e Gustavo Richard seriam os pontos mais críticos da cidade. De janeiro a abril deste ano, foram registrados 105 roubos contra pessoa no Centro.

De acordo com o consórcio SQE Luz, que faz a manutenção em Florianópolis, **existem 46.400 pontos de iluminação na cidade.** “Mas nem todos eles vão substituir”, explicou o gerente da área técnica do consórcio, Roberto Carlos Kahl.

Uns criticam, outros comemoram melhorias

O bairro Saco Grande, um dos locais com mais homicídios este ano na Capital, não entrou na primeira etapa da operação de substituição de luminárias. “Estranhamos o fato de ficarmos de fora. O bairro e o entorno, principalmente a Vila Cachoeira, necessitam urgentemente de iluminação. Nos últimos dez dias ocorreram três assassinatos”, informou a presidente do Conselho de Moradores, Rosângela Amorim.

Já na Vila União, contemplada, a líder comunitária Rosângela Antunes Soares nem sabia que a comunidade seria beneficiada. “Há muito tempo estamos pedindo melhorias à prefeitura. A quadra de esportes está às escuras. Gostaria que a prefeitura colocasse uma proteção nas luminárias dos postes para evitar que elas sejam quebradas novamente”, disse. (Cidade, ND, 16 de julho de 2013, grifos nossos)

Figura 12: Capa do ND, no dia 16 de julho de 2013, onde o projeto de iluminação da Capital não recebeu destaque.



Figura 13: Reportagem sobre o projeto de iluminação da cidade de Florianópolis, publicada pelo ND, no dia 16 de julho de 2013



Em setembro do mesmo ano, o *Notícias do Dia* publicou reportagem sobre um projeto de iluminação para a UFSC, mas sua abordagem foi diferente. Apesar de se tratar de um projeto interno da Universidade, para iluminar apenas o *campus* Trindade, a notícia recebeu destaque na capa do jornal com uma fotolegenda em tamanho grande, ocupando cerca de um terço da capa. Além disso, a frase “UFSC: medo do escuro” foi incorporada dentro da imagem, sendo que esta mostra um túnel da Universidade, com pouca iluminação, no período noturno. A legenda informava o conteúdo da reportagem: “Segurança. A Universidade Federal tem projeto de R\$16 milhões para melhorar a iluminação no *campus* Trindade em Florianópolis”

Figura 14: Recorte da capa do jornal *Notícias do Dia* no dia 6 de setembro de 2013.



Dentro do jornal, a reportagem foi categorizada como um “Especial”, sem entrar para uma editoria específica. Mais duas fotos acompanharam a diagramação da notícia, ambas mostrando o *campus* em período noturno e mal iluminado. Nas legendas, as seguintes afirmativas: “Sombra. Em muitos locais do *campus* Trindade, a iluminação só pode ser vista dentro dos prédios, causando insegurança” e “*Campus*. Caminhar à noite é sinônimo de perigo para os estudantes”.

O jornal informa também que em abril de 2013, “os problemas da escuridão e da insegurança dentro do *campus* da UFSC foram tema de reportagem no ND”, ou seja,

apesar de não fazer parte do período de estudo escolhido para esta monografia, podemos confirmar que este assunto já havia sido abordado pelo jornal anteriormente.

Fim da escuridão

UFSC. Universidade tem projeto de R\$16 mi para iluminar e melhorar a segurança no campus

A UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) **finalizou um projeto de R\$ 16,5 milhões para iluminar o campus da Trindade e melhorar a segurança**. Serão colocados 1.335 postes com tecnologia em LED, substituindo os 540 atuais. **Não há prazo para a licitação ser lançada. A escassez de luz tem sido uma das principais críticas dos estudantes nos últimos meses.**

Segundo o pró-reitor de Administração, Antonio Carlos Montezuma Brito, o projeto vai ser entregue para a reitora Roselane Neckel na próxima terça-feira, de forma oficial. “Depois de pronto, ele trará uma economia de 50%. Hoje, gastamos cerca de R\$ 1,1 milhão mensais com energia elétrica”, explicou.

Ainda de acordo com o pró-reitor, os locais mais perigosos ficarão permanentemente iluminados. Já outros, por onde costumam passar os vigilantes da UFSC, por exemplo, alguns postes podem ser apagados para economizar energia. Tudo será feito remotamente.

A dificuldade agora é ver de onde vêm os recursos, se próprios ou financiamento, mas isso será discutido com a reitoria. **Também não há prazo para a licitação.**

Apesar de o fechamento dos portões ter ganhado bastante destaque, **o assunto iluminação tem sido cobrado por estudantes**. Durante fórum que debateu a segurança no campus, na última segunda-feira, estudantes criticaram a falta de luz. Uma estudante lembrou que o coletivo feminista Somos Pagu, entregou para a reitora um abaixo-assinado com 2.000 apoios.

O DCE (Diretório Central dos Estudantes) lançou um projeto para acompanhar os assuntos de segurança, o “Luz, câmera e mais ação”. **No quesito luz, eles descrevem que a iluminação é um dos principais problemas da universidade.**

Reitora defende os portões

A reitora Roselane Neckel defende o controle de acesso no campus da Trindade a partir das 22h. Ela frisou que a restrição seria para carros e não para as pessoas.

Durante as férias foram instalados portões nas três principais entradas da UFSC. A reitoria alegou que o principal objetivo é controlar o acesso indiscriminado de carros no campus durante a madrugada. O som alto dos veículos incomoda os moradores do entorno da universidade. “As pessoas têm que vir para a UFSC, mas com segurança. A ideia é dificultar a entrada de carros após as 22h. Isso tem causado grandes problemas para quem está no entorno. Precisamos tomar posição”, afirmou Roselane.

Não há um prazo para que o controle de acesso comece a valer. Segundo a assessoria de imprensa da UFSC, haverá outros fóruns para debater o assunto. (Especial, ND, 06 de setembro de 2013)

Figura 15: Reportagem publicada pelo ND, no dia 6 de setembro de 2013.



Com este exemplo, podemos perceber que existem diferentes enquadramentos, abordagens e destaques aferidos para assuntos muito parecidos - a apresentação de projetos de iluminação - pelo mesmo jornal.

3.2. Portões no campus Trindade da UFSC: capa de jornal Estadual

Em 25 de julho de 2013, o Diário Catarinense apresentava a seguinte manchete: “Portões passam a controlar o acesso ao campus da UFSC”. Com fonte diagramada em tamanho grande e corpo de texto ocupando uma posição central na capa do jornal, a linha-fina explicava: “Instaladas nas três entradas principais, barreiras buscam aumentar a segurança e só serão acionada após debate com a comunidade universitária”.

Figura 16: Capa do jornal DC, no dia 25 de julho de 2013.



Conforme apresentamos anteriormente, o DC se propõe a realizar uma cobertura Estadual, alcançando diversas regiões de Santa Catarina. Sendo assim, por mais que a UFSC seja uma universidade federal, que recebe alunos de diversos estados e até de outros países, os portões instalados afetariam apenas a entrada de carros (e não de pessoas) no campus Trindade, em Florianópolis.

Considerando os critérios de noticiabilidade propostos por Lage (1979), como proximidade, atualidade, identificação social, intensidade e ineditismo, a reportagem sobre a desarticulação da facção criminosa que liderou atentados em diversas cidades do Estado, publicada na mesma edição, certamente possui maior relevância para a Segurança Pública estadual do que portões instalados em uma universidade. No entanto, a notícia com título “Polícia desmonta tentáculo da facção” e linha-fina “Ordens de líderes do PGC presos no Nordeste chegavam a criminosos em Santa Catarina”, recebeu menos destaque gráfico do que a notícia sobre medidas de segurança na UFSC.

Figura 17: recorte da capa do DC, 25 de julho de 2013.



O mesmo jornal, dez dias antes, havia publicado uma reportagem sobre projeto de iluminação da cidade de Florianópolis. Em comparação com a manchete sobre os portões na Universidade, analisando questões gráficas, como posicionamento da manchete e tamanho de fonte, podemos perceber que o projeto de iluminação da Capital também recebeu menos destaque visual do que a UFSC.

Figura 18: Capa do DC no dia 15 de julho de 2013.



Figura 19: Recorte da capa do DC, 15 de julho de 2013.



Em outro caso, apresentado como manchete na capa do jornal, podemos constatar que a colocação de barreiras em uma Universidade foi tão evidenciada pelo DC quanto o aumento do policiamento no Estado inteiro.

Figura 20: Capa do DC no dia 6 de maio de 2014.



Por estarem posicionadas e diagramadas de forma graficamente semelhante, podemos afirmar que a manchete “Novo comandante promete colocar mais PMs nas ruas”, publicada em 6 de maio de 2014, recebeu tanto destaque quanto a instalação dos portões. Conforme a linha-fina explica, a reportagem tratava sobre o aumento da presença policial em Santa Catarina: “Responsável pela corporação no Estado, Valdemir Cabral anunciou que cobrará dos comandos regionais maior policiamento ostensivo nas cidades catarinenses”.

3.3. Ação policial dentro do campus: 25 de março de 2014

Conforme apontado anteriormente, um dos acontecimentos que influenciou na escolha deste tema como trabalho de conclusão de curso foi a ação policial que ocorreu dentro do campus Trindade da UFSC, em Florianópolis, no dia 25 de março de 2014. O confronto teve início quando um policial à paisana revistou e interceptou um aluno que portava um cigarro de maconha nas proximidades do CFH. A atitude agressiva do agente de segurança dentro de um centro de ensino gerou revolta nas testemunhas da interceptação e terminou em um confronto violento entre policiais, estudantes, professores e servidores técnicos-administrativos.

Além das capas, já apresentadas na introdução deste Trabalho, o acontecimento, que repercutiu nacionalmente, continuou sendo investigado e abordado pelos dois jornais, DC e ND, intensamente ao longo da semana. Durante todo o período pesquisado, poucos eventos receberam tanta atenção e destaque gráfico quanto o que ficou conhecido como “Levante do Bosque”.

Nesta monografia, o que mais chamou atenção, foi a edição do dia 28 de março de 2014, uma sexta-feira, quando o jornal *Notícias do Dia* modificou o planejamento gráfico da impresso para incluir um editorial, assinado por todo o grupo RIC, com o título “Afiml, quem manda na UFSC?”.

Editorial: Afiml, quem manda na UFSC?

Os lamentáveis episódios ocorridos no campus da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) em Florianópolis, em virtude da ação da Polícia Federal para investigar o tráfico de drogas, provocaram um amplo debate entre os catarinenses. **O triste espetáculo ganhou repercussão nacional.** A operação policial, que re-ndou em prisões, tiros de balas de borracha, bombas de gás e feridos, além da destruição de patrimônio, não está restrita a um simples “baseado” ou meia dúzia de maco-nheiros. Mas diz respeito ao cumprimento da lei em vigor.

Financiada com verbas públicas, resultado do imposto que todos pagam, a UFSC sempre foi reconhecida como um centro de excelência no Brasil e exterior. Muitos dos seus cursos figuram entre os melhores do país. O conceito con-quistado ao longo de seis décadas foi construído pelo tra-balho de todos: de funcionários e professores, muitos dos quais doutores e mestres, alguns reconhecidos internacio-nalmente pela sua contribuição ao conhecimento humano.

Por esse motivo a instituição tem de ser preservada, pela sua história rica em contri-buições à sociedade. Das suas salas de aula saíram médicos, professores, en-genheiros, arquitetos, en-fim, profissionais do

mais alto gabarito. **É entristecedor ver todo este trabalho manchado por uma minoria de baderneiros traves-tidos de estudantes, infelizmente encorajados pela leniência da reitoria. Desde que assumiu, a reitora Roselane Neckel vem imprimindo uma gestão mais ideológica e menos técnica à UFSC,** com rupturas e divisões que enfraquecem a instituição. No episódio da ação policial, teve um comportamento questionável ao fazer a defesa cega da autonomia da Universidade, usando um discurso incendiário ao invés de tranquilizar a comunidade estudantil.

A autonomia universitária, necessária nos tempos da ditadura militar, está sendo invocada para a defesa dos poucos estudantes que preferem usufruir do campus para se drogar, sem compromisso com o ensino de qualidade, público e gratuito, pelo qual deveriam lutar. Antes de invocarem liberdade para fumar maconha, deveriam estar preocupados com a sua formação profissional.

Há muito que o campus da UFSC se transformou em um problema de segurança pública não só pelas drogas, mas também pelos furtos de automóveis, assaltos, seqüestros, tiroteios e estupros. Toda a comunidade acadêmica da maior universidade catarinense reconhece que aquela área é insegura. Pelas leis brasileiras, maconha e outros entorpecentes são drogas ilícitas e seu uso configura crime. E este crime tem de ser combatido, com força e vigor. A ação pontual da Polícia Federal, portanto, não deveria espantar os dirigentes da UFSC, já que a própria universidade foi pedir ajuda à Polícia Federal em 2013.

A sociedade vive momentos de tensão e pavor por conta da violência. Grande parte da criminalidade tem como motivação o tráfico de drogas, financiado pelos próprios usuários, incluindo os universitários que as consomem protegidos no ambiente do campus. É uma hipocrisia acreditar que o usuário é apenas um doente, uma vítima. **Ao comprar as substâncias ilícitas ajuda a alimentar esta corrente sem fim de criminalidade, que coloca de um lado o traficante e suas milícias bem armadas.** E de outro a maioria da população, honesta e trabalhadora. **O combate ao tráfico e ao consumo deve ser prioridade nacional, inclusive dentro das universidades.** A sociedade, cansada de ver a droga destruir famílias e gerar cada vez mais violência, exige cada vez mais a atuação firme dos policiais. Esta é a realidade que muitos não querem enxergar. Afinal, ou defendemos quem nos protege ou ficaremos reféns da bandidagem.

Após o confronto com o batalhão de choque da PM **um grupo de baderneiros ocupou a reitoria da UFSC.** Eles exigem a polícia longe do campus e liberdade para as festas, como se o campus fosse um território livre. **Vi-rou terra de ninguém,** longe da lei e da ordem, ocupado por estudantes e manifestantes de outros movimentos sociais como os acampados da SC-401. A bandeira nacional foi substituída por um pano vermelho com a inscrição “Reitoria ocupada”. **Afinal, quem manda na UFSC?**

O que se deseja é **que a reitora Roselane Neckel assuma o comando da instituição e recupere a dignidade e o prestígio da UFSC,** não permitindo que essa imagem continue sendo enxovalhada. O compromisso da UFSC sempre foi com a construção do conhecimento, não com a afronta à lei. **A polícia deve sim ter liberdade para entrar no campus quando necessário,** para investigar e prender os agentes da criminalidade. É um equívoco confundir autonomia com desrespeito à lei.

O pior estrago não foi a autonomia ferida da UFSC, por conta do confronto entre estudantes e policiais, mas o prejuízo de imagem causado pelos próprios universitários, que deram mau exemplo ao ocuparem a reitoria, picharem paredes e destruírem o patrimônio público. O que os catarinenses, que prezam e estimam a universidade, esperam é que a reitoria não transforme este episódio num confronto ideológico, politizando este debate, mas aja com rigor para restabelecer a ordem dentro do campus, privilegiando o ensino e a formação dos futuros profissionais catarinenses. (Editorial, ND, 28 de março de 2014, grifos nossos)

No ND, o editorial sempre ocupou cerca de um terço, de uma das primeiras páginas do jornal, do lado esquerdo, dividindo o espaço com artigos opinativos, cartas dos leitores e charges. Durante o período pesquisado, nenhuma outra edição apresentou esta modificação de design gráfico para abrigar um editorial mais longo. Além disso, dentro do design gráfico, o editorial do ND não costuma ser assinado ou apresentar fotos, como ocorreu neste caso.

Figura 21: Editorial publicado pelo *Notícias do Dia*, no dia 28 de março de 2014.



Para ilustrar melhor, separamos abaixo alguns editoriais que tratam sobre acontecimentos de extrema gravidade e relevância para a Segurança Pública estavam ocorrendo em todo Estado, no período pesquisado. Nenhum destes casos recebeu tanto destaque gráfico no *Notícias do Dia* quanto a ação violenta na Polícia dentro da UFSC.

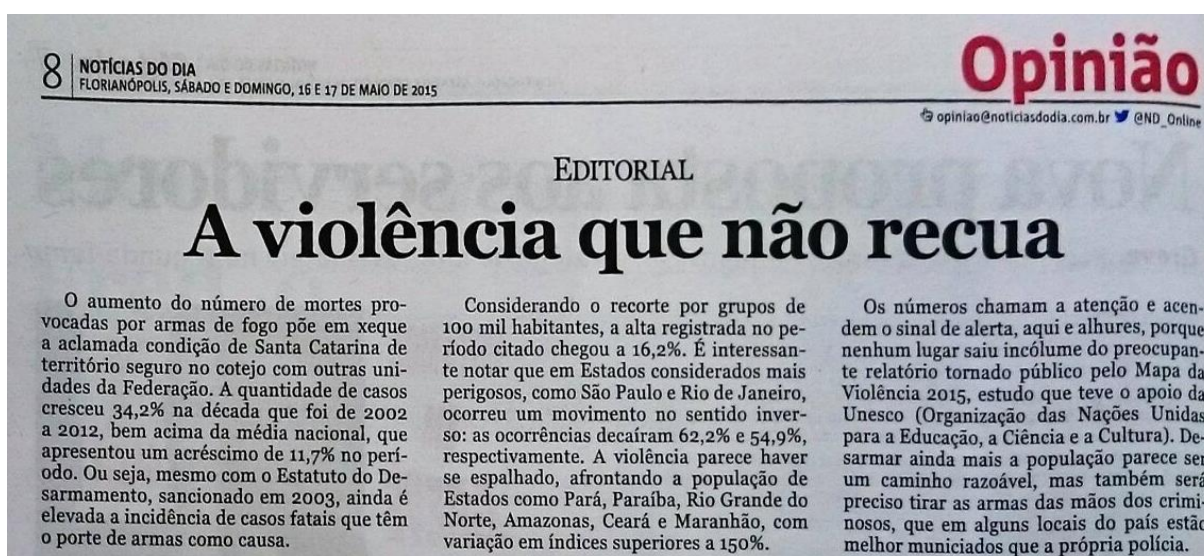
Figura 22: Editorial publicado pelo *Notícias do Dia*, no dia 20 de agosto de 2013, tratando sobre a truculência policial em uma escola da Grande Florianópolis, onde um agente de Polícia utilizou uma arma de choque para conter um aluno adolescente.



Figura 23: Editorial publicado pelo *Notícias do Dia*, no dia 2 de abril de 2014, tratando sobre o colapso do sistema carcerário catarinense.



Figura 24: Editorial publicado pelo *Notícias do Dia*, na edição de 16 e 17 de maio de 2014, tratando sobre o aumento do número de mortes provocadas por armas de fogo em Santa Catarina.



4. (In)Segurança Universitária

Aparentemente, a violência e a sensação de (in)segurança dentro de ambientes de ensino vem ganhando destaque nos veículos de comunicação. Pesquisadores do Observatório de Segurança Pública, do Núcleo Interdisciplinar em Políticas Públicas (NIPP), da UFSC, realizaram uma pesquisa hemerográfica preliminar, onde, através das palavras-chave “segurança” e ”campus”, foram encontrados um total de 868 artigos/matérias, no período entre 1 de janeiro de 1994 e 3 de novembro de 2014, apenas no jornal *Folha de São Paulo*.

A questão da segurança dentro dos *campi* de instituições de ensino superior brasileiras tem sido tratada de forma controversa:

A segurança dentro dos campi universitários brasileiros sempre foi uma questão polêmica. A violência e a sensação de (in)segurança tem se ampliado nos últimos anos colocando os gestores e as comunidades universitárias diante de dilemas quanto ao seu enfrentamento. Inúmeros fatores têm contribuído para esta situação; desde a expansão do espaço físico dos campi transformando-os em verdadeiras cidades universitárias, até a intensa urbanização no entorno dos mesmos, transportando para o seu interior as mazelas da violência local. Em função disso, a saída mais convencional têm sido propostas de militarização da segurança nos campi o que, por sua vez, provoca forte reação da comunidade acadêmica (CARDOSO et al., 2015, p.144).

De acordo com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), que é a representante oficial das universidades federais na interlocução com o governo federal, o Brasil possui dois Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), dois Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs) e 63 universidades federais – localizadas em todos os estados da Federação e no Distrito Federal.

Estas 67 universidades federais vivem hoje um importante processo de expansão. Em muitas regiões correspondem à única opção de ensino superior e cumprem, em todas, um relevante papel de indução do desenvolvimento econômico, social e cultural. Nas universidades federais, estudam cerca de um milhão de alunos de graduação e de pós-graduação, em todas as áreas do conhecimento, e também alunos de ensino fundamental e médio nos colégios de aplicação, escolas técnicas e agrícolas. (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (Fenaj), 2007)

O assunto é tão relevante nacionalmente que, em março de 2015, por exemplo, a reitora Roselane Neckel participou do seminário sobre “Segurança nas Universidades Públicas”, durante a reunião ordinária do Conselho Pleno da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), conforme constatamos em reportagem publicada no *site* oficial da UFSC:

Durante o encontro, aconteceu o seminário “Segurança nas Universidades Públicas”, proposto pela reitora Roselane ainda em 2014, que promoveu a troca de experiências entre as instituições. Duas delas – a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Federal de Lavras – apresentaram a política de segurança que empregam em seus campi.

A reitora foi à reunião da Andifes acompanhada pelo diretor do Departamento de Segurança da UFSC, Leandro Oliveira, e pelo pró-reitor de pesquisa, Jamil Assreuy. Durante o seminário, o procurador federal junto à Universidade Federal da Paraíba, Flávio Pereira Gomes, abordou as questões legais que envolvem o tema. “Serão encaminhadas consultas à Advocacia-Geral da União e ao MPOG, sobre a real situação de extinção ou não do cargo de vigilante, pois há várias interpretações distintas”, explicou a reitora.

Outros pontos discutidos foram a possibilidade de reabertura de concursos públicos para agentes de segurança, a necessidade de reestruturação do cargo e a regulamentação das atribuições elencadas na Lei nº 11.091/2005, visando operacionalizar as ações dentro dos campi. Questões como o uso de armas de fogo por seguranças das IFES também foram debatidas pelos reitores. “Discutimos e reconhecemos as dificuldades de atendimento por parte dos agentes de segurança pública dos estados e a importância de pensarmos em ações conjuntas em benefício da comunidade. Por isso, é muito importante a elaboração de protocolos entre as instituições”, explicou Roselane. O conselho pleno da Andifes aprovou a criação de um GT de Segurança para ampliar e aprofundar a discussão, visando melhorias e a solução de problemas comuns nas IFES. (SANTA CATARINA, BRASIL, 2015)

Considerando o amplo alcance, impacto e relevância das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) na sociedade brasileira, a análise do agendamento midiático sobre violência nas universidades federais pode ajudar a entender o atual contexto da segurança universitária no país. Debater uma política de segurança para os *campi* apresenta-se como uma tarefa complexa, que exige um conhecimento mais aprofundado sobre o fenômeno da violência e da segurança neste contexto (CARDOSO et al., 2015).

4.1. Segurança Institucional da UFSC

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é uma universidade pública e gratuita, com sede em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, e possui campi em mais quatro municípios: Araranguá, Curitibanos, Joinville e Blumenau. Sua

comunidade atualmente é constituída por cerca de 50 mil pessoas, entre docentes, técnicos-administrativos em Educação e estudantes.

A UFSC tem mais de 30 mil estudantes matriculados em 103 cursos de graduação presenciais e 14 cursos de educação a distância. Quanto à pós-graduação, disponibiliza mais de 7 mil vagas para cursos stricto sensu: são 63 mestrados acadêmicos, 15 mestrados profissionais e, 55 cursos de doutorado. Nos 32 cursos de especialização, são mais de 6 mil alunos a distância e 500 em cursos lato sensu presenciais. (SANTA CATARINA, 2016)

O campus Reitor João David Ferreira Lima, no bairro Trindade, em Florianópolis, ocupa área superior a 20 milhões de metros quadrados, onde circulam diariamente entre 20 e 25 mil pessoas. Neste Campus, além de abrigar os órgãos administrativos centrais e principais setores da Universidade, também estão localizados o Colégio de Aplicação (CA) que oferece os ensinamentos fundamental e médio à comunidade e o Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) que atende mais de 200 crianças com idade até 5 anos e 11 meses.

Com uma comunidade acadêmica deste porte, localizada em um bairro central da Capital, é natural que a segurança seja um tema relevante. Em especial, a sensação de insegurança é recorrente nas conversas entre alunos, professores e TAEs, sendo objeto de fóruns¹⁵, de discussões em redes sociais¹⁶, de notícias¹⁷ e até da criação de uma comissão permanente de segurança da UFSC¹⁸.

Várias medidas foram tomadas dentro da universidade para que as pessoas se sentissem mais seguras. [...] Nossa vinda para este setor¹⁹,

¹⁵ “Um público diverso, com cerca de 200 pessoas, lotou o auditório da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, nesta segunda-feira, 2 de agosto, para participar de um fórum consultivo sobre a segurança no campus principal, no bairro Trindade, na capital”: <http://noticias.ufsc.br/2013/09/comunidade-universitaria-discute-seguranca-no-campus-de-florianopolis-em-forum-consultivo/>

¹⁶ Anúncio sobre página de denúncias em rede social: “Todos sabem que a situação da segurança na UFSC está crítica. Esta página tem o objetivo de expor relatos de ocorrências da UFSC e redondezas, além de pressionar os órgãos competentes para que tomem uma ação e dar dicas de como evitar situações traumáticas. Não espere ser mais uma vítima para ir atrás de seus direitos!” Fonte: <https://www.facebook.com/B.O.UFSC/>

¹⁷ “Violência na UFSC: alunos relatam sensação de insegurança e reitora dá explicações” Fonte: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/04/violencia-na-ufsc-alunos-relatam-sensacao-de-inseguranca-e-reitora-da-explicacoes-4730877.html>

¹⁸ “Comissão Permanente de Segurança da UFSC trabalha para intensificar ações no campus de Florianópolis”. Fonte: <http://blogdagestao.ufsc.br/2015/04/07/comissao-permanente-de-seguranca-da-ufsc-trabalha-para-intensificar-acoes-no-campus-de-florianopolis/>

¹⁹ Realizada em julho de 2015, a transferência para um novo prédio era uma antiga demanda do setor. De acordo com o Secretário, a nova localização agiliza o atendimento e melhora significativamente a

na principal entrada da UFSC [no *campus* Trindade], está aumentando a sensação de segurança. O fato de ter mais servidores circulando pelas ruas do *campus* também acaba prevenindo ou diminuindo as ocorrências. Mas às vezes você está em um local inseguro, se sentindo seguro, por causa do ambiente. A *sensação* de segurança conta muito, (Leandro Oliveira, secretário da Secretaria de Segurança Institucional (SSI) da UFSC, em entrevista para a autora)

Apesar de reconhecermos a existência de uma possível *cifra negra* - quando muitas vítimas deixam de registrar ocorrências -, o que podemos constatar nos dados oficiais disponibilizados pelo Secretaria de Segurança Institucional (SSI) da UFSC (em anexo) é que, no período em estudo, a Universidade não teve mudanças significativas nos índices de criminalidade.

Por exemplo, em 2013 foram registrados 31 roubos, enquanto em 2014 foram sete e em 2015 há novamente um aumento, registrando 23 roubos. Nos dados de 2015, existe a observação de que 80% dos roubos aconteceram durante festas no campus, de madrugada, e que, em alguns casos, as vítimas acreditam que seus assaltantes estavam armados. Ou seja, de acordo com dados levantados pela SSI, a maior parte das ocorrências registradas não ocorreram durante o período normal de funcionamento da universidade, quando a comunidade está presente em atividades de gestão, ensino, pesquisa e extensão.

Os dados oficiais da UFSC apresentam poucas oscilações, o único número que chama atenção é o aumento dos furtos de bicicletas, que saltou de 20 em 2013, para 54 em 2015. Em compensação os furtos/roubos de veículos diminuíram de sete em 2013, para apenas quatro em 2015.

Considerando só o ano de 2014, na cidade de Florianópolis (e excluindo os outros municípios que compõem o território da Grande Florianópolis), foram roubados/furtados 1385 veículos. Se considerarmos os quatro municípios selecionados para análise - Florianópolis, Biguaçu, Palhoça e São José -, em 2014 foram roubados/furtados 3314 veículos. Enquanto isso, na UFSC, em 2014, foram furtados/roubados três veículos.

Imagina-se que os índices de criminalidade sejam, na verdade, muito maiores do que os registrados de forma oficial, mesmo assim, optamos por buscar fontes oficiais para melhor compreender e contextualizar as notícias analisadas. Para auxiliar nesta pesquisa, também foi solicitado à Secretaria de Segurança Pública do Estado de Santa Catarina

(SSP/SC) dados oficiais das ocorrências relacionadas a roubos, furtos, assaltos e estupro. Os resultados completos constam em anexo nesta monografia.

Como podemos ver, o sentimento de insegurança nem sempre está relacionado a altos índices de criminalidade. Nos Estados Unidos a relação entre criminalidade e veículos de comunicação de massa também foi estudada por Mark Fishman (1978), que analisou uma suposta onda de violência contra idosos, nos anos 1970, em Nova York. Ele averiguou, em um trabalho que se tornou clássico para a área, que, ao contrário do esperado, o aumento do número de notícias sobre violência contra idosos nos jornais não estava relacionado ao aumento dos índices reais desta forma de crime.

Neste artigo, o autor aponta que quando falamos em “ondas de crimes” ou “ondas de violência” estamos falando sobre uma forma específica de percepção social do crime: o crime trazido à consciência pública. Definir o que são as chamadas “ondas de violência” é uma tarefa complexa. A principal problemática apontada, ao estudar este assunto, é que uma pessoa não pode ser assaltada por uma onda de violência, mas pode temê-la. Sendo assim, a consequência mais frequente desta forma de abordagem, que costuma ser reproduzida, principalmente, pelos jornais, são as ações do poder público, de colocar mais policiais nas ruas e reforçar leis com base no medo da população.

Polícia no campus, uma polêmica

O deputado federal catarinense João Rodrigues (PSD) decidiu comprar uma briga complicada: **apresentou um projeto** que pretende alterar a autonomia universitária, pelo menos quanto à segurança pública, **permitindo que instituições policiais possam entrar nos campi para combater a criminalidade**. Baseia-se, evidentemente, no que ocorreu em março, no campus da UFSC em Florianópolis. A questão é polêmica, porque há uma tradição secular a propósito da inviolabilidade dos espaços universitários, considerados territórios sagrados do conhecimento, do saber e da inquietação cultural e científica. **Mas as universidades, em regra geral, não conseguem mais monitorar ou expurgar os corpos estranhos ao meio acadêmico que circulam com liberdade em seus domínios**. A prova está na repetição de graves ocorrências policiais, como assaltos e roubos, além do tráfico de drogas. Pior ainda, no caso da UFSC, na realização de festas barulhentas e desrespeitosas, que muitas vezes acabam em confusão e tiroteio, como ocorreu há alguns meses. A autonomia não seria agredida se, de fato, a UFSC conseguisse resolver internamente esse tipo de situação. Não resolve e não vai resolver, pela mesma razão que afeta a sociedade de modo mais amplo: **a violência prospera por causa da legislação omissa e tolerante, que favorece a impunidade**. Por certo o deputado enfrentará muita resistência em seu propósito. Mas a reflexão sobre o que acontece nos campi (em São Paulo, no Rio, em Brasília, não só aqui) é indispensável. (Carlos Damião, ND, 16 de maio de 2014)

Conforme aponta Sacco (2005), durante episódios considerados como ondas de violência, algumas vezes os índices de criminalidade realmente aumentam, outra vezes, não. Precisamos lembrar que mesmo quando os índices oficiais apresentam aumento nos índices de criminalidade, não necessariamente isto quer dizer que estão acontecendo mais crimes. Estes números podem representar alguma ação dos órgãos oficiais, que esteja contabilizando melhor as ocorrências.

O estudo de ondas de violência não é simples. Para que seja possível formular opiniões concretas sobre a existência ou não de uma onda de criminalidade é preciso averiguar e estudar as políticas de segurança, as percepções da sociedade quanto à criminalidade e a relação entre a criminalidade e os veículos de comunicação.

4.2. O entorno do *campus* Trindade e a descontextualização

O *campus* principal de Florianópolis, está localizado no bairro Trindade e fica cercado pelos bairros Córrego Grande, Pantanal, Serrinha e Carvoeira. A pouco mais de 7 km de distância do Centro da Cidade, os bairros Santa Mônica, Itacorubi e Saco dos Limões também fazem parte dos arredores da UFSC. Como podemos ver na reportagem abaixo, a Universidade nasceu em um bairro pequeno, com características rurais e se tornou o segundo mais populoso da Capital:

De bairro rural a centro universitário, a Trindade caminha para além disso

Segundo bairro mais populoso da Capital, a Trindade é a sede de novos estabelecimentos com ideias criativas

Com 18,8 mil habitantes, **a Trindade é hoje o segundo bairro mais populoso da Capital**. Na década de 60, porém, quando a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) foi criada e se decidiu instalar seu *campus* na Trindade, **o bairro era uma área alagadiça ocupada por fazendas**. As mudanças que sofreu desde aquela época foram muitas, e continuam a acontecer.

Morador do bairro desde que tinha um ano de idade, Luiz Gustavo Schivinski lembra de jogar taco em ruas que não tinham sequer um carro estacionado. [...]

“Eu gosto muito do Centro, moro lá. Mas é um bairro mais antigo, tanto pela idade do bairro quanto pelas pessoas. **A Trindade é um bairro mais jovem**”, diz Laura Pereira, designer que há dois anos tem seu ateliê no Shopping Max&Flora, empreendimento mais recente que copia o modelo do Shopping Trindade — áreas de comércio e alimentação com torres de salas comerciais. E Laura está certa: **35% da população do bairro têm de 20 a 29 anos, segundo o censo de 2010**. Entre eles estudantes e jovens profissionais que ocupam os vários prédios comerciais construídos desde então.

[...] (Cidade, ND, 4 de maio de 2013, grifos nossos)

Considerando todo o panorama que já foi apresentado anteriormente, era de se esperar que as notícias sobre a violência no campus da Trindade abordassem este contexto da localização do campus e da violência, que ocorre em toda a cidade. Mas o que percebemos foi uma constante divulgação das notícias sobre segurança, onde não apresentavam esta realidade ao leitor.

Assaltos voltam à rotina da UFSC

Insegurança. Mesmo antes da abertura do ano letivo, os bandidos já estão agindo no campus

A menos de uma semana para o início do ano letivo na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), **os assaltos já começam a preocupar os funcionários e alunos, no campus de Florianópolis.** Entre domingo e segunda-feira (2), duas mulheres foram atacadas, mas apenas uma acionou o Departamento de Segurança Física e Patrimonial da universidade e também deu queixa na 5ª DP.

De acordo com a servidora Janaína, o ataque ocorreu por volta das 8h de segunda-feira, atrás do prédio do RU (Restaurante Universitário). Ela contou à polícia que o suspeito armado de revólver colocou a arma em seu peito e roubou o notebook e a carteira contendo R\$ 80, nove euros e documentos pessoais.

Pelas características físicas do ladrão, repassadas pela vítima, o chefe de segurança do campus, Leandro Luís de Oliveira, 42 anos, recorreu ao seu acervo fotográfico particular e reconheceu o suspeito. O caso foi repassado para a 5ª DP. **Como o campus não é totalmente cercado, há vários pontos de acesso para invasores.**

Conforme Leandro, a segurança no campus é feita por 45 agentes plantonistas, auxiliados por 1.171 câmeras de vigilâncias. O problema, segundo ele, é que apenas uma pessoa na central de videomonitoramento não dá conta para olhar tudo o que se passa no entorno da UFSC. Além disso, os servidores questionam os equipamentos de segurança que têm à disposição e requisitam um número maior de efetivo e a liberação do porte de arma.

Em várias universidades, os agentes trabalham armados. Na UFSC, eles têm apenas o Taser (arma de choque) que, se comparada ao armamento dos assaltantes, é obsoleta, pois seu alcance é mínimo em relação à arma de fogo. A Reitora da UFSC, Roselane Neckel, está viajando e não foi localizada para comentar o caso.

(Cidade, ND, 4 de março de 2015, grifos nossos)

Assim como ocorre quando se trata da Cidade, pudemos reconhecer novamente no discurso acerca da UFSC um incentivo ao uso de armas e a exaltação do policiamento ostensivo. O fato de que o principal campus da Universidade está inserido em um bairro central raramente é explicitado para o leitor. Assim como analisamos no caso da Grande

Florianópolis, a informação contextualizada está presente nos jornais, porém ela recebe menos destaque e repetição. A informação contextualizada chega para o leitor apenas em alguns momentos, como conferimos na seguinte nota:

A violência na Trindade e na UFSC

O problema da violência no campus da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) não é de hoje. Faz anos que a comunidade acadêmica reclama da presença de bandidos nos domínios da instituição e no seu entorno. A reitora Roselane Neckel tem encaminhado discussões com a Polícia Militar para melhorar a situação, mas o caso é muito mais grave do que simplesmente cercar os acessos ao campus, uma solução paliativa que sempre aparece nos debates. **Recebo com frequência relatos sobre assaltos à luz do dia em todos os bairros da região, em especial a Trindade,** onde lojas, escritórios e residências são constantemente invadidos por bandidos. As ações são praticadas por motoqueiros, que se evadem de forma muito rápida dos locais que assaltam (ou dos ataques a pedestres em pontos de ônibus, em geral mulheres). **Não dá para particularizar a questão em relação à UFSC, porque o problema é mais complexo e envolve uma área urbana muito extensa e difícil de patrulhar o tempo inteiro.** Ajudaria, por exemplo, se a PM reativasse o posto existente na maltratada Praça Santos Dumont. A presença de policiais e viaturas no local, conforme me observa o amigo Élzio do Espírito Santo Oliveira, contribuiria para reduzir os pesados índices de violência na região. (Carlos Damião, ND, 2 de abril de 2015, grifos nossos)

De acordo com o Relatório de Gestão de 2012-2016 é possível afirmar que a Universidade não se tornou menos segura, seus dispositivos de garantia de segurança continuaram os mesmos e até melhoraram em algumas questões:

Nos últimos quatro anos a Administração Central buscou concentrar esforços em investimentos em tecnologia, pessoal terceirizado e segurança física, com a instalação de portões e controle de acesso durante a noite e fins de semana, bem como no diálogo e na conscientização de sua comunidade, a partir da realização de fóruns públicos sobre segurança (RELATÓRIO DE GESTÃO, 2016)

A segurança universitária da UFSC é efetuada por funcionários públicos federais e funcionários terceirizados, contratados por uma empresa privada por meio de licitação. Atualmente, assim como no período em estudo, a SSI da UFSC conta com 45 funcionários públicos federais, seguranças efetivos, em sua maioria próximos da aposentadoria. Além deles, cerca de 250 funcionários da empresa Khronos, que mantém contratos com a universidade desde 2005, cuidam do patrimônio nos cinco *campi* da Universidade Federal de Santa Catarina.

A Secretaria de Segurança da UFSC tem como função proteger os “interesses vitais” da instituição, ou seja, tudo aquilo que diz respeito à vida da instituição e não apenas seu patrimônio físico. A Segurança Institucional possui um aspecto tridimensional, que pode ser classificado da seguinte forma:

1) Segurança Física (Patrimonial): protege as instalações físicas ou materiais da instituição.

a) Proteção Perimetral; b) Vigilância; c) Sistemas de Identificação; d) Controle Interno; e) Incêndios e Emergências; f) Proteção Contra Furtos; g) Prevenção de Assaltos; h) Materiais Perigosos etc.

2) Segurança Estratégica (Inteligência): protege o patrimônio invisível da instituição, ou seja, seus negócios (ensino, pesquisa e extensão).

a) Contra-Espionagem; b) Segurança de Dados (Informática); c) Terrorismo; d) Sabotagem; e) Chantagem.

3) Segurança Especial (Complementar): protege áreas não necessariamente ligadas à Segurança, mas que podem afetá-la.

a) Eventos; b) Greves e Paralisações; c) Alcoolismo e Drogas no Ambiente de Trabalho; d) Epidemias; e) Segurança Pessoal; f) Sequestros. (SANTA CATARINA, BRASIL, 2015)

O Deseg possui viaturas, motos, rádios transceptores com frequência exclusiva da UFSC controlada pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), bastões elétricos, algemas, spray de pimenta, coletes balísticos e pistolas Taser. A UFSC é a única universidade do país que utiliza armas de choque - 15 agentes estão habilitados. Para suprir a falta de efetivo, a UFSC possui um sistema de monitoramento eletrônico com 1.117 câmaras e 267 centrais de alarmes.

Um dos maiores problemas enfrentados pelo setor de segurança institucional é a falta de efetivo. Desde 1994, quando a vaga foi extinta pelo Governo Federal, ocorre o processo de terceirização do cargo de segurança universitário. Para Leandro Oliveira, esta é uma “briga a nível nacional no serviço público”, pois os servidores terceirizados não possuem tanta autonomia quanto os servidores público federais, causando sobrecarga e acúmulo de funções aos poucos funcionários efetivos que ainda trabalham na Universidade.

É importante frisar que neste trabalho estamos estudando apenas uma vertente que envolve o amplo campo das *crime waves*. Porém, acreditamos que a análise do discurso dos jornais impressos sobre violência em uma localização específica, pode auxiliar na compreensão de diversos desdobramentos relacionados à segurança nesta localidade.

Fishman (1978) argumenta que as ondas de violência nos jornais podem parecer “coisas da imaginação”, mas elas têm consequências reais e são excelentes formas de propagar uma ideologia militarista. Um bom exemplo desta reflexão é o editorial publicado pelo jornal *Diário Catarinense*, em abril de 2015:

Policimento no campus

Diante da sensação de insegurança ampliada por episódios recentes na UFSC, é preciso rever o dogma de que a instituição prescinde da presença policial

O tempo para o debate sobre segurança no campus da Universidade Federal de Santa Catarina está no pretérito. É dever da Universidade e das instituições envolvidas avançar para a solução de problemas relacionados à integridade física de alunos, professores e servidores, além dos cidadãos que circulam pelo local, num universo de 35 mil pessoas, maior que pelo menos 255 cidades catarinenses. O carimbo de urgência deve deixar a pasta do debate passar para o escaninho das soluções, porque o atual modelo se comprovou ineficiente - ou transmite a sensação de que é ineficaz, o que basta para a comunidade.

Apesar de investimentos constantes da Reitoria, como a contratação de novos porteiros - que liberam seguranças para as tarefas de vigilância e combate ao crime -, da melhoria do sistema de iluminação, ainda precário e da instalação de câmera, é imperativo cair por terra o dogma de que dentro do campus o poder policial constituído para o cidadão comum não pode agir a não ser em caso de flagrante. A autonomia universitária, que data da época do regime militar e que teve sua influência naquele conturbado período para a nação, é importante para questões pedagógicas, mas não para a segurança. A UFSC deixou de ser ou de ter status de ilha, pelo menos quando se trata da vida dos seus frequentadores.

A sensação de segurança da população está diretamente ligada à da liberdade de atuação dos bandidos - neste ponto, **um veículo da PM em patrulha pelo campus tem mais peso do que um carro da vigilância interna**. É só um exemplo. As recentes conversas entre a universidade e as polícias Militar e Civil são um bom sinal de que há a preocupação com o tema. Mas desses encontros deve sair urgentemente um plano de combate à criminalidade e a implantação dele.

E mais. **A UFSC e a Polícia Federal tem de resolver imediatamente** o impasse criado a partir da ação da PF no campus em março do ano passado, durante o episódio conhecido como Levante do Bosque e que resultou no indiciamento de 34 alunos, servidores e professores por resistência, dano ao patrimônio, desacato e lesão corporal.

A falta de segurança começa a arranhar a imagem da UFSC. Por isso passa a ser prioridade zelar pelo maior patrimônio que a universidade tem, que é o reconhecimento do seu nome no mundo acadêmico e no mercado profissional como uma das instituições mais relevantes do país. **É preciso deixar a segurança para quem está acostumado a lidar com ela.**

Em Resumo: Editorial defende a participação efetiva da PM no patrulhamento das áreas internas da Universidade Federal de Santa Catarina. (Editorial, DC, 1º de abril de 2015, grifos nossos)

Este editorial foi publicado aproximadamente um ano após a ação violenta da Polícia no campus da UFSC. Um fato curioso é que, em 2013, o próprio Diário Catarinense já informava ao leitor que a Reitora da Universidade estava dialogando com a Polícia:

MEDIDA NA UFSC

Polícia será acionada para conter violência

Reitoria reconhece a necessidade de apoio para combater onda de crimes

Casos de violência têm sido um dos maiores problemas no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, desde que começou o ano letivo de 2013. Diante desse cenário, a reitora Roselane Neckel **afirma: chamará, sempre que necessário, as polícias Militar e Civil para garantir segurança no local.**

Segundo ela, o Departamento de Segurança (Deseg) da instituição não tem estrutura para combater diretamente o crime e, por isso, a polícia deve ser chamada para atender ocorrências de assalto, roubo, furto ou de lesão física registradas no campus. Como a universidade é terreno federal, a polícia estadual não fará ronda e só atuará em situações de emergência.

O orçamento geral da UFSC foi diminuído em 10% neste ano. Mas segundo a reitora, a segurança não foi afetada. Mesmo que sejam contratados mais agentes para a Deseg, não há a garantia de que haverá efetivamente uma redução no número de delitos no campus.

Estudante discorda da medida anunciada

Com menos de um mês de aulas, o primeiro semestre já registra três assaltos à mão armada, cinco arrombamentos a carros e um computador furtado de um laboratório.

A afirmação da reitora de que as forças policiais serão acionadas quando necessário desagradou estudantes. Kauê Hahn Turnes, do Centro Acadêmico do Curso de Educação Física, localizado em uma área do campus com problemas de iluminação, não concorda com a decisão de chamar as polícias Militar e Civil para atuar dentro da UFSC.

"O Deseg não tem estrutura. Poderíamos melhorar a segurança do campus, a iluminação, o monitoramento por câmeras e resolver grande parte desses problemas. **Se a polícia não consegue garantir a segurança das comunidades nos arredores, como vai atuar aqui dentro?"** questionou o estudante.

Entrevista: Roselane Neckel, Reitora da UFSC

"A PF não tem efetivo suficiente"

Há um ano à frente da reitoria, a doutora em História **tem o desafio de garantir segurança no campus** da instituição em Florianópolis, por onde circulam diariamente 45 mil pessoas e no qual furtos e roubos passaram a ser frequentes.

Diário Catarinense - Qual é a maior dificuldade para lidar com o problema da segurança no campus da UFSC?

Roselane Neckel - A nossa maior dificuldade é mudar a cultura das pessoas na hora de compreenderem que **Segurança Pública é um problema nacional e que em alguns momentos nós temos sim que chamar forças policiais para atuar** em questões que a própria UFSC deveria resolver. Infelizmente, os acontecimentos que aqui estão se dando estão para além da capacidade de atendimento que o nosso departamento de segurança tem, que é um perfil de defesa patrimonial, não das pessoas.

DC - Porque a PM não pode entrar nem fazer ronda no campus?

Roselane - Esta é uma área federal e, portanto, é importante que não seja feita aqui intervenção por parte da Polícia Militar. No entanto, a própria **Polícia Federal não tem número de pessoas suficientes para atender todas as demandas**. Em caso de pequenos delitos, de pequenos furtos, que não envolvam o patrimônio da universidade, a PM é chamada. E são apenas nesses casos que a gente acaba chamando.

DC - Então não há a possibilidade para fazer rondas?

Roselane - Não, porque continua sendo uma área federal. **Fomos até a Polícia Federal e pedimos uma ação mais protetiva em relação à UFSC, mas também nos foi justificado que eles não tem pessoas suficientes**. Nosso departamento de segurança tem uma relação muito frequente com as polícias Militar e Civil, buscando estabelecer políticas de segurança que não prejudiquem as comunidades interna e externa.

DC - Existe mesmo a possibilidade de cercamento do campus?

Roselane - O cercamento que estava se falando é a revitalização não apenas das cercas da UFSC do campus de Florianópolis, mas também as calçadas do seu entorno. O que nós estávamos falando é a questão do controle de acesso ao campus em horários específicos, onde não deveria haver trânsito dentro da instituição, entre 23h e 6h. Então o que temos é a reestruturação do cercamento, a discussão com a comunidade inter sobre o controle de acesso da UFSC.

(Segurança, DC, 11 de maio de 2013)

Ou seja, mesmo que o jornal em questão tenha colocado como título da entrevista em 2013 “PF não tem efetivo suficiente”, parece que em 2015 estes fatos foram completamente esquecidos. No editorial do jornal, afirma-se que a aproximação com as polícias é recente, enquanto vemos que o próprio veículo publicou reportagem ampla, com entrevista da Reitora, apontando a aproximação da UFSC com a PF dois anos antes.

5. Conclusão

Podemos perceber que a questão da criminalidade e da violência está inserida nos debates públicos, nas decisões políticas e no cotidiano das pessoas. No Brasil e no mundo, o sentimento de insegurança e o medo do crime têm assumido uma relevância cada vez maior, tornando a segurança pública parte fundamental do discurso político vigente, quer seja ele municipal, estadual ou federal (BORGES, 2011).

Outros estudos, mais recentes, demonstram que o sentimento de insegurança e o medo do crime afetam mais os indivíduos do que o problema específico da criminalidade (BORGES, 2010). Sabemos que assuntos relacionados à segurança pública fazem parte rotina das pessoas, mas era de se esperar que os medos tivessem uma relação direta com o aumento dos índices oficiais de violência, ou seja: onde há mais crimes, há mais sensação de insegurança. Contudo, ao longo da execução deste Trabalho, descobrimos que esta associação é menos óbvia do que parece:

Tendo ou não sido vítimas de crimes nos últimos anos, os brasileiros sentem-se bastante inseguros, à mercê do crescimento da violência nas últimas três décadas. Do total da população estimada, 37% se sente insegura no bairro de moradia durante o dia e 59% têm o mesmo sentimento durante a noite. Por outro lado, 74% das pessoas se sentem inseguras na cidade durante a noite. Pesquisas sugerem que as pessoas se sentem mais seguras em locais conhecidos e próximos de suas residências. (BORGES, 2011, p.150).

Está evidente que as ideias propagadas pelos veículos de comunicação influenciam na opinião pública. Por consequência, percebemos que as ideias políticas se baseiam em propostas para reduzir as angústias e medos da sociedade, conforme ilustra Bauman (2000, p. 59), “reformular as irremediáveis preocupações com a *segurança individual*, plasmando-as em ânsia de combate ao crime efetivo ou potencial e, assim, de defesa da *segurança pública* é um eficiente estratagema político que pode dar belos frutos eleitorais”.

Ou seja, a visibilidade conferida pelos jornais à violência e a criminalidade costuma ser muito bem aproveitada por políticos e difusores de ideologias que tem como base a cultura do medo. As consequências destas ditas “ondas de violência” costumam ser o surgimento de campanhas de “ordem e justiça”, a militarização da segurança pública, o direito penal máximo e o amplo uso de equipamentos securitários (por exemplo: armas, câmeras, alarmes, carros blindados, entre outros).

E assim, na linguagem dos políticos à cata de votos, as complexas e disseminadas sensações de insegurança existencial são traduzidas como preocupações bem mais simples - com a lei e a ordem, isto é, com a segurança física pessoal e das residências e propriedades privadas - enquanto o problema da lei e da ordem é por sua vez misturado à problemática presença de minorias étnicas, raciais ou religiosas - e, de maneira geral, de estilos de vida estranhos (BAUMAN, 2000, p. 197)

Não por acaso, a preocupação com a insegurança na UFSC foi um dos temas mais explorados pelos candidatos à reitoria nas eleições seguintes à gestão da Prof^a Roselane Neckel. Como podemos ver abaixo:

Segurança, festas e relação com a comunidade: confira a opinião dos candidatos a reitoria da UFSC

Os candidatos ainda responderam sobre o orçamento para 2016

Entre 8h e 21h desta quarta-feira (21), 38.843 pessoas, incluindo estudantes (cerca de 30 mil), professores e técnicos administrativos, estão aptas a votar e escolher o novo reitor da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) em 61 urnas eletrônicas espalhadas por todos os campi da universidade no Estado.

O ND conversou com os candidatos De Pieri, Cancellier e Irineu, com o professor Rogério Cid Bastos, candidato a vice-reitor na chapa de Amante, e encaminhou via e-mail as mesmas perguntas feitas aos candidatos de oposição para a assessoria de comunicação de Roselane. Em pauta, três temas polêmicos que estiveram presentes em discursos e debates realizados pelos candidatos: segurança no campus, festas e relação com a comunidade do entorno e adesão ao Ebserh (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares).

[...]

Confira a opinião dos candidatos:

Que medidas implantar para melhorar a segurança no campus da Trindade, por onde circulam milhares de pessoas diariamente?

Irineu Manuel de Souza: “Criar uma carreira de segurança para a UFSC, para fazer concurso de servidores especializados em segurança pública e não se acomodar com os terceirizados. **Ampliar a estrutura de inteligência**, com tecnologia de informação e melhor iluminação.”

Rogério Cid Bastos, candidato a vice-reitor na chapa de Cláudio Amante: “Investir na iluminação e no uso de **tecnologias e sistemas de inteligência**, como drones, por exemplo. Criar e expandir corredores de segurança, para uso da comunidade interna e externa, monitorados via web em contato com as autoridades policiais.”

Luis Carlos Cancellier: “Transformação do departamento em secretaria de Segurança. Estabelecer política que contemple convênio com a Secretaria de Segurança Pública. Envolvimento com os conselhos comunitários do entorno da UFSC. **Melhorar iluminação e monitoramento.**”

Edson de Pieri: “Melhorar a iluminação do campus. Dar mais qualidade às câmeras e convergi-las às entradas do campus. Fazer um convênio com a PM, que permita rondas e **interferência da polícia**

especialmente à noite e nos fins de semana, quando o campus está desguarnecido.”

Roselane Neckel: “Implementar a Segurança Cidadã, integrada com a cidade e voltada para a defesa do patrimônio físico e para segurança das pessoas. Criar a Guarda Universitária. Dar continuidade aos **projetos de iluminação** do campus central e dos demais campi. Estabelecer um roteiro de caminhos seguros por todos os campi.”

Festas no campus e relação com a comunidade do entorno (o que fazer para aproximar a UFSC de quem vive no entorno do campus da Trindade?)

Irineu Manuel de Souza: “Criar projetos sociais no entorno do campus para aproximar as pessoas da universidade, integrar elas com projetos de saúde, saneamento básico e outros. Com essa estrutura, as festas serão mais organizadas e terão maior segurança. **As festas passam pela melhora na segurança** e na relação com a comunidade.”

Rogério Cid Bastos, candidato a vice-reitor na chapa de Cláudio Amante: “Há a necessidade de bom relacionamento entre as pessoas, e faremos de tudo para que isso aconteça com quem vive no entorno do campus. O professor Cláudio Amante, quando foi pró-reitor de assuntos estudantis, tinha um diálogo enorme com os alunos, no período em que a UFSC teve menos problemas com festas.”

Luis Carlos Cancellier: “Criar uma regulamentação para as festas, envolvendo nessa os órgãos públicos e a comunidade do entorno da UFSC, seguindo o Código de Posturas do Município, para chegar em um consenso. Para as festas, é preciso buscar uma regulamentação em conjunto com estudantes e moradores do entorno do campus.”

Edson de Pieri: “As festas precisam de regulamentação especial. Mas, além disso, as festas têm que obedecer as regras do Município. Não há problema em haver festa, mas elas precisam ter as licenças necessárias, horário de começo e fim, e um controle de segurança para evitar acidentes, criminalidade e preservar quem mora no entorno.”

Roselane Neckel: “A proposta é criar uma política institucional de regulamentação e apoio às festas universitárias, com a destinação de espaço apropriado e comum. Revitalizar o Centro de Convivência do campus central, tornando-o um espaço dinâmico e multicultural. Um destaque é a criação de agenda integrada multicampi de atividades artístico culturais.”

[...] (Notícias do Dia, publicado em 20 de outubro de 2015²⁰, grifos nossos)

Um dos vídeos produzidos para a campanha do reitor eleito em 2015, Luís Carlos Cancellier de Olivo, com o título “Segurança no Campus da UFSC preocupa Cancellier”, tratava exclusivamente da Segurança²¹. Depois, quando assumiu a gestão universitária, em maio de 2016, o assunto que recebeu destaque em sua primeira entrevista para o *Diário Catarinense* como novo reitor da UFSC foi o policiamento no campus:

²⁰ Fonte: <http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/seguranca-festas-e-relacao-com-a-comunidade-confira-a-opiniao-dos-candidatos-a-reitoria-da-ufsc>

²¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DLF2PLu6T9g>

Novo reitor da UFSC quer polícia mais próxima do Campus

Já empossado como novo reitor da UFSC para um mandato de quatro anos, Luís Carlos Cancellier de Olivo participou na noite desta terça-feira da solenidade de transmissão de cargo na universidade.

Apesar de crítico à gestão anterior, ele garante que não haverá medidas de impacto a curto prazo. Mas mudanças já estão sendo negociadas, **especialmente em relação à segurança do campus**: o atual Departamento de Segurança será transformado numa secretaria interna e há conversas para que a presença da PM na UFSC volte a ser mais frequente.

Durante a solenidade, integrantes do Comitê Estudantil de Luta pela Permanência fizeram uma manifestação por melhorias nas políticas de permanência estudantil dentro da UFSC. Cancellier se comprometeu a receber alunos para uma reunião ainda nesta quarta-feira. [...]

DC- Segurança é uma preocupação à parte. A Polícia Militar deve se fazer presente na UFSC?

Cancellier - Nosso plano prevê uma política de segurança. Isto envolve as entidades no entorno do campus e um diálogo constante com as polícias Civil e Militar. Contatos com a Secretaria da Segurança Pública já estão sendo feitos para tratar de que forma eles podem nos ajudar no período noturno, nos fins de semana, nos momentos de maior movimento, nas áreas de maior risco na universidade. Acho que há uma boa vontade do secretário César Grubba para contar com o apoio deles no sentido da prevenção e do acompanhamento.

DC- O senhor não espera resistência pela presença policial?

Cancellier - Não creio. Porque não é uma ação repressiva. Os policiais não vão vir para reprimir movimentos estudantis e sociais. A questão é mais de proteção, de visibilidade e de presença para inibir, a princípio, e a médio prazo eliminar qualquer risco que afete a vida das pessoas.

DC - Há alternativas além do policiamento?

Cancellier - Sim, o debate não se resume a ter ou não PM no campus. Precisa haver uma política de videomonitoramento. Há vários locais mais ermos da universidade que o videomonitoramento pode ajudar. Uma política de iluminação, de melhoria do ambiente, são questões que podem fazer com que alunos e professores circulem com mais segurança. O Departamento de Segurança hoje, que conta com 40 agentes, se transforma a partir de agora numa Secretaria de Segurança. Ganha esse status para negociar com a comunidade, com o Governo do Estado. Espero que em breve já tenhamos uma alteração no quadro da segurança.

[...] (Diário Catarinense, publicado em 10 de maio de 2016²²)

Constatamos que nos jornais de Florianópolis existe ampla difusão de ocorrências criminais, mas pouco se fala em quais problemas são enfrentados pela Segurança Pública ou quais soluções podem existir para reforçar a segurança - que não seja o aumento do efetivo de policiais nas ruas.

²² Fonte: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2016/05/novo-reitor-da-ufsc-quer-policia-mais-proxima-do-campus-5798399.html>

Percebe-se também que existem incongruências nos discursos destes jornais, por exemplo, apesar de apresentarem o reforço no efetivo policial e o amplo uso de equipamentos securitários como solução para o combate à violência, em alguns momentos se torna evidente que mesmo com todo este aparato, se não existirem outras políticas de diminuição de violência, os crimes continuam acontecendo.

Conforme relatam os próprios colunistas do *Notícias do Dia*, os assaltos e roubos ocorrem também em bairros nobres de Florianópolis, como Jurerê Internacional, que possui uma “estrutura elogiável”, com monitoramento de câmeras e vigilantes privados para a segurança ou em ambientes fechados, que possuem segurança privada como shopping centers ou casas noturnas:

Insegurança

Apesar de toda a estrutura elogiável montada em Florianópolis, no balneário de Jurerê Internacional, com monitoramento de câmeras e vigilantes, **os marginais mesmo assim se aventuram em assaltos e roubos**, principalmente, a residências. Dias atrás a casa de um dentista foi assaltada por três vagabundos. Foi a segunda vez em menos de duas semanas. Foram pegos nos Ingleses. Dois deles soltos. Eram menores. Está ficando difícil. (A vida segue - Paulo Alceu, ND, 13 de maio de 2013, grifos nossos)

Balada perigosa

Amiga da coluna lançou uma enquete no Facebook para saber se mais alguém tinha sido **vítima de roubo numa das casas noturnas mais badaladas de Jurerê Internacional**. Choveram relatos. Os ladrões que agem na balada têm uma especialidade: subtrair aparelhos de celular iPhone, a coqueluche de 10 entre 10 jovens brasileiros. (Carlos Damião, ND, 16 de maio de 2013, grifos nossos)

Levando em consideração que neste trabalho monográfico foram pesquisados dois jornais diferentes, de grupos de comunicação diferentes, poderia se esperar que seriam encontradas abordagens divergentes sobre o mesmo tema. Porém, o que se percebeu, quanto à cobertura de segurança/violência na Grande Florianópolis, é que o tratamento destinado a esta temática era, quase sempre, muito parecido. Este fato contribuiu para a reforçar a ideia de que:

- 1) A imprensa contribui para a formação de uma opinião pública sobre determinado assunto;
- 2) Que o discurso político está relacionado ao discurso dos jornais, ou seja, que o agenda pública é baseada na agenda da mídia (McCOMBS, 2009);
- 3) A descontextualização da Universidade nas notícias sobre violência, em relação à Cidade, colabora para a ideia de que a insegurança na UFSC é

maior ou mais intensa do que no restante da cidade, enquanto sabemos, tanto pelas notícias quanto pelos dados oficiais que a criminalidade ocorre na cidade inteira;

- 4) Quando se trata de violência, os jornais estudados parecem esperar que a UFSC se torne uma espécie de oásis da Segurança, ignorando o fato que o campus está localizado em uma região central de Florianópolis, no segundo bairro mais populoso da cidade;
- 5) Insistem em repetir que apenas com policiamento no *campus* se resolverá o problema da insegurança, porém os mesmos jornais publicaram com frequência, no mesmo período, que as polícias não possuem efetivo para atender às demandas de todo o Estado.

Acreditamos que enquanto uma profissão com função social, o jornalismo deveria privilegiar informações propositivas, que auxiliem a sociedade democrática a realizar mudanças de impacto social.

Como o objetivo deste trabalho foi realizar uma análise do discurso, deixamos como sugestão para trabalhos futuros realizar entrevistas com os editores e jornalistas que trabalharam nos jornais no período estudado para compreender os bastidores da produção de notícias destes veículos de comunicação. A partir destas respostas, poderíamos descobrir se existiram - ou não - razões para destacar os problemas de segurança dentro da Universidade nos jornais.

6. Referências Bibliográficas

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989. Disponível em: <<http://www.um.es/tic/LIBROS FCI-I/La produccion de la noticia.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2016.
- BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge; NOVELLI, Ana Lucia Romero. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.
- BORGES, Dorian. **O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro**: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo. Curitiba: APPRIS, 2011.
- BRANDAO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. rev. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.
- Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812>>. Acesso em: 16 nov. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/2070>.
- DOWLER, Ken; FLEMING, Thomas; **Constructing crime**: Media, crime and popular culture. Canadian Journal of criminology and criminal justice. 2006. ProQuest Central.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ) (Brasil). Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros-1.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2016.
- FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Guia do trabalho científico**: do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese. São Paulo: Contexto, 2011.
- FISHMAN, Mark. **Crime waves as ideology**. Social problems 25: 531-543. 1978
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: por uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- JEWKES, Yvonne. **Media & Crime**. Sage Publications, 2010.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001
- LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 10ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- McCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**: a mídia e a opinião pública. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- PEUCER, Tobias. **Os Relatos Jornalísticos**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 13-30, jan. 2004. ISSN 1984-6924.
- PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.
- SACCO, Vincent. **When crime waves**. Sage Publications, 2005
- SANTA CATARINA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **A estrutura da UFSC**. Disponível em: <<http://estrutura.ufsc.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

SANTA CATARINA. Universidade Federal de Santa Catarina. Diretoria de Comunicação. **Membros da Administração Central participam de seminário sobre Segurança nas Universidades Públicas.** 2015. Disponível em: <<http://blogdagestao.ufsc.br/2015/03/11/membros-da-administracao-central-participam-de-seminario-sobr>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

SHOEMAKER, Pamela J. **Mediating the message: theories of influences on mass media content.** New York: Longman Publisher, 1996.

SHOEMAKER, Pamela; VOS, Tim. **Teoria do gatekeeping.** Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Jorge. Militarização da Segurança Pública e a reforma da Polícia: um depoimento. Ensaio Jurídico: Direito em revista, Rio de Janeiro, v. 1, 1996. Sem paginação.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **O Sentimento de Insegurança: Teorias, hipóteses e dados.** In: Duarte, Mario Sérgio de Brito (Coord.) Pesquisa de condições de vida e vitimização de - 2007 / Coordenador Mario Sérgio de Brito Duarte; Organizadores Andréia Soares Pinto e Vanessa Campagnac – Rio de Janeiro : Riosegurança, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento.** Coimbra: Minerva, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** Vol. I Florianópolis: Insular, 2004.

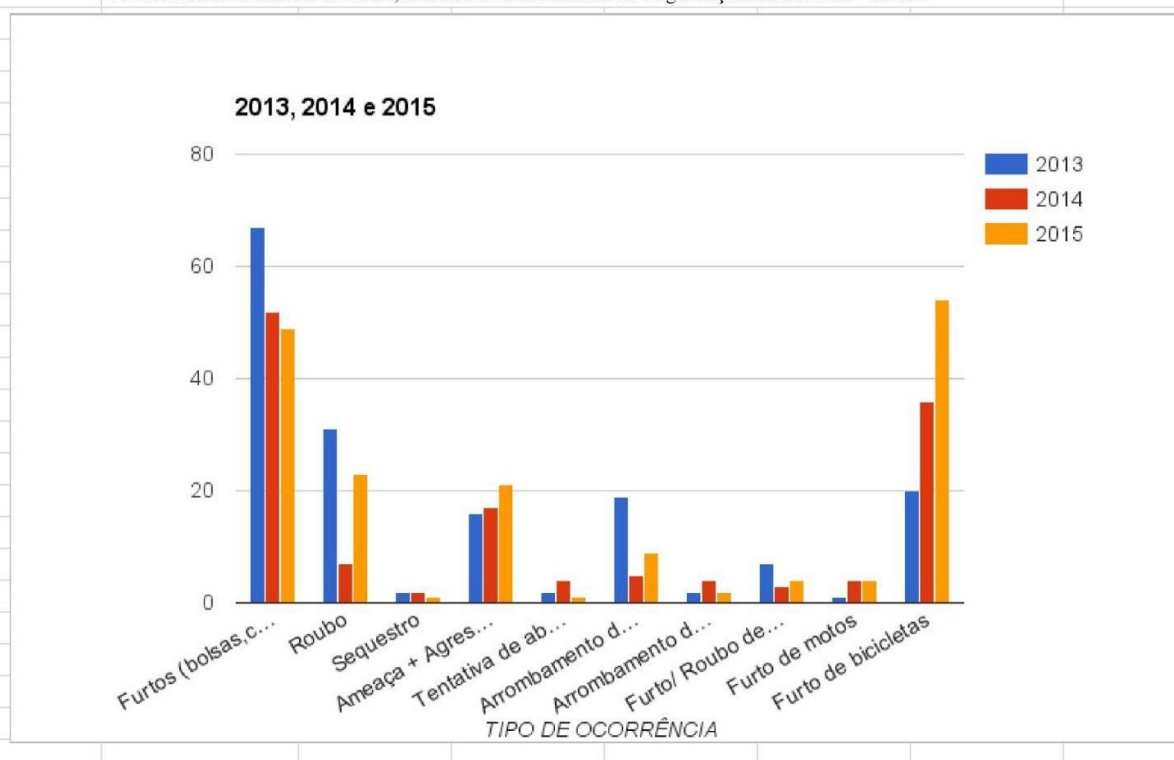
WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.

7. Anexos

7.1. Ocorrências registradas na UFSC, nos anos 2013, 2014 e 2015

TIPO DE OCORRÊNCIA	2013	2014	2015
Furtos (bolsas, carteiras, mochilas) + Furto Patrimônio	67	52	49
Roubo	31	7	23
Sequestro	2	2	1
Ameaça + Agressão	16	17	21
Tentativa de abuso sexual/assédio	2	4	1
Arrombamento de veículo-CD	19	5	9
Arrombamento de instalações	2	4	2
Furto/ Roubo de veículos	7	3	4
Furto de motos	1	4	4
Furto de bicicletas	20	36	54
Furto/Roubo Veículos (Carros + Motos + Bicicletas)	28	43	62

Fonte: Leandro Luiz de Oliveira, secretário da Secretaria de Segurança Institucional - UFSC



7.2. Dados solicitados à Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina (SSP/SC)



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
DIRETORIA DE INFORMAÇÃO E INTELIGÊNCIA – DINI
GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E ANÁLISE CRIMINAL – GEAC



Página 1/1

RELATÓRIO DE ESTATÍSTICA Nº 120/2016/GEAC/DINI/SSP/SC

DADOS DA SOLICITAÇÃO

Solicitante: GABRIELA DEQUECH MACHADO
Empresa/Organização:
Data da solicitação: 12/09/2016
Número da solicitação: 120/2016

DADOS DO RELATÓRIO

Data: 21/09/2016
Dados do relatório: DADOS ESTATÍSTICOS CRIMINAIS DOS ANOS DE 2013 A 2015 DOS MUNICÍPIOS DE FLORIANÓPOLIS, SÃO JOSÉ, PALHOÇA E BIGUAÇÚ
Fonte: SISTEMA INTEGRADO DE SEGURANÇA PÚBLICA (SISP) E GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E ANÁLISE CRIMINAL (GEAC)
Anexos: ***



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
DIRETORIA DE INFORMAÇÃO E INTELIGÊNCIA – DINI
GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E ANÁLISE CRIMINAL – GEAC



Tabela 1 – Nº de ocorrências no ano de 2013

MUNICÍPIO	FATO COMUNICADO	MÊS									
		MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ		
BIGUAÇU	ESTUPRO CONSUMADO	1	5	3	4	1	2	3	2		
	ESTUPRO TENTADO	1	1	0	1	0	1	0	2		
	HOMICÍDIO CONSUMADO	0	0	1	2	0	0	1	0		
	HOMICÍDIO TENTADO	2	1	0	0	0	0	0	0		
	FURTO DE VEÍCULO	6	11	16	13	6	15	12	10		
	ROUBO TENTADO	1	0	3	1	1	0	0	0		
	ROUBO	21	19	14	13	15	12	13	20		
	ROUBO DE VEÍCULO	1	5	10	8	15	6	9	6		
	SEQUESTRO RELÂMPAGO - EXTORSÃO	0	0	0	0	0	0	0	0		
	SEQUESTRO OU CÁRCERE PRIVADO	0	0	0	0	0	0	0	0		
FLORIANÓPOLIS	ESTUPRO CONSUMADO	8	10	12	13	12	17	13	20		
	ESTUPRO TENTADO	3	4	8	4	6	1	2	3		
	SEQUESTRO OU CÁRCERE PRIVADO	1	3	1	3	0	1	0	0		
	HOMICÍDIO CONSUMADO	3	4	1	3	4	9	3	6		
	HOMICÍDIO TENTADO	10	10	3	7	7	6	9	5		
	FURTO DE VEÍCULO	69	88	95	85	75	69	67	88		
	ROUBO TENTADO	5	12	16	7	7	3	6	9		
	ROUBO	143	129	143	137	131	139	148	121		
	ROUBO DE VEÍCULO	21	29	36	25	22	24	36	29		
	SEQUESTRO RELÂMPAGO - EXTORSÃO	0	2	2	0	0	0	2	1		
PALHOÇA	ESTUPRO CONSUMADO	7	6	6	11	9	8	5	8		
	ESTUPRO TENTADO	1	2	1	3	0	2	1	6		
	SEQUESTRO OU CÁRCERE PRIVADO	0	1	0	0	0	1	0	0		
	HOMICÍDIO CONSUMADO	6	1	2	3	1	2	2	3		
	HOMICÍDIO TENTADO	3	2	0	3	3	1	2	1		
	FURTO DE VEÍCULO	22	24	33	32	38	31	32	37		
	ROUBO TENTADO	2	4	4	2		1		2		
	ROUBO	16	22	23	18	29	23	23	20		
	ROUBO DE VEÍCULO	2	7	4	9	7	9	10	2		
	SEQUESTRO RELÂMPAGO - EXTORSÃO	0	0	0	0	0	1	0	0		
SÃO JOSÉ	ESTUPRO CONSUMADO	7	7	11	9	5	10	7	5		
	ESTUPRO TENTADO	1	1	2	0	0	3	1	0		
	SEQUESTRO OU CÁRCERE PRIVADO	0	0	0	1	0	1	0	0		
	HOMICÍDIO CONSUMADO	6	5	2	4	3	2	1	2		
	HOMICÍDIO TENTADO	4	4	6	2	1	1	4	6		
	FURTO DE VEÍCULO	95	66	112	103	96	87	84	61		
	ROUBO TENTADO	2	2	1	5	2	4	2	0		



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
DIRETORIA DE INFORMAÇÃO E INTELIGÊNCIA – DINI
GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E ANÁLISE CRIMINAL – GEAC



SÃO JOSÉ	ESTUPRO CONSUMADO	7	6	5	12	5	5	5	9	12	11	5	7
	ESTUPRO TENTADO	1	1	0	1	0	0	1	2	2	0	2	1
	SEQUESTRO OU CÁRCERE PRIVADO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0
	HOMICÍDIO CONSUMADO	2	3	3	1	4	1	0	1	2	1	4	2
	HOMICÍDIO TENTADO	4	3	8	1	7	8	3	7	5	2	7	7
	FURTO DE VEÍCULO	73	65	61	90	96	94	75	60	74	49	50	53
	ROUBO TENTADO	3	8	5	6	2	3	6	5	2	9	3	5
	ROUBO	88	88	97	125	88	99	106	98	119	126	140	107
	ROUBO DE VEÍCULO	29	33	44	27	42	52	28	39	30	27	26	30
	SEQUESTRO RELÂMPAGO - EXTORSÃO	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0

Fonte: Sistema Integrado de Segurança Pública – SISP/PC e Gerência de Estatística e Análise Criminal – GEAC
Atualização: 20/09/2016

Tabela 3 – Nº de ocorrências no ano de 2015

MUNICÍPIO	FATO COMUNICADO	MÊS				
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
BIGUAÇU	ESTUPRO CONSUMADO	4	0	3	1	3
	ESTUPRO TENTADO	2	1	1	0	0
	HOMICÍDIO CONSUMADO	2	0	3	2	1
	HOMICÍDIO TENTADO	2	0	1	0	1
	FURTO DE VEÍCULO	16	10	16	14	10
	ROUBO TENTADO	0	0	1	1	1
	ROUBO	22	46	32	21	32
	ROUBO DE VEÍCULO	5	6	10	4	6
	SEQUESTRO RELÂMPAGO - EXTORSÃO	0	0	0	0	0
	SEQUESTRO OU CÁRCERE PRIVADO	0	0	0	0	0
FLORIANÓPOLIS	ESTUPRO CONSUMADO	18	5	11	12	10
	ESTUPRO TENTADO	4	5	7	5	3
	SEQUESTRO OU CÁRCERE PRIVADO	0	1	1	0	1
	HOMICÍDIO CONSUMADO	3	2	2	3	2
	HOMICÍDIO TENTADO	7	5	3	11	10
	FURTO DE VEÍCULO	104	105	111	56	63
	ROUBO TENTADO	11	4	7	11	12
	ROUBO	208	228	217	197	216
	ROUBO DE VEÍCULO	24	40	63	39	43
	SEQUESTRO RELÂMPAGO - EXTORSÃO	4	2	6	0	2
PALHOÇA	ESTUPRO CONSUMADO	6	3	10	5	4
	ESTUPRO TENTADO	2	1	1	1	3
	SEQUESTRO OU CÁRCERE PRIVADO	1	1	0	1	0



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
DIRETORIA DE INFORMAÇÃO E INTELIGÊNCIA – DINI
GERÊNCIA DE ESTATÍSTICA E ANÁLISE CRIMINAL – GEAC



	HOMICÍDIO CONSUMADO	1	1	1	1	2
	HOMICÍDIO TENTADO	7	3	1	3	5
	FURTO DE VEÍCULO	42	32	23	25	16
	ROUBO TENTADO	1	3	2	2	2
	ROUBO	43	42	49	40	42
	ROUBO DE VEÍCULO	9	15	17	11	7
	SEQUESTRO RELÂMPAGO - EXTORSÃO	1	0	0	0	0
SÃO JOSÉ	ESTUPRO CONSUMADO	10	6	18	6	3
	ESTUPRO TENTADO	3	3	2	0	4
	SEQUESTRO OU CÁRCERE PRIVADO	0	0	0	1	1
	HOMICÍDIO CONSUMADO	3	0	3	1	5
	HOMICÍDIO TENTADO	6	4	3	5	2
	FURTO DE VEÍCULO	92	63	87	86	65
	ROUBO TENTADO	7	1	5	5	3
	ROUBO	121	125	121	137	152
	ROUBO DE VEÍCULO	41	43	23	25	24
	SEQUESTRO RELÂMPAGO - EXTORSÃO	1	0	0	3	1

Fonte: Sistema Integrado de Segurança Pública – SIS/PC e Gerência de Estatística e Análise Criminal – GEAC
Atualização: 20/09/2016